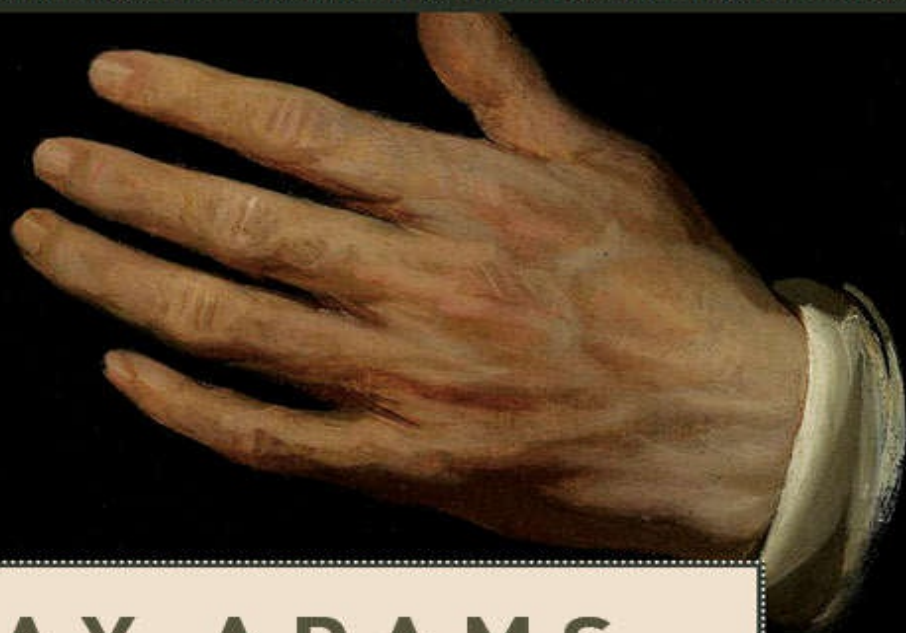




De
PERDOADO
a
PERDOADOR

APRENDENDO *a* PERDOAR UNS *aos*
OUTROS *da* FORMA *de* DEUS



JAY ADAMS

De perdoado a perdoador

*Aprendendo a perdoar uns aos outros da forma de
Deus*

Jay E. Adams

Copyright © 1994 de Jay E. Adams
Publicado originalmente em inglês sob o título
From Forgiven to Forgiving
pela Calvary Press Publishers,
Amityville, Nova Iorque, EUA.



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO

Caixa Postal 2416

Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970

Telefone: (61) 8116-7481 — Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2015

Tradução: Luís Fernando de Souza Alves e Maria Isabel Corcete Dutra

Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto e Maria Isabel Corcete Dutra

Capa: Márcio Santana Sobrinho



PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,

SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da

Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),

salvo indicação em contrário.

para
BRANDON JAY
com alegria e esperança

Sumário

PRÓLOGO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. O QUE É PERDÃO?

2. O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊ?

3. O PERDÃO É CONDICIONAL

4. PERDÃO APÓS PERDÃO

5. QUANDO VOCÊ É O OFENSOR

6. OUTROS ERROS RELATIVOS A PERDÃO

7. PERDÃO NÃO É TUDO

8. E QUANTO AOS DESCRENTES?

9. MANTENDO A PROMESSA

10. EM FAVOR DE QUEM?

11. ARREPENDIMENTO, CONFISSÃO, E PERDÃO

12. PERDÃO, NA PRÁTICA

13. A IGREJA, UMA COMUNIDADE PERDOADORA

14. OBSTÁCULOS AO PERDÃO

15. ATALHOS PERIGOSOS, ESTRATAGEMAS E EVASÕES

16. PERDÃO: HORIZONTAL E VERTICAL

17. O PODER DO PERDÃO

18. PERDÃO FINAL

19. CONSEQUÊNCIAS CONTÍNUAS

20. CULPA, AMOR, ALEGRIA, & PERDÃO
CONCLUSÃO

PRÓLOGO

Num tempo em que a igreja vem redescobrando a importância do perdão e da restauração, *De perdoado a perdoador* é uma abordagem prática de relacionamentos reconciliadores e da compreensão de um caminhar mais profundo com o Senhor.

Antes de começarmos qualquer relacionamento duradouro, temos de aprender como perdoar, uma vez que todos nos ferimos uns aos outros. A Bíblia diz: “... perdoando-vos uns aos outros...” Ela não diz apenas “perdoando os outros”, mas “perdoando-vos uns aos outros”. É uma aventura de cooperação mútua. Não só precisamos perdoar; também precisamos receber perdão. Essa é a marca de um cristão.

Dia a dia, cada um de nós se depara com sua própria necessidade do perdão de Deus; portanto, precisamos ouvir o que Deus tem a nos dizer sobre o assunto. Jesus nos ensinou a orar: “... e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores...” (Mt 6.12). É claro, então: se não perdoamos, não somos perdoados.

Esse é um aspecto que parece esquecido em nossas igrejas hoje. E como é usualmente um processo doloroso, o perdão é também com muita frequência ignorado.

De perdoado a perdoador caminha com o leitor através de todos os aspectos dessa questão crítica — da

definição bíblica de perdão a um guia para passo-a-passo colocar em prática essas verdades. Jay Adams dá algumas ideias claras e sugestões úteis sobre como tornar-se uma pessoa perdoadora.

Se você já lutou com o conceito de perdão, quero incentivá-lo a ler este livro. Que o Espírito Santo lhe revele, mais uma vez, esta verdade — seus pecados estão perdoados pelo sangue expiatório de Jesus. E que, por sua vez, você perdoe outros.

— **Dr. D. James Kennedy**

Pastor

Coral Ridge Presbyterian Church

Fort Lauderdale, Florida

PREFÁCIO

Escrevi este livro com dois propósitos:

1. Proporcionar ao cristão em geral uma obra simples, de leitura fácil — um texto que ele pode ler, reler e voltar a ler, conforme a necessidade. Tenho a esperança de que, segundo esse propósito, esta obra encontre ampla aceitação entre o povo de Deus e seja um meio de trazer a igreja a um reconhecimento da importância do perdão.

2. Tentei identificar a maioria dos principais erros em que atualmente se crê ou que são ensinados por várias pessoas na igreja cristã. Não desejo atacar os que têm pontos de vista, considerados por mim antibíblicos, diferentes dos meus. Desejo, porém, alertá-los quanto a esses pontos de vista e salientar por que são inaceitáveis.

Pensei na possibilidade de fornecer exemplos e estudos de caso referentes a cada ponto ao longo do texto. Mas preocupava-me o fato de que fazê-lo se tornaria demasiado pesado e, portanto, diminuiria o valor do livro como um volume de referência rápida. Portanto, mantive este material no mínimo.

Oro para que o volume que agora publico chegue a muitas mãos e faça muito bem na igreja de Cristo. Espero que maridos e esposas, filhos e pais, empresários e funcionários, e oficiais e membros da igreja, sejam ajudados.

Este é o tipo de livro que pode ser recomendado a

peessoas em processo de aconselhamento para complementar o próprio aconselhamento. Pode ser usado como um guia para a reunião de oração semanal com o fim de estimular debates e o estudo da Bíblia. Pode ser usado numa classe da Escola Dominical ou num grupo de jovens. Tentei produzir um livro facilmente compreensível para pessoas de mais idade e me esforcei para torná-lo o mais amplamente adaptável possível.

Se você achar o livro útil, recomende-o a outros ou sugira aos oficiais de sua igreja que se habilitem a usá-lo em uma ou mais das formas referidas no parágrafo anterior. Porém, o que quer que você faça, lembre-se: o perdão é uma condição importante para a comunhão com o Pai celestial. Não é uma opção. Perdoar é uma ordem de Deus. Também não podemos ficar levantando hipóteses sobre como perdoar, a quem perdoar, quando perdoar, ou quantas vezes perdoar. Deus não nos deixou sem informação explícita. Os princípios bíblicos não são difíceis de se entender, apesar de parecer que muitas pessoas têm encontrado diferentes formas de entendê-los mal. A maioria dessas ideias errôneas vem de duas fontes: (1) da Psicologia, que alguns tentam integrar com a verdade bíblica, assim distorcendo a verdade bíblica em favor da Psicologia; (2) da falta de um estudo cuidadoso dos ensinamentos bíblicos, e de sua consequente substituição por suposições e conjecturas.

Que nosso grande Deus, que em seu Filho nos trouxe perdão, o abençoe à medida que você procura aplicar essas verdades à sua vida.

INTRODUÇÃO

Você está sentado na primeira fila diante de uma tela enorme, esperando o show começar. Não é um show comum: auditório lotado, cada assento ocupado. As pessoas arrastaram cadeiras para os corredores. Alguns estão de pé ao redor, nos cantos da sala; outros, do lado de fora, olham através das janelas.

Por que todo o interesse neste show em particular? Há uma boa razão. O filme prestes a começar é a principal apresentação de *sua história de vida, não expurgada!*

“A versão não expurgada?” — você pergunta.

Sim, a coisa toda! *Nada* foi apagado. Lá, em cores vivas, você verá tudo que já fez — todas aquelas coisas que fez quando pensou que ninguém estivesse olhando, as coisas que você, alegremente e há muito tempo, esqueceu. Além disso, na trilha sonora você ouvirá tudo o que já disse — até mesmo aquelas coisas que murmurou, num sussurro (“Se eu pudesse colocar minhas mãos naquela ameixa velha seca, eu torceria o pescoço dela!”). Nada vai ser omitido.

Suponha que esse filme esteja disponível para exibição fora de Hollywood. Naquela tela, em som e a cores, será projetado tudo o que você já *pensou*. Todas as coisas em que se permitiu chafurdar — as coisas que gostaria de ter feito caso pensasse poder escapar impunemente. Porque seria a parte mais succulenta de todas.

Diga-me, se todos os seus amigos, parentes e inimigos se reunissem numa tal profusão para ver esse filme, você estaria lá no final do show para agradecer os aplausos? Se fosse a minha história de vida, você não me encontraria lá nem cinco minutos durante o show! E se você é honesto, acho que vai admitir que também não estaria lá.

“Estou contente porque ninguém tem o filme da minha vida”, você diz.

Ah, mas alguém tem sim! *Deus* tem o filme. Além do mais, ele está planejando mostrá-lo (Lucas 12.2-3) — não diante de uma multidão tão insignificante como essa, mas diante de todo o universo! E não haverá lugar para se esconder.

Há apenas um modo de você poder evitar tão terrível acontecimento: Deus destruir o filme. Esse, claro, é o fim para o qual Jesus veio. Ele veio para morrer pelos pecados do seu povo. Todos os que têm vergonha de suas vidas, que reconhecem que pecaram diante de Deus, e que, em fé, vêm para o Salvador ressuscitado, dizendo: “Jesus, eu creio que o Senhor morreu por meus pecados, tomando sobre si a punição que mereço” — esses serão perdoados. Deus levará o filme e o lançará nas profundezas do mar. Ele vai removê-lo para tão longe quanto o oriente está do ocidente. Deus não vai se lembrar mais, não mais lançará os pecados desses homens e mulheres contra eles.

Perdão — que coisa maravilhosa! Perdão é a maior necessidade do homem. Sem ele, o homem está condenado a passar a eternidade no inferno, sofrendo por seus pecados.

Com o perdão, o homem vai passar a eternidade no céu, com Deus, deleitando-se com os frutos eternos da justiça de Cristo.

Se você nunca foi perdoado por Deus nem reconheceu que não pode atrever-se a entrar em sua presença sem perdão, carregado com a culpa de seus pecados, então confie em Cristo como Salvador hoje. Ele vai limpar seu registro diante de Deus e dar-lhe uma nova vida aqui, capacitado pelo poder do Espírito e dirigido pela Palavra de Deus, de modo que você pode começar, aqui e agora, a servir a Cristo, como seu Senhor.

Mas este livro não é sobre pessoas não perdoadas sendo perdoadas; é sobre pessoas perdoadas — filhos de Deus — tornando-se pessoas *perdoadoras*. É sobre o problema dos crentes perdoadando uns aos outros.

O apóstolo Paulo escreveu: “... sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoadando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Ef 4.32). Deus espera que seus filhos, perdoados de uma dívida enorme, perdoem outros que, em comparação, devem tão pouco (cf. Mt 18.21-35).

Perdão é o óleo que mantém a máquina do lar cristão e da igreja funcionando perfeitamente. Num mundo onde mesmo aqueles que foram declarados perfeitos em Cristo pecam, há muito a perdoar. Cristãos que deveriam trabalhar em estreita colaboração encontram-se amassando os para-choques uns dos outros, de vez em quando quebrando um farolete ou dois, e às vezes até mesmo tendo colisões frontais. Sob tais condições, perdão é o que impede as coisas de se

quebrarem completamente.

“Porém, são muitas as casas e igrejas cristãs que estão sucumbindo”, você objeta.

Exatamente. É por isso que este livro foi escrito. Parece que muitos cristãos esqueceram tudo sobre perdão. Em vez disso, exigem que os outros os tratem como acham que deveriam ser tratados, e quando tal não acontece, choramingam a perda do respeito próprio. De fato, alguns parecem ter aprendido tão pouco sobre perdão, que têm pouco para esquecer. Outros ainda podem ter comprado todo tipo de ideia errada sobre perdão.

Este livro é uma tentativa de aliviar o problema, proporcionando-lhe um conhecimento prático do que a Bíblia diz sobre perdão. Oro para que Deus use este livro para ajudá-lo, e aos membros de sua casa e igreja, a trabalharem de acordo com o que melhor agradar a ele.

1. O QUE É PERDÃO?

Como você vai descobrir mais tarde neste livro, a resposta correta para a pergunta no cabeçalho deste capítulo é essencial. Em qualquer estudo, uma compreensão adequada das questões básicas é importante desde o princípio, como um alicerce sobre o qual construir-se estruturas da verdade. Esse é certamente o caso quando se considera o perdão. Até que essa pergunta básica seja abordada satisfatoriamente, você abordará outras questões relacionadas ao perdão quer de modo satisfatório quer não.

“Não tenho tanta certeza de que entendo seu ponto de vista. Todo mundo não sabe o que é perdão? Porque, quando alguém me ofende, espero que venha e se desculpe. Então digo a ele: ‘Tudo bem’. Isso é perdão, não é?”

Não, receio que não. Preste atenção: muitas ideias erradas circulam por todo lado mascaradas como perdão, porém, não são o perdão bíblico. Na verdade, provavelmente a maioria dos cristãos tem ideias erradas sobre perdão, assim como o citado no parágrafo anterior.

“Bem, não consigo enxergar o que há de errado com as ideias que expressei. Estou perplexo; sempre pensei que perdão fosse uma dessas áreas, ao contrário de batismo e predestinação, onde não há o que discutir. Você vai precisar de alguma boa conversa para me convencer de que não entendo o que é o perdão.”

Percebo isso. Também reconheço que a discussão sobre perdão é comumente negligenciada, porque todos acham que entendem do assunto, quando na verdade não entendem. Tome, por exemplo, o conceito de “pedir desculpas”. Onde você encontra isso na Bíblia? Por acaso autores bíblicos igualam “desculpar” e pedir perdão, como fazem muitos autores cristãos de hoje?

“Bem... não. Acho que não. Mas todo mundo sabe que pedir desculpas é o que você faz quando pede perdão.”

Francamente, tenho medo de que isso seja o que a maioria dos cristãos pensa. Porém, como você vai descobrir mais tarde, pedir desculpas não é apenas não bíblico, é, porém, o substituto inadequado, do mundo, para o perdão. Não quero discutir agora o conceito de desculpar, mas trouxe-o para a conversa, porque você o mencionou. E o que você disse é um bom exemplo do que tenho falado — suposições erradas tão difundidas, que poucos pensam em questioná-las.

“Bem, acho que não consigo pensar em nada na Bíblia que nos diga para pedir desculpas, então talvez haja uma coisa ou duas que, afinal, eu possa aprender sobre o perdão. Mas ainda não consigo perceber em que circunstâncias desculpar-se é um substituto para perdão.”

Vamos chegar lá, na hora certa, mas primeiro, como eu disse, é importante construir um alicerce bíblico adequado para todas essas discussões. Por isso é que, neste ponto, quero falar sobre o próprio perdão. O que é perdão, afinal? Há pelo menos dois modos de responder a essa pergunta.

O que o perdão faz e é

Podemos falar sobre o que o perdão *faz* (isto é, o que ele realiza). Fazê-lo é falar de maneira prática, em termos de seus resultados. Em tal resposta a nossa reação começaria com palavras como: “Perdão é um processo pelo qual...”.

Esse é um modo de responder à pergunta. Talvez seja a principal forma pela qual foi respondida por teólogos e pregadores ao longo dos anos. Quão importante é essa resposta — e falaremos mais sobre isso em outro lugar neste livro — não é o que desejo considerar aqui.

O outro modo como a questão “O que é perdão?” pode ser respondida é discutindo sua natureza ou essência. Isso quer dizer que, tendo cozinhado tudo junto, que elemento irreduzível restou, que faz perdão ser perdão?

Por muitos anos li sobre perdão, falei sobre perdão, preguei perdão. E a maioria do que eu disse era verdade. No entanto, havia algo faltando, algo que permanecia vago, não explicado — alguma coisa intangível que perseguiu meus passos. Então, um dia comecei a pensar profundamente sobre perdão. No processo, me perguntava: “O que é o perdão, afinal?”. Você sabe, é que eu não tinha uma resposta. Eu simplesmente não sabia afirmar o que é o perdão, em sua essência. “É um sentimento?” — eu me perguntava. Mas isso não parecia certo. “Deus não me obriga a perdoar o meu

irmão, quer eu sinta quer não?”^[1] Ao contrário das modernas discussões sobre perdão, nada há na Bíblia sobre “sentimentos de perdão” ou sobre “ter sentimentos de perdão” para com o outro. Não, esse é claramente o caminho errado para se obter uma resposta. Bem, então, o que é perdão?

Pensando no assunto, lembrei-me de que Paulo nos diz em Efésios 4.32 para perdoar-nos “uns aos outros, como também Deus, em Cristo, nos perdoou”. “Entre outras coisas”, pensei, “isso significa que o nosso perdão deve modelar-se ao perdão de Deus. Para descobrir o que é perdão, preciso estudar o perdão de Deus”. Finalmente eu encontrara a chave que abriria a porta para o significado de perdão.

É claro, quando perdoa, não é que Deus apenas se assenta nos céus e se emociona. Assim, perdão não é um sentimento. Se fosse, nunca saberíamos que fomos perdoados. Não; quando perdoa, Deus vai aos arquivos. *É ele quem o diz*. Ele declara: “Eu não me lembrarei dos seus pecados” (Is 43.25; cf. Jr 31.34). Não é maravilhoso? Quando perdoa, Deus *nos faz saber* que não vai mais conservar, registrados contra nós, os nossos pecados. Se perdão fosse apenas uma experiência emocional, não saberíamos que fomos perdoados. Mas graças a Deus, sabemos, porque o perdão é um processo no final do qual Deus declara que o problema do pecado foi resolvido de uma vez por todas.

Agora, o que é essa declaração? O que Deus faz quando vai aos arquivos dizendo que nossos pecados são perdoados? Deus faz uma promessa. Perdão não é um

sentimento; perdão é uma *promessa*!

Perdão é uma promessa

Nunca se esqueça deste fato. É um dos fatos mais admiráveis de todos os tempos. Quando nos perdoa, o nosso Deus promete que não vai mais se lembrar dos nossos pecados, contra nós. Isso é maravilhoso!

“Sim, reconheço que isso é o que Isaías e Jeremias dizem. Mas sempre tive um problema com tais declarações. Como Deus, que conhece todas as coisas — passado, presente e futuro — pode esquecer algo? Como pode esquecer nossos pecados?”

Ele não o faz.

“Mas não está escrito que ele não vai mais se lembrar dos nossos pecados?”

Sim, é verdade; no entanto, isso não é a mesma coisa que esquecê-los. Obviamente, o Deus onisciente que criou e sustenta o universo não se esquece, mas pode “não se lembrar”. Veja: esquecer é passivo e é algo que nós seres humanos, não sendo oniscientes, fazemos. “Não se lembrar” é ativo; é uma promessa pela qual uma pessoa (no caso, Deus) determina não se lembrar dos pecados da outra pessoa [usando-os] contra ela^[2]. “Não se lembrar” é simplesmente uma forma de dizer: “Não trarei à tona estes problemas para você ou outras pessoas, no futuro. Vou enterrá-los e não exumarei os ossos para com eles golpear sua cabeça. Nunca vou usar esses pecados contra você”.

“Então, agora vejo a diferença! Você deu a solução de um problema perturbador que eu nunca tinha sido capaz de resolver. Com toda a certeza estou agradecido por obter uma explicação clara e satisfatória do assunto. Talvez haja mais a respeito de perdão do que à primeira vista. Provavelmente tenho muito mais a aprender do que imaginava...”

Sim, e dos fatos que discutimos neste capítulo, há implicações importantes, que têm a ver com perdão mútuo entre os irmãos, implicações que tenho de discutir num capítulo posterior. Talvez, por agora, você tenha de ver a importância de começar com o básico.

2. O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊ?

Talvez a maneira mais fácil de começar a discutir as implicações do capítulo anterior seja mergulhando numa principal passagem sobre perdão em que Jesus tinha as seguintes palavras para dizer:

Acautelai-vos. Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe. Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe.

Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumentanos a fé.

Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá. Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim

também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: ‘Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lucas 17.3-10).

Um aviso

As palavras: “Acautelai-vos [Estai em guarda]” (v. 3) pode parecer uma introdução incomum para uma discussão sobre perdão, contudo, foi assim que Jesus começou. Ele deve ter tido uma razão. Pense nisso por um minuto.

O renomado pregador Charles Spurgeon, que tinha um caso muito grave de gota, foi abordado por um homem que alegou que seu reumatismo era mais doloroso que a gota de Spurgeon. Ora, você simplesmente não diz coisas como essa a Spurgeon e foge! Spurgeon respondeu: “Vou dizer-te a diferença entre reumatismo e gota: Aperta o teu dedo e torce-o até que não possas suportar a dor; isso é reumatismo. Agora, dá-lhe mais três voltas; isso é gota!”.

Jesus o adverte porque no versículo 3, há tanto reumatismo quanto gota. Nos versículos 3-10, há um dos ensinamentos mais difíceis do Novo Testamento. Não é difícil de entendê-lo, apenas difícil de colocá-lo em prática. Jesus o previne: o que ele está prestes a dizer será difícil de engolir. Então cristão, prepare-se para isto: “Acautelai-vos” [“Estai em guarda]”.

O reumatismo

“Se teu irmão pecar, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe”. Essas são palavras difíceis. A primeira é difícil, extremamente dura, e a segunda mais ainda. Mas vamos olhar primeiro para o reumatismo: “Se teu irmão pecar, repreende-o”.

Como o versículo 4 deixa claro, o pecado sobre o qual Jesus está falando é um pecado contra *você*. A pergunta surge de imediato: Como você lida com os pecados contra você? Pense nisso um pouco. Como você *lida*?

Aqui está você, cuidando de seu próprio negócio, não provocando ninguém à raiva, apenas observando a cena. De repente, literal ou figurativamente (é provável que a última) seu irmão (ou irmã) vem, pisa em todos os seus dedos dos pés, e desaparece ao longo da colina. Lá está você — não por sua culpa — com dez dedos achatados como dez panquecas de moedas de prata. Eles doem! Agora, o que você faz a seguir?

Bem, alguns começam a lamentar-se e sentir pena de si mesmos. Olham para o xarope e o despejam todo sobre seus pés. Armam uma festa de piedade e convidam outros a se juntarem. Mas isso não é o que Jesus disse para fazer.

Outros ficam furiosos. Fazem tempestade procurando tornar sua ira conhecida, e vão atrás do irmão para dizer isso a ele ou atacar sua casa, chutando cadeiras ou crianças. Nem é isso o que Jesus disse para fazer.

Um terceiro grupo, mais piedoso que o restante, vai à congregação mostrando seus dedos achatados, dizendo a cada

um dos que encontram: “Agora, você entende: não quero fofocar dizendo-lhe o que fulano ou ciclano fez. Só estou avisando, para que você possa se proteger de uma tal injúria no futuro”. Mas Jesus também não disse para você fazer isso.

O que ele disse?

Jesus diz: “Repreende-o”. Isso é reumatismo!

O que ele lhe diz para fazer é ir atrás do irmão, levá-lo (gentilmente) pelo colarinho, e dizer: “Irmão, olhe para os meus dedos!”.

Note, Jesus não permite que você vá contar aos outros sobre isso, sentar-se num canto com pena de si mesmo, descontar em outros da sua vizinhança, ou mesmo dizer aos presbíteros. Ele diz para ir àquele que pisou em seus dedos, e conversar com ele sobre o assunto.

Por que você tem de ir

“Mas por que eu deveria ir?” — você pergunta. “Eu não comecei nada. Eu era um espectador inocente, apenas observando a cena, quando ele (ou ela) veio e achatou meus dedos. Não é ele que deve me procurar?”

Essa é uma pergunta razoável e feita por muitos. O problema é que a maioria dessas pessoas reage de modo errado. Com efeito, o que Jesus está dizendo é que sempre que seu irmão ou irmã faz algo errado com você, você é obrigado a agir. Não importa quão inocente você possa ter sido, quem tem de ir é você.

“Mas ele não é obrigado a vir a mim? Não vejo por que o pecado dele contra mim me obriga a agir. Ele que venha a mim!”

Sim, como uma questão de fato, se ele pecou contra você, ele é obrigado a vir até você. Mas isso é outra passagem, à qual não estamos nos referindo agora (Mt 5.23-24). A ordem em Lucas é para você ir até ele. Ambas as ordens são importantes; você deve ir e ele deve ir. Idealmente, vocês devem encontrar-se um ao outro no caminho.

“Bem, se ele é obrigado a ir, eu não vejo por que devo fazê-lo também.”

Deixe-me tentar explicar. Você não viu sua amiga Jane durante vários meses; ela esteve longe viajando. Nesta manhã, você a vê na igreja, sentada no lado oposto do edifício. Você não pode esperar até que o culto termine para falar com ela. Ao final do culto, você se apressa entre os bancos e, feliz, a chama, “Jane! Jane! É tão bom te ver!”. Mas Jane levanta o nariz no ar, vira-lhe as costas, e vai para fora da igreja tão rápido quanto possível, sem ao menos lhe dar um “Como vai você?”.

Você fica lá ferida e perplexa. Se reagir como muitos fazem, você vai dizer: “Hurrruummmph! Se é assim que ela vai agir, então que assim seja! Posso esperar até que ela esteja menos convencida e queira conversar. Então, talvez, eu esteja pronta para fazê-lo e, pode ser que eu nem queira mais falar!”.

Mas, veja você, Jesus não vai deixá-la fazer isso. Ele diz para você ir atrás dela e mostrar a ela seus dedos dos pés.

Suponha que você o faça. Tendo se recuperado do choque, você diz para si mesma: “Algo está errado aqui. Tenho de chegar ao fundo da questão. Não posso deixar que isso aconteça entre mim e Jane”. Então você corre para fora da igreja atrás dela. Lá está ela em seu carro. Você vai lá e diz: “Jane! O que há de errado? Eu estava tão feliz de vê-la em casa de novo que corri para falar com você ao final do culto, mas quando me dirigi a você, você levantou o nariz e saiu. O que há de errado?”.

Talvez a resposta de Jane seja algo como: “Oh! Não, Mary. Nem sequer ouvi ou vi você! Imagine, peguei um resfriado na minha viagem, e hoje o pastor pregou por quase uma eternidade, e eu deixei meus lenços no carro, e tinha certeza de que estava para ensopar todo o meu vestido novo e minha Bíblia. Por isso é que coloquei meu nariz para cima e corri aqui para fora para pegar estes lenços. Eu estava tão preocupada com tudo que não vi ou ouvi você”.

“Ilustração estúpida”, você diz.

Sim, mas eu a escolhi porque conheço muitos casos em que amizades foram destruídas por desentendimentos tão estúpidos quanto esse. Você não vê? *Você* é obrigado a ir, porque o irmão ou a irmã pode não saber que pisou em seus dedos do pé. Pode ser tudo um mal-entendido. Assim, a regra é:

O que está com os dedos feridos é que vai, porque ele é o único que de fato sempre conhece a situação.

Repreendendo — o que isso significa aqui

É importante aqui distinguir entre coisas diferentes entre si. No Novo Testamento há duas palavras para “repreender”. Uma significa “prosseguir num caso contra outra pessoa que está convicta do crime de que foi acusada”. É desnecessário dizer, essa não é a palavra usada neste nosso contexto.

A outra palavra, a que Jesus usa no contexto aqui discutido, significa “repreender experimentalmente”. Isso quer dizer que, quando vai, você deve fazê-lo com cautela. Você vai com os fatos, como os vê. Apresenta esses fatos e então espera por uma possível explicação que possa esclarecer um mal-entendido ou apaziguar a situação. Se não houver, o crime foi cometido, e se seu irmão se arrepende, você deve perdoá-lo. Se ele se recusar, isso pode levar a uma informal (e finalmente formal) disciplina na igreja. Mas estamos nos adiantando. Agora, é importante ressaltar que ao ir, você dá ao irmão a oportunidade de explicar qualquer mal-entendido, se ele puder fazê-lo.

Muito para o reumatismo; agora a gota: “Se ele se arrepender, perdoa-lhe”.

“Essa é a gota? Pensei que você tivesse dito que a segunda metade do versículo 3 era mais difícil que a primeira. Certamente não vejo como repreendê-lo é mais fácil do que perdoá-lo se ele se arrepender.”

Bem, há uma boa razão para o alerta de Jesus. Se

baixar sua guarda, você poderia facilmente ser induzido a pensar assim. Mas deixe-me esboçar um breve cenário.

Aí está você, mais uma vez, simplesmente parado ali observando a cena, não fazendo mal a ninguém, não provocando ninguém à ira ou raiva, quando, de repente, de um céu azul claro, “*pow!*”. Literal ou figurativamente (é provável que o último), seu irmão bate em você bem no nariz! Aí está você, nutrindo e acalentando seu nariz dolorido quando lá vem ele, chapéu na mão, arrastando-se.

Ele diz: “Você sabe o que fiz?”.

Você responde: “É claro que sei; por que você fez isso?”.

“Bem”, ele diz, “sabe, eu tenho esse temperamento terrível, e fiquei chateado, e você era o que estava mais por perto, então eu... Oh! Sinto muito. Não foi nada pessoal. Você vai me perdoar?”.

“Sim”, você diz, moldando seu nariz de volta à forma, “*mas não faça isso novamente*”.

Cinco minutos mais tarde, justamente quando seu nariz está começando a se sentir um pouco melhor, “*pow!*”. Ele faz isso de novo! E mais uma vez ele vem, chapéu na mão, arrastando-se em sua direção. “Sabe o que eu fiz?”

“Tenho certeza que sim. Por que você fez isso? Pensei que você tivesse dito que não ia fazer de novo!”

“Bem, sabe, eu tenho esse temperamento, e...”

“Eu sei sobre o seu temperamento.”

“Bem, você não pode fazer muito para vencer um

gênio como este em cinco minutos! Você vai me perdoar?”

“Sim, mas não faça isso de novo!”

Não uma, nem duas, mas sete vezes no mesmo dia (literal ou figurativamente), ele lhe mete um soco no velho nariz. E por sete vezes volta, pedindo perdão. O que você vai fazer?

Bem, há muitos que vão dizer: “Uma vez, sim; duas, talvez; três vezes — de jeito nenhum”.

Mas Jesus disse: “Se, por sete vezes no dia, pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: ‘Estou arrependido’, perdoa-lhe” (v. 4). Essa é a gota; isso dói!

Agora, é claro, por “sete vezes” Jesus não quis dizer *apenas* sete vezes; ele só arredondou com esse número, significando, com efeito: “qualquer que seja a frequência com que isso aconteça dessa forma, você deve perdoá-lo”.

Os apóstolos entenderam muito bem que essa foi “a gota”. “Então os apóstolos disseram ao Senhor: Caramba! Aumenta a nossa fé” (v. 5). Claro, não havia “caramba!”, porque os gregos não tinham uma palavra para isso. Porém, ela certamente expressa a atitude deles. Estavam dizendo: “Senhor, se tivermos de fazer isso, vamos precisar de mais fé!”.

Essa foi uma boa resposta da parte deles, não foi?

Não! Não foi. Foi uma piedosa fuga às responsabilidades! Veja como Jesus lidou com a questão: “Respondeu-lhes o Senhor: ‘Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: ‘Arranca-te e transplanta-te

no mar’, e ela vos obedecerá” (v. 6). O que Jesus estava dizendo? Ele estava dizendo: “Eu lhes disse para fazerem algo e aqui estão vocês arranjando desculpas sobre por que vocês não conseguem. Vocês dizem: Quando tivermos mais fé, vamos obedecer. Mas não antes. Digo-lhes que não é uma questão de quanta fé vocês têm. Se você tem alguma fé afinal de contas, mesmo um pouquinho do tamanho de um grão de mostarda, você pode fazer maravilhas com isso. Não me diga que você precisa de mais fé. Isso é uma questão de obediência, não uma questão de quantidade de fé”.

Assim, a desculpa “quando eu tiver mais fé” se estilhaça.

No entanto, note também como Jesus estruturou seu exemplo: “Se ele pecar... sete vezes *por dia*... e retornar sete vezes, *dizendo* ‘Arrependo-me’”... Tal texto elimina uma segunda desculpa comum, usada para não obedecer.

As pessoas vão dizer: “Mas se ele me bate no nariz (literal ou figurativamente) sete vezes por dia, seu arrependimento não pode ser sincero; afinal de contas, ‘pelos seus frutos você o conhece’. Eu o perdoaria se visse qualquer fruto condizente com arrependimento”.

Porém, quando foi que você viu uma melancia crescer em *um dia*? Ou um melão? Até mesmo uma uva? Jesus dá seu exemplo de tal modo que nenhuma desculpa poderia fazer sentido. Fruto leva tempo para crescer. Leva cultivo, trabalho, *etc.* E como Jesus colocou, o homem vem, “*dizendo*” que está arrependido. Em amor, “crendo em todas as coisas, na esperança de todas as coisas”, você deve

considerar a pura e simples palavra desse homem na ocasião. Não, você não pode dizer: “Quando vir o fruto, vou perdoar”. A segunda possível desculpa se evaporou.

E antes que venha a terceira desculpa, Jesus conta uma história:

Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando ele voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que, antes, não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, enquanto eu como e bebo; depois, comerás tu e beberás? Porventura, terá de agradecer ao servo porque este fez o que lhe havia ordenado? Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer (Lucas 17.7-10).

Imagine esse escravo, que esteve trabalhando debaixo de um escaldante sol palestino durante todo o dia, voltando para casa. Está cansado, com sede, faminto, suado e malcheiroso. Seu mestre viu sua condição e lhe disse: “Vá tomar um banho e comer alguma coisa”? Absolutamente não! Nem pensar! O que ele diz é: “Vá se livrar dessas roupas suadas, fedorentas, tomar um banho, depois vá para a cozinha e faça o meu jantar. E nem prove da comida até que eu tenha acabado de comer”. Talvez, o mestre tenha até posto um guarda para ver se suas ordens seriam cumpridas.

Agora, aqui está este servo jogando pedaços dourados de manteiga numa panela de purê de batatas. Há ervilhas verdes borbulhando no fogão, e o aroma de carne assada enche o ar. Você não consegue vê-lo? Lá está ele, com seu próprio estômago roncando, água na boca, mas não pode sequer beliscar a comida. No momento em que leva a comida, ela nem parece mais um alimento. Parecem montanhas de batatas, lagos de molho, campos de ervilhas verdes e florestas de bife chegando ao céu. E ele tem de ficar lá, uma toalha pendurada num dos braços, esperando seu mestre terminar de brincar com a última ervilha na ponta do garfo. Então ele tem de trazer a sobremesa! Mas em vez de sobremesa, parecem cataratas do Niágara de creme chantilly em cascata sobre penhascos de damascos!

Ok, você entendeu bem até aqui? Agora pense a respeito. Tudo naquele escravo diz: “Coma isso sozinho; esqueça o que aquele cara lá fora disse”. Mas ele não pode. Ele tem de obedecer a seu mestre *contra todos os seus próprios sentimentos*. Ele não pode dizer: “Se eu sentir, vou obedecer”. E Jesus destacou que, mesmo assim, ele não fez nada de excepcional, mas apenas assumiu a obrigação de obedecer.

Então, três desculpas foram demolidas. Você não pode escusar-se dos mandamentos de Cristo sobre perdão, simplesmente dizendo: “Quando eu tiver mais fé”. Ou: “Quando eu vir o fruto”. Ou: “Quando sentir, vou perdoar”.

Não confie em seus sentimentos

“Mas, espere um minuto! Deus não quer que eu seja um hipócrita, não é?”

Não.

“Então, se eu perdoar alguém quando não estou disposto a fazê-lo, não vou ser hipócrita?”

Não. Deixe-me dizer-lhe por quê. A única razão pela qual você levanta tal objeção é porque foi influenciado pelos tempos orientados-pelo-sentimento em que vivemos. Veja: para pensar dessa forma deve-se adotar a visão, não bíblica, orientada-pelo-sentimento de hipocrisia. Seu argumento é que, se não se *sente* de fato perdendo, concedendo perdão ao outro, você será falso e, portanto, hipócrita. Mas, na verdade, você comprou um ponto de vista muito tolo. Deixe-me explicar. Todas as manhãs, faço algo contra todos os meus sentimentos: eu me levanto. Dificilmente quero me levantar. Eu gostaria de jogar o despertador pela janela, cobrir a cabeça com as cobertas, e esquecer todo negócio desagradável. Mas não. Eu me levanto. Ora, isso faz de mim um hipócrita? Claro que não. E essa não é a única coisa que tenho de fazer contra os meus sentimentos. Durante todo o dia, a fim de ser responsável para com Deus e os outros, tenho de fazer muitas coisas contra os meus sentimentos. O que significa o fato de, mesmo contra meus sentimentos, eu cumprir minhas responsabilidades? Significa simplesmente que estou sendo responsável.

A visão bíblica de hipocrisia faz sentido. Se eu lhe

tivesse dito ou o tivesse levado a acreditar que adoro sair da cama pela manhã, quando a verdade é que detesto, então eu teria agido de forma hipócrita. Mas eu já lhe disse a verdade.

“Bem... Consigo entender isso, mas alguma coisa ainda parece errada.”

Talvez porque você ainda esteja se agarrando a uma visão orientada-pelo-sentimento do perdão. Mas vimos no último capítulo que o perdão não é um sentimento, mas uma promessa. Agora você vê quão importante é esse fato? Vamos explorá-lo um pouco mais. Lewis Smedes está certo quando diz “... nem se pode perdoar verdadeiramente por dever”?^[3]

A promessa de perdão

Você pode fazer uma promessa quer sinta quer não, e pode mantê-la quer sinta quer não. Você está na igreja, por exemplo. O pastor se dirige aos maridos que são desatenciosos com suas esposas: “Qual foi a última vez em que você levou sua esposa para jantar fora?”. Você pensa: *“Vamos ver... Foi em setembro ou março de 1978?”*. Então, ele o pegou; você está condenado. Você não sente vontade de sair para comer, mas sabe que deveria. É seu “dever”. Então, no caminho de casa você diz: “Querida, vou levá-la para jantar na sexta à noite”. Você não sentiu vontade, mas fez isso. Veja, você pode fazer uma promessa quer sinta vontade quer não. Você *pode* perdoar verdadeiramente, por dever.

Quando diz “... porque fizemos apenas o que

deveríamos fazer” (Lc 17.10b), Jesus está falando sobre dever. Smedes está errado.

Agora imagine que a promessa de jantar, feita por você no domingo, é seguida pela pior semana da história. Tudo que poderia dar errado no trabalho deu. Agora é sexta-feira. Você não pode esperar para chegar em casa — relaxar, colocar os pés para cima, desfrutar de comida caseira... Você esqueceu sua promessa. À medida que caminha até a porta da frente, você quase pode sentir o cheiro da refeição da noite que sempre o cumprimenta! Mas quando abre a porta, dá de cara com sua esposa totalmente vestida, e em seu juízo perfeito! De repente, você se dá conta. A última coisa que sente vontade de fazer é sair para comer, mas você vai — ou não, jantar! Pense: você também pode *manter* uma promessa quer sinta vontade quer não.

Gota? Claro. Reumatismo e gota. Mas é por isso que Jesus o advertiu desde o início.

Cristão, existe alguém que você se recusou a perdoar? Alguém que pisou no seu pé e a quem você nunca procurou? Você tem negócios inacabados para resolver? Então crie coragem com este capítulo e, pela graça de Deus, vá. Busque perdão para si mesmo por seu pecado de recusar ou protelar uma reconciliação. Então, fale sobre aqueles assuntos que estão entre vocês e resolva-os da maneira de Deus. Não deixe de lado por mais tempo. Arrependa-se, peça perdão a Deus, e depois vá e faça o que Cristo manda.

Recusar-se a perdoar é uma decisão de vingança. É tomar a vingança em suas próprias mãos. José levou a lógica

da vingança pessoal à sua conclusão lógica quando, em resposta ao suposto pedido de perdão de seu pai, disse a seus irmãos: “Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus?” (Gn 50.19). Uma vez que o Senhor disse: “Minha é a vingança; a retribuição” (Dt 32.35), vingança de qualquer espécie, mesmo o protelar o perdão, é uma tentativa de arrogar a obra de Deus para si mesmo.

Quando diz a alguém: “Eu o perdoo”, você lhe faz uma promessa. É uma promessa tríplice. Você promete não lembrar seu pecado, não trazê-lo à baila para ele mesmo, nem para outros, nem para si mesmo. O pecado está enterrado. Essa promessa é às vezes mais fácil de fazer que de manter. Mais adiante vou dedicar todo um capítulo a esse problema de manter a promessa tríplice de perdão. No entanto, por agora, duas coisas podem ajudar: Primeiro, lembre-se de quantas vezes em cada dia, Jesus perdoa. Segundo, se você realmente perdoou, não é a sétima vez, não é a quinta. Não é nem mesmo a segunda. É sempre a primeira.

3. O PERDÃO É CONDICIONAL

E se a outra pessoa não pede perdão ou, após ter sido confrontada com seu próprio pecado, recusa-se a confessá-lo? Aludi ao problema no último capítulo, mas aqui temos de enfrentar a questão com maior profundidade.

Hoje, muitos líderes cristãos erroneamente ensinam que devemos perdoar o outro, mesmo quando essa pessoa claramente não tem a intenção de pedir perdão. Por exemplo, David Augsburger escreve: “A singularidade de Cristo foi a forma de dar o perdão mesmo antes de pedido, e mesmo quando não ou nunca foi pedido pelo outro”.

Como testemunho para essa afirmação surpreendente, ele cita a oração de Cristo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23.34). Augsburger continua: “Pensar que não precisamos perdoar até que nos peçam perdão é um mito a ser derrubado!”.^[4]

Vamos refletir sobre essas declarações extraordinárias no tempo devido. Mas por agora, ouça alguns outros. Em seu livro *Set Free*, Betty Tapscott é tão insistente em que devemos “perdoar incondicionalmente”,^[5] que ensina: “Há momentos em que temos até de perdoar um animal”.^[6] Ela continua: “Algumas pessoas têm de perdoar uma denominação inteira... e uma raça inteira de pessoas” ou “todo o país”.^[7]

Obviamente, você não pode repreender um animal na esperança de que ele vá confessar um pecado e arrepender-se,

ou até mesmo toda uma denominação, raça ou país. Tapscott está falando de um perdão desconhecido dos escritores bíblicos que nunca insinuam algo do tipo. O que há de importante aqui, é que ela está tentando lidar com o assunto como verdade, mas suas ideias não só parecem improváveis como também correm contra a própria ideia de perdão em si, propriamente entendida como uma promessa feita a outro.

Descrevendo a prática de Kenneth Mcall, Roger Hurding escreve: “Aqui há a ideia de um ‘duplo perdão’ em que o paciente voluntariamente perdoa parentes mortos... e, ao mesmo tempo, pede perdão a eles... Mcall vê Jesus Cristo como o mediador dessas duas vias de reconciliação”^[8]. Nesse sistema, é evidente que o perdão de pessoas ausentes foi a tal ponto que Mcall recomenda não apenas orações aos mortos, mas, ao que parece, também uma forma de espiritismo.

Finalmente, numa tese de doutorado, lidando com o perdão dos pais de alguém, o escritor afirma: “O ato de perdoar não precisa da presença real dos pais. O paciente, verbalmente, endereça o perdão aos pais imaginados presentes”.^[9]

Esses exemplos são típicos de vários movimentos de ensino cristão espalhados na igreja os quais afetam muitas pessoas. Todos eles lidam com problemas reais, mas de uma forma não bíblica. Eu poderia facilmente multiplicar exemplos, mas, não há dúvida, você já encontrou uma ou mais manifestações dessas ideias em seus contatos com outros cristãos. O curioso é que a ideia de perdão sem arrependimento tornou-se tão difundida que agora é também

adotada por não cristãos.

A oração de Cristo na cruz

Comecemos considerando as declarações de Augsburger sobre a oração de Jesus quanto ao perdão daqueles que o crucificaram. Aquela oração foi, de fato, um exemplo de perdão “dado... mesmo antes de pedido” e “mesmo quando não ou nunca foi pedido pelo outro”? Ele é sensato em querer “destruir” o que chama de o “mito” de que “não temos de perdoar até que nos peçam perdão”?

Se, de fato, Jesus, sem impor condições, perdoou os que o crucificaram, então, é claro, isso significaria que eles haviam sido perdoados, sem ouvir ou crer no Evangelho. É claro também que tal ensino é herético, e Augsburger pode não ter pensado, com muito cuidado, em suas implicações. Certamente, ele não quer dizer que Cristo perdoou as pessoas, do nada, à parte da pregação da fé (Rm 10.14ss). Por outro lado, se Cristo realmente orou a oração que Augsburger descreve, teria sido uma oração contradizendo toda a Escritura e, incidentalmente, uma oração que falhou.

Na cruz, Jesus não perdoou; ele orou. O mesmo é verdadeiro quanto a Estêvão. Se o perdão é incondicional, Jesus, Estêvão, e outros, teriam *perdoado* seus assassinos em vez de usar o que, se verdadeiro, seria uma forma indireta de fazê-lo. Em outras ocasiões, Jesus não tinha hesitação em dizer: “Seus pecados estão perdoados”. Não, contrariamente às alegações da Augsburger, o dizer da cruz não foi uma

declaração de perdão (incondicional ou não), mas uma oração. A referência à cruz é, em certo sentido, irrelevante, uma vez que não era um caso de perdão, afinal de contas.

Como as palavras de Cristo podem ser mais bem explicadas?

Bem, não queremos dizer que Cristo orou uma oração não bíblica — isso é sem fundamento. Então, nalgum sentido, devemos reconhecer que a oração era legítima. Desde que Jesus disse ao Pai: “Aliás, eu sabia que sempre me ouves [presta atenção]” (João 11.42), nós também acreditamos que sua oração foi respondida. Como pôde ser isso? Não à parte dos meios, mas *por meio* deles.

A oração de Jesus foi respondida na resposta à pregação de Pedro e dos apóstolos no dia de Pentecostes, e em outras ocasiões em que milhares de judeus se arrependeram e creram no Evangelho (Atos 2.37-38; 3.17-19; 4.4). Eles não foram perdoados do pecado de crucificar o Salvador à parte do crer que ele morrera pelos pecados deles, mas, precisamente crendo assim, em resposta à pregação fiel do Evangelho em Jerusalém. Não precisamos recorrer a alguma doutrina estranha de perdão dos pecados excluindo a fé em Cristo, a fim de explicar a oração de Jesus.

Assim, é claro que o perdão pelo qual Cristo orou não era incondicional, mas dependia inteiramente da fé no próprio ato com o qual ele estava comprometido no momento em que orava. Quão inimaginável é que Cristo pudesse estar passando pelos sofrimentos da cruz, morrendo por pecados do seu povo, a fim de perdoá-los, e naquele momento pedisse perdão

por algum outro meio! Quando ensinam doutrinas não bíblicas, os homens ficam em apuros diante de outros ensinamentos bíblicos e são forçados a interpretar as Escrituras de maneira não ortodoxa. O chamado “mito” que Augsburger quer invalidar acaba por ser a própria verdade de Deus.

E quanto a pais, gatos, países e igrejas inteiras?

Obviamente, as opiniões de Betty Tapscott são estranhas à Bíblia. Embora nos seja ordenado perdoar os outros, nunca lemos nada sobre perdoar animais ou massas de pessoas que somos incapazes de repreender, cuja confissão de pecado nunca poderíamos ouvir, ou a quem não podemos fazer a promessa de “não lembrar”, contra eles, os pecados deles. É um perdão muito diferente do perdão de Deus que Tapscott ensina. De fato, à medida que alguém examina seu livro, fica claro que a maior preocupação de Tapscott é com *o que o perdão faz para aquele que perdoa* e não como o perdão agrada a Deus ou demonstra amor aos outros. Essa mesma ênfase auto-orientada está por trás de muitas medidas extraordinárias, tais como falar com os mortos, perdoando pais cuja presença é “imaginada” (Velazquez-Garcia) e “perdoando” os grandes grupos de pessoas totalmente alheios a esse perdão.

Alguma verdade em tudo isso?

Sim, existe uma verdade muito mal compreendida e muito deturpada. É encontrada numa passagem que (corretamente) trata do problema de perdoar quando o único a ser perdoado não está presente ou não quer confessar o pecado. Trata-se de Marcos 11.25: “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”.

Aqui, uma boa distinção deve ser feita. Como vimos, quando nos perdoa, Deus vai ao registro que declara que não vai mais lembrar nossos pecados. Essa é a *concessão* de perdão pela qual ele promete nunca mais usar, contra nós, o registro dos nossos pecados. No entanto, como vimos no capítulo 1, o perdão *faz* alguma coisa: retira a culpa dos ombros de outro, permitindo a reconciliação. Mais à frente, vamos precisar discutir a reconciliação de maneira mais completa; porém, nesse versículo Jesus está preocupado com a atitude do crente diante de Deus, em oração. Se interiormente não está disposto a perdoar seu irmão, não pode esperar o perdão do Pai. Assim, precedendo à *promessa* (ou *concessão*) de perdão ao outro, a pessoa tem de preparar-se para remover essa culpa a fim de que a promessa que faz, mesmo contra seus sentimentos, seja sinceramente pretendida e mantida. Não pode simplesmente repetir uma fórmula; tem

de perdoar de coração.^[10] Como seu Pai celestial, por meio da oração, o crente busca tornar-se “*pronto* a perdoar” (Sl 86.5). Esse é o significado de Marcos 11.25.

Note que na oração não se “finge” perdoar outro, nem comunicar-se com os mortos. O que se faz é expressar *a Deus* sua preocupação genuína de se reconciliar com seu irmão (se possível) e sua vontade de conceder perdão a ele. Sua oração é a Deus, e uma vez que você não concede perdão a Deus, a palavra “perdoar”, no versículo, deve ser utilizada, por extensão, para expressar a disposição de perdoar outro. Talvez isso signifique ainda mais. Possivelmente, implica numa oração, cujo modelo é a oração de Cristo, em que Deus também vai perdoar o ofensor (novamente, não à parte de, mas através dos meios). Certamente, podemos ter certeza de algo mais, que é uma oração para tirar todo o ressentimento e amargura do coração do suplicante.

É também claro que este “perdão” em oração de modo algum isenta alguém de conceder perdão a seu irmão. O mau uso desse versículo propicia um caminho mais fácil àqueles que não querem enfrentar o reumatismo e a gota mencionados no capítulo anterior.

Comentando Marcos 11.25 (em *An American Commentary* [Um comentário americano]), Clarke diz: “Oração é um extraordinário poder, mas não pode ser usado para a satisfação de ressentimentos pessoais”. Pode ser que, depois de amaldiçoar a figueira (não um ato de ressentimento pessoal, mas um ato simbólico de Jesus como Messias para o Israel não arrependido), e de suas palavras sobre o poder da

oração, que precedem esse versículo em Marcos, Jesus quis distinguir entre o ato pessoal e o ato oficial, de modo que ninguém tivesse a ideia de que poderia usar a oração como um meio de amaldiçoar outros por vingança pessoal. O que quer que possa ser dito sobre o porquê desse versículo, é claro que ele não dá apoio a qualquer das visões estranhas demonstradas acima.

Disciplina eclesiástica

Em Mateus 18.15ss, Jesus estabelece um esboço de programa de disciplina eclesiástica que ele pretende que sua igreja siga. Esse programa (para detalhes, veja meu livro *Handbook of Church Discipline*), basicamente se move em quatro etapas:

Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois

dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles. (Mateus 18.15-20)

Como você pode observar, o irmão que sofreu a ofensa vai a seu irmão (assim como vimos em Lucas 17.3). Se houver confissão e perdão, o problema está resolvido ali mesmo e não se tem de ir mais longe. A reconciliação acontece. Se o irmão que pecou se recusa a ouvir seu irmão, este último deve retornar com um ou dois outros para atuarem dessa primeira vez como conselheiros, e se ainda não há arrependimento, para atuar no próximo passo como testemunhas. Novamente, se forem bem-sucedidos e o perdão ocorrer, o problema acaba por ali. Mas se não conseguem convencer o irmão recalcitrante a se arrepender, o problema é formalmente levado diante da igreja. Se houver arrependimento e perdão, o assunto para por ali. Porém, se tal medida extrema ainda falhar, então o ofensor é excluído da igreja e tratado como um pagão e coletor de impostos (ambos os quais estavam fora da igreja). Algo nesse processo ainda soa remotamente consoante à declaração de Minirth e Meier de que “*devemos perdoar, não importa qual resposta recebamos da outra pessoa*”?[\[11\]](#)

Agora, observe como, pondo em execução

arrependimento, perdão e reconciliação, mais e mais pessoas (dois sozinhos, um ou dois outros a mais, toda a Igreja e, finalmente, o próprio mundo) são envolvidas no processo.

Se o perdão fosse incondicional, então todo esse processo de disciplina seria impossível. O que sustento aqui é que a própria existência de um programa como esse nos *exige* crer que o perdão é condicional. Considere o seguinte:

Se fôssemos conceder perdão a um irmão à parte de seu arrependimento e desejo de perdão, então por que preocupar-nos com o processo? Alguém poderia simplesmente dizer “Eu o perdoo” e ir embora. Todo o destaque da natureza progressiva do programa de disciplina de Cristo é que onde não há arrependimento, esforços cada vez maiores devem ser feitos para concretizá-lo. O assunto não pode ser descartado simplesmente dizendo: “Eu o perdoo, quer você se arrependa quer não”. Deus não está interessado no perdão como um fim em si mesmo, ou como uma técnica terapêutica que beneficie o que exercer o perdoar. Deus quer que a reconciliação aconteça, e isso só pode ser resultado de arrependimento.

Uma vez que o programa existe, é ordenado por Cristo, e Cristo promete trabalhar por ele para resolver problemas pessoais (cf. v. 18-20; v. 18 não é ordenado para pequenas reuniões de oração), temos de contar com esse programa. Não nos atrevamos a ignorá-lo por causa de alguns programas que desejamos seguir em seu lugar. A razão pela qual o processo de disciplina eclesial é tão pertinente para a presente discussão é esta: Nenhum cristão pode, qualquer

que seja a situação, fazer uma promessa que vá impedi-lo de obedecer a uma ordem clara de Cristo.

Se devemos perdoar irmãos e irmãs puramente por nossa própria conta, à parte de qualquer sussurro de arrependimento, ao fazê-lo, prometemos a eles não trazer o assunto novamente... a eles, aos outros, ou a nós mesmos. No entanto, é exatamente isso que o processo de disciplina eclesiástica nos obriga a fazer... trazê-lo de novo e de novo e de novo, para eles e para os outros, até que o arrependimento e a reconciliação se efetivem ou o irmão rebelde seja excluído da igreja.

Perdão de Deus

Nem é preciso dizer que uma vez que nosso perdão é modelado pelo de Deus (Ef 4.32), ele deve ser condicional. O perdão de Deus repousa sobre condições inconfundivelmente claras. Os apóstolos não apenas anunciaram que Deus havia perdoado homens, que devem reconhecer e se alegrar no fato, porém, mais exatamente, foram enviados a pregar “*arrependimento e perdão de pecados*” (Lucas 24.47; Atos 17.30). Os pecados dos que se arrependeram e confiaram no Salvador como o que derramou seu sangue por eles foram perdoados *nas condições de arrependimento e fé*. Paulo e os apóstolos afastaram-se dos que se recusaram a cumprir as condições, assim como João e Jesus fizeram antes, quando os escribas e os fariseus não se arrependeram.

Cada ofensa?

“Mas”, você pergunta, “alguém deve procurar o outro a cada ofensa? Deve haver repreensão, arrependimento e perdão de tudo o que acontece? Por que, marido e mulher dificilmente seriam capazes de manter listas de todos os problemas com que têm de lidar, quanto mais fazê-lo”.

Uma boa pergunta. Não. Deus providenciou um meio para lidar com o grande número de ofensas que cometemos uns contra os outros. Mas não é por meio de perdão. Em 1 Pedro 4.8, citando Provérbios 17.9, Pedro destaca que aquele que ama o outro “cobre multidão de pecados” em amor. É apenas com aqueles pecados que lançam faíscas é que se deve lidar pelos processos de Lucas 17 e Mateus 18: as ofensas que quebram a comunhão e levam a uma condição irreconciliável requerem perdão. Caso contrário, simplesmente aprendemos a ignorar uma multidão de ofensas contra nós, reconhecendo que todos somos pecadores e plenos de reconhecimento precisamos agradecer aos outros por cobrirem nossos pecados também.

Smedes não pode estar certo quando divide ofensas em categorias, das quais algumas teriam de ser perdoadas e outras não.^[12] Qualquer ofensa, não importa qual seja sua natureza, pode criar uma condição irreconciliável, dependendo de como a parte ofendida reage à ofensa. A mesma ofensa pode ou não resultar numa condição irreconciliável, dependendo de muitos fatores variáveis e

imprevisíveis, tais como a predisposição do ofendido, suas experiências passadas, o número de vezes em que isso foi repetido, como o ofendido a interpreta, e assim por diante. Portanto, listas categorizadas de ofensas são enganosas e inúteis.

Certamente, é possível racionalizar aqui. Posso dizer (e talvez até me convencer disto por um tempo) que eu cobri o pecado de um irmão quando eu de maneira nenhuma o tenha feito. É importante tornar-se escrupulosamente honesto consigo sem se tornar excessivamente escrupuloso. Se tem problemas desse tipo, você deve conversar sobre o problema, com seu pastor ou algum cristão maduro.

“Mas o que você faz quanto a perdoar os mortos ou outros com quem você perdeu o contato?”

Certamente, você não deve orar aos mortos. Nem deve encenar alguma farsa imaginando estar falando com eles. Uma vez que tais pessoas não podem arrepender-se e pedir-lhe perdão, você não lhes pode conceder perdão. Em oração, pode simplesmente dizer a Deus do seu desejo de perdoar e sua determinação de livrar seu coração de toda amargura e ressentimento em relação a eles. Isso é tudo que você pode fazer e tudo o que você precisa fazer. Os cristãos que morreram antes dessa reconciliação foram glorificados e aperfeiçoados. Não precisam do seu perdão. A glorificação os fez o tipo de pessoas de quem você se deleitaria em estar por perto; sem dúvida, encontrando-se com eles você esqueceria as ofensas que lhe tivessem feito. Aqueles com os quais você perdeu contato poderão cruzar seu caminho novamente.

Nessa ocasião futura você poderá, finalmente, lidar com assuntos com os quais deveria ter lidado antes.

Quando injustiçado por países (por exemplo, a Alemanha nazista) ou denominações, em vez de passar por um exercício de simulação chamado “perdão”, você deve seguir o exemplo dos santos no momento em que estavam sendo mortos (Atos 7.60), os quais, imitando seu Senhor, oraram pelo perdão de seus perseguidores. Em resposta, Deus pode agradar-se de trazer muitos do grupo de perseguidores ao arrependimento, levando ao perdão.

Que diremos, pois? É claro que perdão — prometendo ao outro nunca trazer sua ofensa novamente para usá-la contra ele — está condicionada à disposição do ofensor de confessá-la como pecado e pedir perdão.^[13] Você não é obrigado a perdoar um pecador não arrependido, mas você é obrigado a tentar trazê-lo ao arrependimento. Durante todo esse tempo você tem de nutrir uma genuína esperança e vontade de perdoar o outro e um desejo de reconciliar-se com ele. Porque esse ensinamento bíblico corre contra muitos ensinamentos na igreja moderna, é importante entendê-lo. Tal perdão tem como modelo o perdão de Deus, que, sem dúvida nenhuma, está condicionado a arrependimento e fé.

4. PERDÃO APÓS PERDÃO

Talvez o melhor resumo dos problemas abordados no capítulo anterior seja a descrição, por G. K. Chesterton, de um homem “tão ansioso para perdoar que negou a necessidade de perdão”.^[14] Embora isso possa soar como um paradoxo, Chesterton está descrevendo uma pessoa para quem o perdão torna-se tão superficial e sentimental que ela já não vê a necessidade de um verdadeiro perdão bíblico.

Comentando Mateus 6.12, Broadus^[15] refere-se à mesma dificuldade, mas coloca-a um pouco diferente. “Porém, como vários termos expressivos do dever cristão, a palavra perdoar vem sendo usada, com frequência, num sentido enfraquecido, e muitas mentes ansiosas são enganadas por sua ambiguidade.”^[16] Por causa do pensamento superficial, tentando encontrar um modo mais fácil de escapar de reumatismo e gota, ou apenas por um simples mal-entendido, muitas ideias errôneas sobre perdão têm sido levadas em consideração. Neste capítulo, nossa tarefa é remover mais alguns obstáculos, permitindo-nos, assim, chegar à verdade preciosa que se esconde por trás da questão.

Simplificando, o problema é o seguinte: Como pode haver perdão após perdão? Se você foi perdoado de uma vez por todas pela fé em Jesus Cristo, por que há, depois, qualquer necessidade de perdão da parte de Deus ou aos

outros? Por que não dizer quando você pecar: “Obrigado, Senhor, está tudo coberto pelo sangue!” — e seguir o seu caminho? Como pode haver uma necessidade de arrependimento contínuo e de perdão, quando Deus prometeu não se lembrar daqueles pecados, lançando-os de novo, contra você?

Em seu livro provocativo *Truth vs Tradition* [*Verdade vs tradição*], Howard Hart escreve: “Não pode ser encontrado no contexto das escrituras do Novo Testamento, o conceito da necessidade de alguém como um crente confessar seus pecados a Deus, para obter perdão”.^[17]

Naquele capítulo, Hart está comentando 1 João 1.9 e, num argumento totalmente convincente, mostra que a interpretação tradicional é um erro. O versículo não fala da confissão regular pelos crentes, mas daqueles que são identificados como crentes, porque confessaram ou fizeram uma declaração do fato de serem pecadores. (Na verdade, Hart até poderia ter reforçado seu caso, notando como João usou a palavra *confessar* em outros lugares, como em 1 João 4.2-3). Mas quanto ao ponto principal ele está errado. Os crentes são obrigados a confessar a Deus e aos outros em arrependimento, a fim de receber o perdão. Há versículos que Hart não leva em consideração.

Ouçá estes:

... e perdoa-nos as nossas dívidas, *assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*; [...] Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará;

se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], *tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas*. (Mateus 6.12, 14-15).

Sem dúvida, na estrutura da Oração do Senhor (oração que Cristo deu a seus discípulos como um modelo para oração diária) a confissão de pecado conduz ao perdão. O único elemento na Oração do Senhor que Jesus ainda comenta, como uma espécie de nota de rodapé (vv. 14-15), é esse sobre perdão. Esse fato não só enfatiza a necessidade de perdão, mas no comentário sobre a cláusula de perdão na oração do Senhor, chega a enfatizar que a comunicação com o Pai sofre sempre que houver uma recusa de restabelecer comunicação com um irmão ou irmã por meio do perdão.

O mesmo destaque quase com as mesmas palavras é encontrado em Marcos 11.25, versículo que já tivemos a oportunidade de observar noutro aspecto: “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”.

Claro, há também Lucas 6.36-37: “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados”.

Em 1 Pedro 3.7, Pedro exorta os maridos: “Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento [literalmente, “de acordo com o conhecimento”] ... *para que não se interrompam as vossas orações*”. Novamente, a falha de maridos crentes em se

comunicarem adequadamente com suas esposas dificulta a comunicação com Deus. Obviamente, se o marido está falhando em seu papel, a comunhão com o Pai é interrompida; a maneira de corrigir isso é arrepender-se, pedir perdão a sua esposa e reconciliar-se com ela.

Daniel, um homem justo, não estava errado em confessar seus pecados, bem como os do povo, a seu Pai Celestial (Dn 9.20), estava? De modo semelhante, os israelitas, com toda a certeza estavam corretos em confessar seus pecados (Ne 9.2), como, na verdade, Esdras (Ed 9.5ss.; 10.1). E certamente, seria um erro ignorar as exortações em Tiago 5.15-16 e 1 Coríntios 11.31. Em ambas as passagens, o pecado do crente impenitente impede-lhe um bom relacionamento com Deus.

O que o escritor de Provérbios 28.13 tinha a dizer ainda se mantém bom. “O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia.”^[18]

No Novo Testamento, a palavra *confessar* significa “dizer a mesma coisa”. Assim, pode ser usada para expressar concordância com a verdade (como em 1 João, onde alguém professa concordar com o fato de que Cristo veio em carne) ou pode ser usada para expressar concordância com Deus quando ele diz que uma determinada atitude, pensamento ou comportamento é pecaminoso. No último sentido, é usada para alguém que reconhece seu pecado.

Assim como é errado confundir as duas, como Hart observou tão cuidadosamente sobre 1 João 1.9 (uma

passagem de que não devemos depender neste capítulo), também é igualmente incorreto repudiar passagens em que a confissão de pecado pelos crentes é descrita ou mencionada como tal.

Como o problema pode ser resolvido?

É óbvio que existe um problema quanto a perdão após perdão. Porém, a maneira de resolver o problema não é diminuir ou negar tanto a verdade de que fomos perdoados de uma vez por todas por Deus quanto a verdade também clara de que os crentes devem continuar a ser perdoados por Deus. Como essa aparente contradição pode ser resolvida?

Deus lida com os homens, tanto como Juiz quanto como Pai. Os seres humanos nascem relacionados a ele apenas como Criador e Juiz. Não nascem parte de sua família redimida. Como pecadores não perdoados, permanecem condenados ao castigo eterno. Quando, portanto, os homens ouvem o evangelho e confiam em Cristo como salvador, Deus perdoa seus pecados de uma vez por todas, como *Juiz*. No mesmo instante, os homens recebem o direito de se tornarem filhos de Deus (João 1.12). Depois disso, também se relacionam com Deus como *Pai*.

Em suas duas relações com o crente, Deus se relaciona de formas diferentes. Como Juiz, ele olha para o registro, que

é imaculado, puro, porque os pecados do homem — todos — são perdoados (não mais lembrados contra ele), e em seu lugar é feito o registro perfeito de Jesus Cristo. É esse lado judicial da relação que se completa, de uma vez por todas.

Porém, como Pai, Deus tem muito ainda a fazer para treinar os crentes a fim de se tornarem filhos obedientes. O próprio fato de Deus os disciplinar é uma prova de que são verdadeiros filhos (Hb 12.7-11). O Pai está tornando seus filhos santos (Hb 12.10b).

Parte desse treinamento envolve o pecado dos seus filhos. Embora não exclua da família os crentes pecadores, para benefício deles, o Pai disciplina-os pelos pecados cometidos. Espera que como filhos amados eles se arrependam, confessem seus pecados, e recebam seu perdão. A distinção importante a ter em mente é que há tanto perdão judicial quanto perdão do Pai. O primeiro é feito e concluído; o segundo está em curso.

Essa não é uma ideia nova. Foi ensinada há muitos anos na *Confissão de fé de Westminster*: “Deus continua a perdoar os pecados dos justificados... porque eles caem sob seu desagrado paterno”.^[19] Esses escritores há muito tempo resolveram o problema. É incrível como hoje velhas questões são levantadas com tanta frequência, porém, são dadas respostas menos-do-que-bíblicas. Parece haver pouca consideração com a maneira como essas questões foram tratadas na história da igreja.

Qual a evidência bíblica dessa distinção?

Alguma evidência bíblica dessa distinção já foi dada a partir de Hebreus. No entanto, mais uma vez, considere a Oração do Senhor e as outras passagens que descrevem a confissão e o perdão de pecados da parte dos crentes. Na introdução à Oração do Senhor, Jesus descreve o crente orando “Pai nosso”. A oração é uma oração a ser feita pelo filho de Deus; não pode ser feita (corretamente) por qualquer outro. Além disso, na nota final de Jesus à petição sobre o perdão (Mt 6.14-15), a palavra “Pai” é usada duas vezes: “... também vosso Pai celeste vos perdoará... tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas”.

Em Marcos 11.25, lemos: “... para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas”. E imediatamente antes das palavras em Lucas 6.37 — “... perdoai e sereis perdoados”, Jesus diz: “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6.36).

Parece evidente, então, que a distinção entre perdão judicial (tratado de uma vez por todas na justificação pela fé) e perdão paterno é uma construção bíblica. O uso regular de Jesus da palavra Pai nos contextos em que enfatiza a necessidade de perdão paterno não parece meramente incidental, mas deliberada.

De qualquer forma, é claro que as próprias Escrituras falam de perdão após perdão, e o consideram a coisa mais natural do mundo, como no caso de um Pai condicionar sua

vontade de estender seu perdão paterno às atitudes corretas de seus filhos em relação a outros membros da família.

O que é tudo isso?

Bem, já vimos que Deus está preocupado em disciplinar seus filhos, a fim de torná-los santos. Claramente, a retenção do perdão a um filho que o retém de outro é uma medida disciplinar, levada a cabo para o bem de toda a família. Não é que Deus não queira perdoar; as próprias passagens citadas são um incentivo para os filhos crentes perdoarem *a fim de que Deus possa perdoá-los rapidamente*. É certo — essa é a mais importante ideia nas passagens consideradas. No entanto, há mais que isso para entender.

Quando você tem de perdoar outra pessoa que o ofendeu, antes de confessar seu próprio pecado a Deus, esse fato o ajuda a reconhecer quão hediondo o seu pecado é para Deus. Refletindo sobre a questão, de repente você se lembra do pecado contra você: “Eu também sou como aquela pessoa que me ofendeu”. Ele manchou seu nome? Bem, você tem feito o mesmo com o nome de Deus. Ele foi ingrato com você? Como você tem sido ingrato para com Deus? É uma coisa salutar que naquele momento você confesse o pecado a Deus, não apenas aproximando-se dele como de hábito para tratar do seu pecado, mas também para enxergar que você o ofendeu ou pecou contra ele tão a sério quanto (ou muito pior

do que) você tem sido vítima de injustiças.

Junto com o benefício de você ser trazido para o ponto onde reflete sobre a gravidade de seus pecados, como Lucas 6.35 e Efésios 4.32 indicam, ligar o próprio perdão recebido de alguém ao perdão dado a seu irmão tende a desenvolver misericórdia e ternura naquele que ora. Da pessoa que se volta para a oração reconhecendo sua necessidade de perdão do Pai é requerido pensar também na necessidade que tem seu irmão de ser perdoado. Com efeito, é uma forma de chegar a amar o seu próximo *como a si mesmo*. Deus quer construir, em seus filhos, uma capacidade de compaixão.

Finalmente, uma pessoa cujo coração está cheio de vingança, amargura ou ressentimento não está pronta para o perdão, porque está agarrando-se a esses pecados, recusando-se a confessá-los e abandoná-los. De todas as perspectivas, então, você pode ver que Deus estruturou o perdão de um modo que tende ao bem de todos os seus filhos.

Então, em vez de considerar a confissão do pecado a Deus e a concessão de perdão como fardos, os cristãos têm de alegrar-se no fato de que com Deus “... está o perdão...” (Sl 130.4). É uma bênção incalculável ter um pai perdoador como Deus. Os budistas, por exemplo, precisam tentar contentar-se com esta declaração: “Não no céu, não no meio do mar, nem se entrarmos nas fendas das montanhas, há um lugar conhecido em todo o mundo onde um homem pode ser liberto de uma má ação” (*Dhammapada* 9.9)”^[20].

O islão tem 99 nomes de Deus, mas nenhum deles é “Pai”. Contudo, o seu Deus tem compaixão de você “como

um pai se compadece de seus filhos...” (Sl 103.13). A palavra de Deus afirma que ele é “misericordioso” e “perdoa a iniquidade” do seu povo (Sl 78.38). Louve-o e alegre-se porque lhe está assegurado aproximar-se do Pai em confissão piedosa.

E quanto a Mateus 18.21-35?

Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo

os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

Essa parábola é uma história que ilustra a verdade estudada em Mateus 6.14-15, Marcos 11.25 e Lucas 6.37. Mas os versículos 34-35 parecem revestir-se de um sentido muito mais sombrio. Como eles podem ser explicados?

Claramente, falada a Pedro (v. 21) e dirigida aos discípulos em geral (18.1, 21), a parábola tem a ver com os crentes e o perdão após perdão. É impossível relacionar a parábola apenas a incrédulos e, portanto, explicar as torturas (v. 34), *etc.* Como, então, ela pode ser relacionada a um Pai celestial misericordioso disciplinando seus filhos por meio do perdão?

Algumas das parábolas, que são verdadeiras histórias de vida, incluem personagens maus — o administrador desonesto, a viúva e o juiz, o chefe de família egoísta — fazendo na parábola exatamente o que fariam na vida real. Nem os personagens, nem as coisas que eles dizem ou fazem devem ser emulados. Os materiais de Jesus são tirados da vida

real e a representam como as pessoas em torno dele a conheciam. As parábolas, aliás, não são alegorias em que cada característica é um paralelo a alguma questão que esteja sendo tratada. Alguns dos detalhes, portanto, estão lá simplesmente para fazer a parábola subsistir como uma história, e não servem a outra função. Normalmente, apenas uma questão maior é levantada (aqui, na forma de uma pergunta, v. 33). Sempre que estivermos relutantes em perdoar alguém, a parábola nos humilha, salientando três pontos:

1. *A irracionalidade de nossa atitude.* Nós, que fomos tão perdoados por Deus (por cerca de R\$ 10 milhões, na parábola), nos recusamos a perdoar uma pequena dívida (possivelmente R\$ 20) a alguém. Ao fazê-lo, somos comparáveis ao fariseu que amou pouco, porque foi perdoado de pouco, em vez de comparados à mulher que amou muito porque foi muito perdoada (Lc 7.36-47).

2. *A maldade de tal atitude.* Como pode uma pessoa tão perdoada recusar-se a perdoar alguém de tão pouco? A própria crueza, e força, da comparação, pretendidas por nosso Senhor, coloca o assunto em sua luz exata. Em nossa justificação, fomos perdoados mais do que poderíamos imaginar. Não deveríamos, portanto, ser mais gratos e a partir de uma alta gratidão nos movermos para estender o perdão àqueles que, por comparação, cometeram pecados insignificantes contra nós, mesmo quando cometidos 70 vezes 7?

3. *O perigo de um tal espírito não perdoador.* Deus não vai ignorar isso. Se os reis chamam seus servos a prestar

contas, o Pai (note o uso desta palavra no versículo 35 de Mateus 18) não fará o mesmo?

“Mas e quanto aos verdugos?”, você pergunta. *“E quanto a pagar o último centavo?”*

Primeiro, muitos intérpretes tornam a palavra “verdugos” mero equivalente a carcereiros de uma rude espécie. Se for verdade, isso suaviza um pouco a situação. No entanto, não resolve o problema, de fato: na parábola, o rei revoga o perdão do servo perdoado. Junto com várias outras passagens, Romanos 11.29 nos mostra como é impossível que uma pessoa uma vez salva se perca e sofra castigo eterno. Portanto, a conclusão da parábola deve ser entendida de outra forma.

Alguns facilitam sua fuga ao problema, afirmando que o texto não fala de verdadeiros crentes, mas daqueles que fazem uma falsa profissão de fé, que *afirmam* ser perdoados, e que, por suas atitudes implacáveis, mostram que nunca o foram. Portanto, segundo esses, a conclusão da parábola refere-se ao julgamento eterno no inferno. Mas essa fuga parece muito fácil. Cristo estava falando a seus discípulos; estava especificamente respondendo a uma pergunta de Pedro. Referia-se a perdoar “irmãos” e com toda a clareza insiste em como fora grande o perdão que o servo tinha recebido.

Devemos aplicar a parábola a crentes, assim como as declarações semelhantes em Mateus 6 e em outros textos que se referem claramente a crentes. Fazendo-o, a revogação do perdão não tem de ser forçada, como se os cristãos pudessem

perder sua salvação, mais do que tem de ser enfatizada a ideia de tortura literal. O que Jesus está dizendo (e ele enfatiza que ele e o Pai estão em acordo nisso, chamando-o de “meu Pai”) é que, de uma forma ou de outra, Deus vai lembrar o crente que se esquece da magnitude da graça de Deus em perdoá-lo muito.

A mentalidade permissiva e indulgente de muitos cristãos de vanguarda hoje se revolta contra qualquer ideia de punição severa aplicada pelo Pai a seus filhos. No entanto, as passagens em Hebreus 12 e 1 Coríntios 11, já mencionadas, demonstram que Deus não reage de leve aos pecados dos santos. Hoje há muito ensino falso a esse respeito. Talvez, em nenhum outro ponto mais totalmente do que em relação às severas advertências dadas ao cristão que se recusa a perdoar.

Logo, perdão após perdão é um ponto importante que deve ser corretamente entendido. Sua cuidadosa atenção aplicada a tais questões não ficará sem recompensa. Os resultados inevitáveis serão uma comunhão mais próxima com seu Pai celestial e com seus irmãos e irmãs em Cristo, bem como a promoção de maior unidade em sua igreja.

5. QUANDO VOCÊ É O OFENSOR

Há momentos em que até mesmo os cristãos mais sinceros encontram-se em desacordo com outros. Muitas vezes não é culpa deles. Então, se não é uma ofensa que pode ser coberta em amor, é necessário prosseguir o caminho traçado em Lucas 17.3ss. Se a reconciliação não ocorre, é preciso empregar o processo de disciplina eclesiástica delineado em Mateus 18.15ss. Isso é muito claro. Mas o que dizer da vez em que *você* é o ofensor e não quer reconciliar-se com um irmão ou irmã? Esse é o assunto deste breve capítulo.

A primeira coisa que deve ser dita é que você se coloca em perigo. Você está em perigo de ser disciplinado pela igreja e, pior ainda, sua intransigência afetará seu relacionamento com seu Pai celestial. Uma vez que já comentei sobre ambos os assuntos da perspectiva do ofendido, você já sabe o que, na verdade, vai acontecer como resultado. Se seu irmão ou irmã falha em se aproximar de você conforme Lucas 17 ou Mateus 18 recomendam, como é provável numa igreja que raramente segue as instruções do seu Senhor, você pode pensar que consegue escapar com sua teimosia. Mas se por um momento o consegue, você se coloca numa posição ainda mais perigosa do que se seu irmão instituisse a disciplina da igreja contra você. Isso significa um longo período de más relações com o Pai em que é provável que você não só se tornará endurecido em seu pecado, mas, justificando-o, apenas amplia a ofensa. E como veremos, isso significa que

Deus, seu Pai, pode julgá-lo.

Fazer alguma coisa rapidamente

Foi por isso que Jesus enfatizou a importância de rapidamente chegar a um acordo com o seu oponente e até mesmo interromper um ato de adoração, quando necessário, a fim de se reconciliar. Aqui suas palavras:

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo. (Mateus 5.23-26)

Duas frases se destacam: “... vai primeiro...” (v. 24) e “entra em acordo sem demora...” (v. 25). Ambas enfatizam a urgência da reconciliação. A ideia de “primeiro” reconciliar-se, antes de prosseguir num ato de adoração é impressionante. Não é só urgência enfatizada, mas, novamente, as palavras de Jesus concordam com o que vimos no último capítulo. Deus insiste em que você tem de estar em boa relação com seus

irmãos e irmãs, caso espere permanecer em boa relação com ele. Sua adoração é inaceitável, caso você tenha ofendido alguém e não tenha feito o certo em relação ao ofendido — confissão e perdão. Primeiro (não perca a ordem de prioridade), antes de oferecer oferta a Deus, endireite as questões com seu irmão; a oferta que Deus realmente quer é a reconciliação (Sl 51.17).

A nota de urgência aparece não só aqui na cena de oferta em que a reconciliação tem precedência sobre o culto e no cenário sobre resolver as questões com um oponente legal no caminho para o tribunal. A urgência surge de novo em ordens como: “... não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4.26) e “Segui [uma palavra forte] a paz com todos...” (Hb 12.14).

Certamente, em 1 Coríntios 11.31 Paulo menciona um poderoso incentivo à reconciliação: “Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados”. Os cristãos de Corinto estavam agindo de maneiras repreensíveis que os distanciavam uns dos outros. Dividiam-se em grupos, usando seus dons de maneira egoísta e sem amor, e até (como essa passagem indica) falhando em mostrar amor um ao outro na mesa do Senhor (cf. vv. 18-22). Por não terem abandonado essas práticas pecaminosas e não se reconciliarem uns com os outros, o próprio Deus tinha começado a julgá-los por meio do envio de fraqueza, doença e até mesmo a morte (v. 30). Em meio a essa discussão, Paulo observou que tal julgamento da parte de Deus seria desnecessário. Se eles tivessem julgado a si mesmos, Deus não precisaria julgá-los.

Este é um aviso forte. Os que não lidarem rapidamente com seus pecados contra alguém não vão sair livres, mesmo quando uma irmã ou irmão ofendido falhar não utilizando a disciplina da igreja, ou quando uma congregação se recusar a exercê-la. Nessas circunstâncias, o próprio Deus vai agir em juízo. É melhor não esperar até que isso aconteça, diz Paulo. A coisa a fazer é julgar-se com cuidado. Com as palavras “nos julgássemos”, Paulo certamente incluiu lidar de uma maneira bíblica com os pecados que você descobre.

Mas e quanto ao Salmo 51.4?

No Salmo 51.4, Davi escreveu: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos...”. Se o pecado é contra Deus *somente*, como Davi (que tinha assassinado Urias e cometido adultério com Bate-Seba) parece afirmar, por que deve haver confissão a outra pessoa que tenha sido injustiçada? Não é suficiente confessar a Deus e buscar seu perdão?

Todas as passagens citadas até agora neste livro refutam qualquer ideia como essa. Mesmo que a exclamação agonizante de Davi não possa ser explicada a você para sua completa satisfação, há um testemunho bíblico esmagador acerca da necessidade de confissão aos seres humanos e da necessidade de ser perdoado por e reconciliados com eles. É clara a evidência de que todo pecado é pecado contra Deus,

mas também, de que muito do nosso pecado é também pecado contra o homem. A maneira apropriada de ver a situação é a maneira que Jesus propõe, quando coloca na boca do filho pródigo estas palavras: “Pai, pequei contra o céu e diante de ti...” (Lc 15.18).

“Mas o que, então, as palavras de Davi significam?”

Essa é uma boa pergunta. Duas respostas são dadas. A primeira: desde que o pecado de Davi, pecado que Davi, até então, conseguira manter em silêncio, tinha sido exposto por Natã com uma intensidade tão chocante (“Tu és o homem”), Davi (como mostra o salmo) estava sobrecarregado com dor e nada conseguia ver, a não ser o mal terrível que tinha cometido contra Deus. É a isso que suas palavras se referem. Por ele ser tão sensível à sua relação com Deus, foi isso e isso somente que dominou seu pensamento.

Há outra interpretação que traduz o versículo “Pequei contra ti, contra ti somente”. Isso quer dizer que, uma vez que o pecado foi cometido em segredo (2Sm 12.12), Deus, e somente Deus sabia a respeito. Davi aqui está reconhecendo que Deus, portanto, enviou Natã como seu mensageiro para expor o pecado que Davi tinha mantido em segredo e para chamá-lo ao arrependimento.

Qualquer que seja a melhor maneira de entender o versículo, certamente no versículo 14, onde se refere a seu crime de sangue, Davi reconhece seu erro contra Urias.

Um fato se destaca. Sempre que alguém peca contra seu irmão, pecou, assim, contra Deus também. Portanto,

nunca pode haver uma ocasião em que um cristão, obrigado a confessar pecado a outro e pedir-lhe perdão, também não seja obrigado a fazer o mesmo em relação a Deus. De fato, uma das possíveis maneiras de aproximar-se de seu irmão pode ser assegurando-lhe que pediu perdão a Deus e que agora o está pedindo a ele, o irmão ofendido. Mas os dois estão inseparavelmente ligados: não se pode pedir o perdão de Deus, e pretender mais tarde pedir o perdão de seu irmão se e quando você o evita. Não se pode separar os dois. Ao orar a Deus, devemos expressar um desejo genuíno e a intenção de nos reconciliarmos com nosso irmão. Caso contrário, como já vimos, Deus não está disposto a restabelecer ternas relações paternas.

A questão dos “pecados do coração”

Nem todos os pecados são transgressões exteriores, contra alguém. Quando falou de se cometer adultério no coração (Mt 5.28), Jesus referia-se ao que estou chamando aqui de um “pecado do coração”. O pecado do coração é conhecido apenas por Deus e o pecador. Não é conhecido da pessoa à qual o pensamento pecaminoso no coração é dirigido. Luxúria, ira, inveja, etc., que se incendeiam no coração, mas são tratados antes de serem exteriormente manifestados, não precisam ser confessados a ninguém, a não ser a Deus. De fato, confissão a pessoas totalmente

inconscientes do que você está pensando pode resultar em pecado adicional e mágoa desnecessária.

Pecados do coração devem ser cuidadosamente diferenciados de outras transgressões, desconhecidas de outras pessoas a quem você é obrigado a confessar e pedir perdão. Considere este cenário comum. Um marido ou uma esposa cometeu adultério. O fato é desconhecido de seu cônjuge. O caso é cancelado, o pecador está arrependido, e quer saber quais as suas responsabilidades para com seu cônjuge. Muitos (erradamente) aconselham: “Não diga nada a seu cônjuge. Se o fizer, você só vai causar mais problemas e dor de cabeça. O que ela ou ele não souber não vai doer”.

David Augsburger diz que certa vez aconselhou um homem a não contar à esposa sobre um caso:

“Então, não”, eu sugeri.

“Você quer dizer que para obter perdão não tenho de dizer nada a ela sobre isso?”

“Bem, tudo depende de você. Se você pode aceitar o perdão de Deus e confiar a ele seus sentimentos de culpa, talvez você não precise fazer revelações a ela com o fim de obter alívio.”[\[21\]](#)

Esse é um conselho pobre. A princípio pode parecer a coisa mais gentil e compassiva a se fazer. E, é claro, é fácil induzir alguém a acreditar nisso. Mas considere os fatos: diferente de um pecado do coração, houve um nítido ato de transgressão contra o cônjuge. “Porém ela não está ciente do acontecido”, você protesta. Certo — e falso. Não há relação

humana tão próxima quanto a relação de “uma só carne” do casamento. Certamente, discutindo isso em Efésios 5, Paulo diz que o que um marido faz a sua esposa ele faz a si mesmo (vv. 28-31). Portanto, quando a relação sexual foi violada, você pode ter certeza de que haverá um impacto sobre o casamento. Você simplesmente não pode permitir que uma terceira parte se ponha entre duas pessoas que são uma só carne, sem que sobrevenha um impacto.

Agora, é possível que a outra parte não vá saber que o adultério ocorreu, mas certamente vai sentir que alguma coisa está errada. Talvez, a parte inocente até pense que ele ou ela seja a pessoa em falta. Portanto, houve um pecado que afeta o outro, mesmo quando a outra pessoa não tenha conhecimento da causa exata da tensão no casamento.

Além disso, há toda sorte de formas pelas quais o fato do adultério pode tornar-se conhecido num momento posterior. Agora, quando o arrependimento é recente, é o momento de lidar com o pecado, não meses ou anos mais tarde. E é melhor confessar por sua própria iniciativa do que fazê-lo apenas depois de ter sido descoberto. A reconciliação é mais fácil nessas circunstâncias, porque a própria confissão é um sinal evidente de arrependimento.

Quão verdadeiro é o arrependimento, se falhamos em lidar com o problema? Existe uma preocupação real pela plena reconciliação? Há um desejo de resolver outros problemas no relacionamento que podem ter levado ao pecado? Essas são perguntas importantes que não podem ser deixadas de lado. E quanto ao culpado? Que tipo de

relacionamento futuro livre, ele pode ter com seu cônjuge, quando o tempo todo, pairando sobre sua cabeça, está a possibilidade de ser desmascarado?

Não, o pecado tem de ser revelado. Mas o meu conselho sincero é levar em sua companhia um cristão maduro ou um pastor que estará à disposição para juntar os pedaços quando o segredo for revelado e que estará acessível para um aconselhamento regular nos dias imediatamente à frente, a fim de recolocar o casamento no lugar, em um novo e melhor caminho. Já vi inúmeros casamentos que após a consolidação foram mais fortes que antes da quebra, quando a confissão e o aconselhamento subsequentes foram realizados com critério.

Dando o primeiro passo

O que mais posso dizer? Se você é o ofensor que provocou rachaduras numa relação entre você e alguém — quer seja um membro da família, um cônjuge, um amigo ou um membro da igreja — você é obrigado a ir. E tem de ir rapidamente. Quando for, no entanto, não vá justificando seu pecado. (“Eu vim para dizer-lhe que sinto muito pelo que eu disse depois que você trouxe essa vileza sobre mim”). Não, concentre-se inteiramente no seu próprio pecado. Caso contrário, o arrependimento pode não parecer genuíno. Certamente, você pode ficar tão preso nesse tipo de coisa que a tentativa de reconciliação pode transformar-se noutra nova ofensa que fará tudo mais difícil para uma reconciliação no

final. Fique restrito ao que você fez de errado. Mais tarde, se há ofensas contra você que você queira esclarecer, você pode conversar com o irmão ou a irmã sobre eles. E pode falar a partir de um ponto de força em vez de fraqueza. Suas próprias transgressões terão sido enterradas para nunca mais serem exumadas.

Se você está convencido pelo que leu, então, por todos os meios, antes que alguma ocorrência estranha varra isso de sua mente e você se esfrie de novo, faça uma anotação para identificar a quem você prejudicou, a fim de pedir perdão a ele ou ela. Sempre que possível, encontre um lugar onde você não será perturbado por crianças, telefones e outras interrupções. Lide com a questão lá. Não tente lidar com uma questão tão importante quanto essa na correria (por exemplo, quando acontecer de você passar pela outra pessoa no corredor na igreja durante a Escola Dominical e o culto). Restaurantes e outros locais públicos geralmente são bons, porque é raro as pessoas explodirem ou gritarem na presença de outras pessoas bem próximas.

Vá, irmão ou irmã. Vá. Pegue o telefone agora.

6. OUTROS ERROS RELATIVOS A PERDÃO

É provável que por ser o perdão uma questão tão importante é que tantos erros a respeito dele tenham se infiltrado no pensamento da igreja. Não é agradável, mas certamente necessário expô-los. Caso contrário, os cristãos continuarão empenhando-se em tentativas inúteis, ou até mesmo impossíveis, como tentar “esquecer”.

Perdoar e esquecer?

Você se lembrará de que num capítulo anterior tracei uma linha entre “não se lembrar”, que eu disse ser ativo, e “esquecer-se”, que apontei como passivo. Naquele ponto, observei que Deus, o onipotente Criador do universo — que sabe todas as coisas, passado, presente e futuro — não esquece. É impossível para ele fazê-lo (mesmo que autores que não conseguem enxergar a distinção entre esquecer e não lembrar com frequência escrevam como se Deus tivesse imposto limites a si mesmo a fim de esquecer). Claro, isso não é possível. Deus *não pode* negar sua própria natureza. O problema é facilmente resolvido, lembrando que esquecer, uma atividade passiva, pertence ao ser humano sozinho.

Porém, como Deus, o homem também pode não se lembrar.

Exatamente sobre o que estou falando ao chamar esquecer de passivo e não lembrar, de ativo? Com isso, quero dizer que alguém tem controle direto sobre não lembrar, mas não tem controle sobre esquecer. Você pode não lembrar em resposta a um comando ou uma promessa, mas você não tem absolutamente nenhum controle sobre o esquecer. Quando você esquece, isso simplesmente acontece. Lembre-se de que dissemos que não lembrar simplesmente significa não trazer uma questão para usá-la contra o outro. Quando você promete perdoar o outro, você promete não lembrar o ato errado dele, levando-o a ele, aos outros ou a si mesmo. Isso significa que você não vai conversar com outras pessoas sobre a questão, e também não vai se permitir sentar-se e meditar sobre o assunto.

A Bíblia nunca ordena “perdoe e esqueça”. Essa é uma daquelas declarações antigas e não bíblicas, portanto, totalmente incorretas, pelas quais as pessoas muitas vezes tentam guiar suas vidas. Se tentar esquecer, você vai falhar. Na verdade, quanto mais tentar, mais difícil será conseguir esquecer. Isso acontece porque quanto mais tenta fazê-lo, mais você se concentra no incidente que está tentando (sem sucesso) esquecer.

A história é contada sobre o rei cujo erário foi acabando. Então, ele chamou todos os seus alquimistas e disse: “Companheiros, durante algum tempo, vocês vêm trabalhando nessa tentativa de transformar metais menos nobres em ouro. Preciso de ouro. É segunda-feira; darei a

vocês até sexta-feira para virem com a fórmula ou vocês perderão suas cabeças”. Sexta veio e cabeças rolaram, uma após a outra, até que o rei chegou no último alquimista, o qual disse: “Eu consegui!”.

E o rei: “É melhor que tenha conseguido, ou sua cabeça também vai rolar. Vamos ouvir a fórmula”. Assim, o alquimista disselhe: “Muito calcário, asas da borboleta, uma pitada de língua de lagarto — e muitos outros ingredientes!”. Quando ele terminou, o rei perguntou: “É só isso?”

“É isso”, disse o alquimista, e se dirigiu para a porta.

“Não saia da cidade”, disse o rei.

“Certo”, disse o alquimista. Porém, como estivesse saindo, voltou-se e disse: “Ah, esqueci-me de lhe dizer, Alteza: se Vossa Alteza pensar num elefante enquanto estiver agitando a panela, não vai funcionar”. Não é preciso dizer, o alquimista morreu de morte natural.

Não, você não será capaz de esquecer apenas porque terá recebido uma ordem, e a Bíblia não exige que o faça. Ela pede apenas que você modele seu perdão segundo o perdão de Deus, e Deus promete não se lembrar.

Não é de admirar que Lewis Smedes veja o perdão como um programa progressivo com vários passos que devem, na maioria dos casos, levar muito tempo e então ser apenas parcial. Ele acredita que a pessoa tem de perdoar e esquecer, como o título de seu livro *Forgive and Forget* [*Perdoe e esqueça*] indica claramente.

“Isso significa que tenho de continuar pensando, de

novo e de novo, naquela coisa horrível que o João me fez?”

Absolutamente não. Veja, a coisa maravilhosa sobre o perdão de Deus é esta: quando você faz a promessa de não lembrar mais os pecados de alguém contra ele e não *guardá-lo*, você acha que *esquecerá*! Na verdade, a melhor maneira de esquecer é manter a promessa. Se você não ficar contando a injustiça sofrida para outros ou para si mesmo, ela desaparecerá muito rapidamente, sem que você se dê conta. Perdoar é a única maneira de esquecer.

Desculpando

“No primeiro capítulo você se referiu a ‘desculpar-se’ como ‘o substituto do mundo para o perdão’. O que você quis dizer com aquilo?”

Bem, eu quis dizer exatamente isso. Enquanto a Bíblia requer perdão, o mundo se contenta com desculpar. Na Bíblia não há sequer uma única referência a pedir desculpas. É um conceito totalmente antibíblico.

“De onde ele vem?”

Ninguém conhece a história completa das desculpas, mas o grego pode nos dar uma espécie de pista. Uma *desculpa* é uma defesa. *Apologia*, palavra vinda do grego, através do latim, é um discurso para defender, justificar ou louvar. Assim se fazia uma apologia num processo de defesa no tribunal da Grécia antiga. Então, em vez de admitir o erro e pedir desculpas, o que se fazia originalmente era defender-se

da acusação de fazer o errado. E isso, é claro, é exatamente o oposto de confessar o pecado e buscar o perdão.

Com o tempo, desculpar-se tornou-se uma espécie de atitude mais suave, quando, normalmente, se diz: “Me desculpe”. Porém, são duas coisas muito diferentes, dizer “Sinto muito”, ou dizer “Eu pequei contra Deus e contra você; você pode me perdoar?”.

“É, consigo perceber alguma diferença, mas você pode tornar isso um pouco mais claro?”

Certamente. Pense no que acontece em cada situação. Quando se desculpa com você, a pessoa lhe diz: “Me desculpe”. O que ela fez? Literalmente, tudo o que fez foi dizer-lhe como ela própria se sente. *Ela não lhe pediu para fazer nada.* Quando a pessoa diz: “Eu pequei; você vai me perdoar?” — ela está *lhe pedindo para fazer uma promessa de enterrar o assunto de uma vez por todas.* Na desculpa nenhum compromisso é feito, o problema não é resolvido, e o que ofendeu não é obrigado a resolver a questão. Provavelmente, ele é agradecido pelo fato, pois, desculpando-se, o transgressor nem sequer admitiu seu próprio erro. Ele apenas disse que se desculpa pelo que aconteceu. A principal diferença entre as duas situações é simplesmente esta: Deus requer um compromisso por parte de ambas as partes, compromisso que leva o assunto a um final satisfatório. O mundo não exige algo assim.

Imagine o transgressor segurando uma bola de basquete. Ele se desculpa, dizendo: “Sinto muito”. O ofendido arrasta seus pés sem jeito. É sempre complicado

responder a um pedido de desculpas, porque você não é convidado a tomar uma atitude, e ainda se espera algum tipo de resposta. O ofendido diz algo fútil como: “Certo, está tudo bem”. Mas não está. O assunto não foi resolvido. Quando diz diante daquela maldade ou ofensa que está tudo bem, você mente ou tolera um erro. Ao final da questão, o culpado ainda está segurando a bola.

Agora, considere o perdão. O transgressor vem com sua bola de basquete. E diz: “Eu o ofendi. Você pode me perdoar?”. Agindo assim, ele lança a bola para a outra pessoa, o ofendido.

Ele está livre de seu fardo. Agora, o ônus para uma resposta mudou. O prejudicado é convidado a fazer o que Deus requer que ele faça. Ele deve ou fazer a promessa ou arriscar-se a ofender a Deus. Pode haver indecisão de sua parte, mas não há nenhum constrangimento ocasionado pela falta de clareza. Ele sabe o que a Bíblia espera dele. Quando diz: “Eu o perdoo”, ele promete não trazer o assunto novamente à tona. Os dois se comprometeram. O malfeitor confessou o ato errado; comprometeu-se com aquela confissão. O ofendido comprometeu-se com enterrar o assunto. Ao final da questão, a bola é jogada para longe e as obrigações quanto ao assunto estão cumpridas e acabadas. Ambos estão livres para se reconciliarem. A questão foi resolvida.

Assim, sempre que você ler em livros cristãos sobre desculpas (e vai acontecer, posso garantir) ou ouvir cristãos usando esse substituto não bíblico, faça uma correção em sua

mente. Diga a si mesmo: “Não. Desculpar-se não é o truque. É o substituto insatisfatório do mundo, que deixa o ofensor segurando a bola”. Se for prático, explique aos envolvidos qual é a diferença. Você sempre pode lançar sobre mim a culpa da sua intrusão. Você pode dizer: “Há pouco tempo, eu estava lendo um livro em que o autor distinguia entre pedir desculpas e perdão. Veja, ele usou esta ilustração boba sobre uma bola de basquete...”.

Perdoar a Deus?

Você pode não acreditar, mas há cristãos que aconselham outros a “perdoar a Deus”. Por exemplo, um escritor narra:

Então eu lhe disse gentilmente: “Você consegue perceber o que tem feito a seu marido e filhos? Eles não podem mudar [a arrogância deles], e você tem ficado com raiva deles e de Deus”. Eu a conduzi numa oração: “Deus, peço-te perdão por meu ressentimento e vontade própria. Eu te perdoo por meu marido e meus filhos serem tão irascíveis. E te agradeço por eles, mesmo como eles são”.^[22]

Dá pra acreditar? Primeiro, a oração é uma contradição em si — agradecendo a Deus pelas coisas serem como são e, ao mesmo tempo, perdoadando-o por ter feito a coisa errada ao

fazer essas coisas dessa forma. Vou deixar que você classifique isso a seu modo. Pior ainda é a ideia de que Deus precisa ser perdoado. Tapscott não está sozinha em sua crença. Helen Shoemaker escreve: “Finalmente, há aqueles de nós que precisam perdoar a Deus”.^[23] Deus nunca faz errado. Ele é o próprio padrão de certo e errado. Por definição, o que ele diz ou faz é certo, porque, por natureza, ele é absolutamente santo. Como pode alguém que se apresenta como cristã aconselhar alguém a perdoar a Deus? A própria ideia faz fronteira com a blasfêmia e, na melhor das hipóteses, certamente é um absurdo.

Perdoar a si mesmo?

Desde que a ênfase moderna na individualidade inundou a igreja junto com os princípios do movimento da autoestima, tem havido uma ênfase em perdoar a si mesmo. Assim como se diz que a pessoa tem dificuldade em amar a si mesma, também se diz que ela terá dificuldade de perdoar a si mesma. Ouça alguns autores contemporâneos que defendem essa ideia.

Tapscott começa uma discussão de seis páginas sobre o assunto, dizendo:

É totalmente imperativo que aceitemos o perdão de Deus e nos perdoemos... Não nos perdoarmos

é de fato uma forma de rebeldia... Você entende como estamos pecando quando não perdoamos a nós mesmos? Esse ato nos separa de Deus. A Palavra de Deus diz que devemos perdoar — isso significa até a nós mesmos.^[24]

Minirth e Meier também ensinam: “Precisamos perdoar a nós mesmos. Assim como ficamos com raiva de outras pessoas, também ficamos com raiva de nós mesmos...”^[25].

Ron Lee Davis dedica um capítulo inteiro ao assunto e até mesmo afirma que “a tentativa [da mãe] contra a vida do seu bebê foi realmente uma tentativa de punir a si mesma, destruindo seu bem mais precioso e querido... Ela foi finalmente capaz de perdoar si mesma”.^[26]

William Justice diz: “O homem reconciliado não aceitou apenas o perdão de Deus, mas também perdoou a si mesmo”.^[27]

E num artigo decepcionante, um teólogo de quem eu quase nunca tive razão para discordar (ou desafiar), J. I. Packer, alinhando-se aos atuais mestres da autoimagem, escreve:

Por mais que nos sintamos não amados e inúteis, e por mais que nos odiemos e nutramos condenação, precisamos ver agora que por nos amar o suficiente para nos redimir, Deus nos deu valor e, perdando-nos completamente, ele nos obrigou a nos perdoarmos e garantiu ser pecado

não fazê-lo.^[28]

E Smedes exalta o perdoar a si em linguagem heroica: “Perdoar a si mesmo exige coragem”.^[29]

Bem, o que dizer de tudo isso? Packer diz que Deus tornou pecado o não nos perdoarmos, e Tapscott concorda. Pecado é a falha em obedecer a uma ordem de Deus, seja por não fazer o que ele exige, ou fazendo o que ele proíbe. No entanto, em nenhum lugar da Bíblia recebemos uma ordem para nos perdoarmos. É uma coisa arriscada, então, extrapolar, isto é, do fato de que Deus nos perdoa, inferir uma ordem de perdoar a nós mesmos. Isso se torna especialmente duvidoso quando alguém liga essa ideia à ideia igualmente antibíblica de que o ser humano tem baixa autoestima e, por isso, recebe a ordem de amar a si mesmo. Como é evidente nas passagens em que Jesus resume a dois os mandamentos sobre o amor: “Destes *dois* mandamentos dependem toda a lei e os profetas”. Não há um terceiro mandamento, e apresentar a Bíblia como ordenando amor de si é, portanto, perigoso. É arriscado colocar mandamentos na boca de Deus. O mesmo é verdadeiro sobre perdoar a si mesmo.

Como observou Packer, ambos os conceitos permanecem ou caem juntos; eles são da mesma espécie. Supostamente, o problema é que os homens desprezam a si mesmos. Mas Jesus nos disse para amar o nosso próximo *como a nós* mesmos, o que implica em que, quanto a isso, já fazemos tudo muito bem e, por outro lado, precisamos começar a trabalhar em amar o próximo com um bocado da mesma devoção e preocupação que já demonstramos por nós

mesmos. Não há, em toda a Palavra de Deus, uma declaração de que os homens têm uma baixa autoimagem, que devem aprender a amar a si mesmos, ou que devem aprender a perdoar a si mesmos. Pelo contrário, presume-se que já fazemos isso sem a menor dificuldade.^[30]

Assim, a Bíblia tem o propósito de que todos os seus mandamentos desviem nossa preocupação de nós mesmos, para Deus e os outros. Não é apenas uma questão de a Bíblia não usar o jargão dos mestres da autoimagem, como pensa Packer, mas, sim, uma questão de toda a Bíblia nada reconhecer como conceitos de auto-amor, auto-perdão, e uma doutrina do homem que o descreve pensando tão baixo de si mesmo. Não é suficiente *afirmar* que as Escrituras ensinam que o homem tem um problema de baixa autoimagem e, portanto, que elas *ordenam* a esse homem pensar mais alto de si mesmo e aprender a se perdoar. Se nos dizem que não fazê-lo é *pecado*, uma garantia bíblica para esse fato deve ser claramente *demonstrada*. Caso contrário, temos teólogos, psicólogos e outros escritores colocando, nas costas dos homens, novos fardos que eles não têm necessidade de carregar.

“Mas... qual é o problema, então? Certamente há pessoas que vão lhe dizer que estão com dificuldade de perdoar a si mesmas. Você nunca teve aconselhados que chegassem ao ponto de dizer isso?”

Certamente, mas o discurso deles estava recheado com o jargão dos psicólogos e de outros que propagam tais coisas. Eu digo a eles: “Você nunca vai resolver seu problema

entendendo-o mal, como um problema de auto perdão”.

“O que, então, você os aconselha a fazer?”

Bem, algo assim. Suponha que, por descuido, um motorista atropela uma criança e venha dizendo: “Nunca vou conseguir me perdoar pelo que fiz”. Ou suponha que uma mulher confesse que seus abortos foram assassinatos e diga o mesmo. Eu lhes deixo claro que o problema não é auto perdão. A agonia que expressam decorre do verdadeiro fato de que, da pior maneira, eles *querem* perdoar a si mesmos. Querem colocar aquela situação para trás, querem enterrar o acontecido de uma vez por todas. Querem que o peso da culpa seja tirado de seus ombros. Se tivessem tão baixa autoestima, como alguns pensam, em vez de estarem dizendo coisas como: “Bem, você não esperaria que alguém como eu fizesse isso, não?”. Ou: “Acho que isso é justamente o que se esperaria de um desajeitado como eu”. Mas eles não o fazem. Eles dizem: “Não sei se vou ser capaz de me perdoar pelo que fiz”, indicando que, certamente, estão ansiosos para fazê-lo. A falta de capacidade de perdoar a si não é o problema.

O problema é que as pessoas que falam dessa forma reconhecem que algo mais precisa ser feito. O perdão é apenas o começo; elas afastam a culpa. Também reconhecem que ainda são as mesmas pessoas que cometeram o erro — embora perdoadas, não mudaram. Sem a capacidade de articular isso, elas usam o jargão que ouviram ao seu redor, estão clamando por mudança que lhes assegure que nunca mais vão fazer nada parecido. Quando, como conselheiro, eu as ajudo a lidar com os problemas em suas vidas que levaram

ao erro, de tal forma que adotem um estilo de vida mais bíblico, então pergunto: “Você ainda vem tendo problemas para perdoar a si mesmo?”. Invariavelmente, tais pessoas dizem que não.

E quanto ao pecado imperdoável?

Em Mateus 12.22-33, lemos:

Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expelle demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expelle a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino? E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os

bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa. Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha. Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoadada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir. Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.

As pessoas ficam confusas sobre o “pecado imperdoável”, pensando que seja masturbação, adultério, divórcio, assassinato, não aceitar a Cristo, *etc.* No contexto, não é nada disso. Os endurecidos líderes religiosos do judaísmo que queriam rejeitar Jesus e seus ensinamentos, os quais expuseram sua ganância e hipocrisia, estavam procurando algum modo de “pegá-lo”. Então, o acusaram de expulsar demônios pelo poder de Belzebu, o soberano dos demônios. Alegaram que Jesus estava em aliança com Satanás. Na verdade, Jesus estava expulsando demônios pelo poder do Espírito Santo (v. 28). Atribuindo as obras do Espírito Santo a um espírito imundo, eles tinham blasfemado contra o Espírito *Santo*. Esse pecado evidenciou uma verdadeira síntese da dureza para a verdade de Deus. Pessoas que cometem o pecado imperdoável são: (1) não cristãos e (2) pessoas que nunca se preocupam em como tornarem-se

cristãos. São pessoas que se opõem a Jesus Cristo e acham que o que ele representa é obra do diabo.

“Isso parece claro, mas o que dizer de 1 João 5.16, onde João nos diz para não orar por aquele que cometeu um pecado para morte?”

O versículo deveria ser traduzido da seguinte forma: “Se alguém vê seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, deve orar por seu irmão e Deus vai dar vida ao irmão (isto é, àqueles que cometem um pecado que não leva à morte). Há pecado que leva à morte; não digo que você deve orar sobre isso”.

Duas palavras diferentes são usadas. A primeira significa “pedir por” algo ou “orar por” alguém. A segunda significa “pedir sobre” ou “inquirir sobre”. João não está dizendo que o cristão deve determinar se um irmão cometeu, ou não, um pecado que leva à morte (cf. 1 Coríntios 11.30), antes de orar para que Deus venha a dar vida ao irmão (presumivelmente ressuscitá-lo de um leito). É apropriado orar por sua cura em todos os momentos; não se preocupe em tentar descobrir todos os detalhes. Não tente adiantar-se a Deus. Basta ir em frente e orar em todos os casos.

Parece que um novo erro sempre se apresenta na discussão do perdão. Mas as questões fundamentais foram pensadas por anos. Há poucos avanços a serem feitos nessa área. Uma nova aplicação da velha verdade, talvez, mas raramente um novo discernimento. Cuidado com aqueles que afirmam estabelecer novas verdades ou obrigações quanto ao perdão.

7. PERDÃO NÃO É TUDO

“O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo” (Pv 18.19).

“Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão” (Mt 18.15).

“... vai primeiro reconciliar-te com teu irmão...” (Mt 5.24).

“... deveis... perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor” (2Co 2.7-8).

Em todas essas passagens, uma coisa é suprema — uma preocupação pela reconciliação.

O perdão não é um fim em si mesmo; é um meio para um fim — um novo e melhor relacionamento com aqueles de quem nos tornamos distantes por causa de algum desentendimento. Deus não apenas quer que o perdão aconteça rapidamente, mas seu principal interesse está na nova relação que o perdão sempre tem de introduzir. O perdão está limpando os escombros do passado para que algo novo e bom seja construído em seu lugar. De novo, o modelo divino predomina, estabelecendo-nos o padrão. Na salvação, Deus não só o perdoa, retirando-lhe a culpa de seu pecado e prometendo nunca trazer seus erros de volta, contra você, só para depois *esquecer-se de você*. Não. Deus passa a estabelecer um novo relacionamento com você, no qual ele quer que você cresça perto dele. Também muitas vezes,

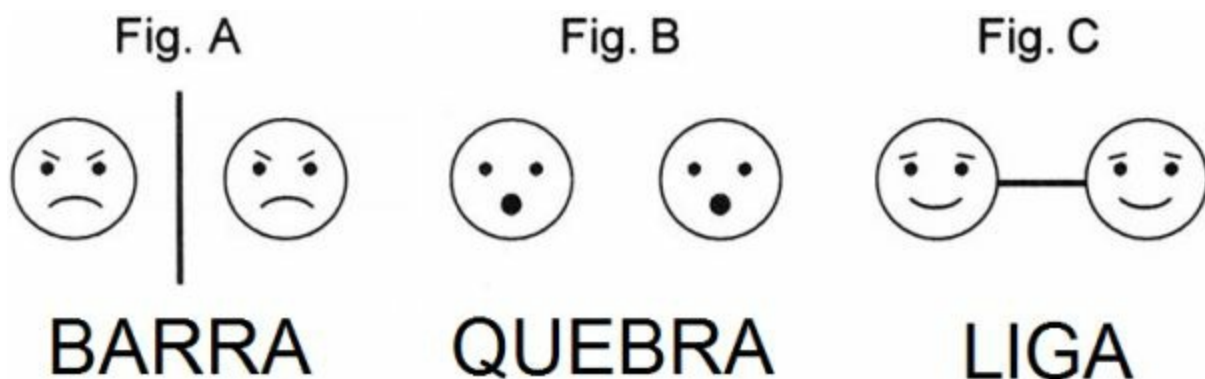
“perdoar e esquecer” significa perdoar alguém — e então esquecê-lo!

Porque você pode ver que também deve haver um lado positivo complementando o perdão (o que é essencialmente uma coisa negativa: puxando as ervas daninhas antes do plantio), também deve ser evidente que vários dos erros que tivemos de confrontar praticamente tornam tal reconciliação impossível. Tomemos, por exemplo, a ideia de perdão incondicional. J. M. Brandsma vai tão longe a ponto de afirmar que “ignorar” um pecado contra alguém “... pode incluir perdão”.^[31] Essa visão ataca o cerne do perdão, não só eliminando a necessidade de fazer a promessa de não lembrar, mas também removendo a dimensão *interpessoal*. Se Brandsma estiver correto, a pessoa ofendida não precisa confrontar ou fazer um compromisso, o ofensor não precisa arrepender-se, e nenhuma das partes é obrigada a trabalhar na construção de um novo relacionamento. O mesmo acontece com o conselho de David Augsburger e de outros para não contar ao cônjuge sobre um caso. Tal silêncio em face do rompimento conjugal não fornece base para reparar o relacionamento ou trabalhar em problemas que podem ter causado, de início, o rompimento. Não, a própria ideia de reconciliação como o objetivo do perdão opõe-se à doutrina do perdão incondicional.

Assim, a reconciliação é o quadro maior do qual o perdão é apenas o elemento inicial. Essa dupla dinâmica de perdão e reconstrução é evidente no perdão de Jesus e restauração de Pedro. Pedro negou o Senhor em torno de um

fogo a carvão, após se ter vangloriado de que, se todos os outros discípulos o negassem, ele próprio, Pedro, não o faria. No relato pós-ressurreição registrado em João 21.4-19, você pode ver como, referindo-se a todos os aspectos da traição tríplice, Jesus graciosamente permitiu a Pedro confessar seu pecado de forma completa, e deixou claro que tudo tinha sido tratado em sua totalidade. Havia outro fogo a carvão (v. 9). Três vezes Pedro é levado a refletir sobre sua falta de amor, e a jactância orgulhosa é tratada diretamente no versículo 15. Mas Jesus também tornou possível a Pedro reafirmar seu amor pelo Senhor. Três vezes Jesus restaurou Pedro à comunhão e reintegrou-o em seu ministério. Como consequência, a partir daquele dia, Jesus estava envolvido na construção de um relacionamento novo e mais vital com Pedro. Reconciliação é essencial.

Talvez a melhor maneira de visualizar essa verdade seja por um gráfico como este:



Na Figura A, duas pessoas estão afastadas; o pecado não perdoado, como uma barra ou barreira, os separa. Na Figura B, ocorreu o perdão, e a barreira foi quebrada ou removida. Mas isso não é suficiente; ainda há uma ruptura entre as duas pessoas. Na Figura C, por meio de esforços positivos para a reconciliação, um novo vínculo foi estabelecido. Para que o processo de reconciliação ocorra, é necessário passar por todas as três etapas — da remoção de uma barreira para o estabelecimento de um vínculo.

Quando as questões são deixadas no estágio B, onde a ofensa foi despojada pelo perdão, mas nenhum novo relacionamento foi iniciado, pode-se esperar que outros problemas, geralmente piores, surgirão entre as partes envolvidas. Jesus afirmou esse princípio em sua história da casa varrida, mas deixada desocupada (Lc 11.24-26). Na dinâmica bíblica, o despojar deve ser sempre seguido do revestir. Lidando com seu povo, os caminhos de Deus nunca são apenas negativos; ele sempre acompanha o negativo com um positivo maior (cf. Rm 5.20).

E quanto à ajuda?

Muitas vezes, nas fases iniciais da restauração de um relacionamento, uma ajuda externa é necessária. Porque escrevi uma série de livros sobre ajuda por meio do aconselhamento bíblico, não vou discutir aqui como essa

ajuda pode ser dada de um modo melhor. Vou simplesmente indicar que se tentativas iniciais de restauração de um novo e melhor relacionamento parecem (ou possam) falhar porque os envolvidos não sabem o que fazer, é aconselhável apresentar uma terceira parte. Para os que desejarem mais detalhes, tendo em vista a reconstrução de uma relação, transformando-a numa nova relação, veja meu livro *Ready to Restore*.

O perigo é afastar-se. O que pode ocorrer, se nada for feito ou se houver desistência quando as tentativas iniciais de reconstrução parecerem infrutíferas. Você não deve permitir que isso aconteça. Ao primeiro sinal de fracasso, peça a ajuda de um irmão ou irmã cristão experiente ou de seu pastor. Se não for rapidamente seguido por bem sucedidas ações de reconstrução, o constrangimento da confissão e do perdão provavelmente criará uma frieza polida entre as partes — se nada for feito para combater essa frieza polida, em breve se chegará a um relacionamento estéril.

Em 2 Coríntios 2.7-8, citado no início deste capítulo, observe que Paulo disse que três movimentos eram necessários para restaurar completamente o irmão arrependido, anteriormente excluído da igreja. Em cada caso de reconciliação, cada um destes movimentos é necessário até certo ponto — o perdão, a ajuda, e a reafirmação do amor.

O perdão, assunto deste livro, não precisa de uma discussão mais aprofundada, mas preciso dizer uma palavra sobre os outros dois. Ajuda, o segundo movimento, é traduzida como “conforto”. Essa é uma tradução correta, mas pode, talvez, ser bem específica aqui. A palavra tem um

sentido amplo que pode se referir a qualquer tipo de assistência ou ajuda necessária. E assistência é a questão que deve ser enfatizada quando se fala de ajuda, no contexto da reconciliação. Um irmão ou irmã em pecado pode facilmente envolver-se em todos os tipos de outros pecados, durante seu tempo de rebelião contra Deus. Ajuda de vários tipos (financeira, médica, etc.) pode ser necessária. Num contexto de reconciliação, o irmão ou irmã ofendido pode achar que é necessário fazer muito mais pelo ofensor perdoado do que simplesmente perdoá-lo. E ele pode não ter os recursos pessoais para dar tal ajuda, porém deve, pelo menos, orar pedindo-as, encaminhar a outra parte para os recursos dos diáconos da igreja, ou fazer tudo o que possa para atender à necessidade.

Os esforços não se limitam a apenas uma área. Por exemplo, uma esposa ou um marido adúltero deveria certamente passar por um exame médico completo antes de recomeçar as relações sexuais. Esse é um generoso movimento de amor. Caso contrário, quem sabe que tipo de doenças o marido ou a mulher poderá trazer para o casamento, podendo afetar não apenas o cônjuge, mas até mesmo possíveis filhos que venham a nascer.

O simples fato de procurar identificar as necessidades para atender a elas no restabelecer de um relacionamento, e então agir, é uma atitude que, sendo adequada, vai longe no caminho da reconciliação. Numa separação, as pessoas não se deixam levar embaraçadas, quando estão empenhadas em fazer o bem ao outro. Ao contrário do que muitos pensam

hoje, os relacionamentos não são construídos inesperadamente. Você não pode apenas “falar de um possível relacionamento” no abstrato. Relacionamentos crescem de preocupações comuns, atividades conjuntas, e de passar por dificuldades juntos. Eles crescem a partir de problemas enfrentados e superados unidos de uma forma bíblica. Crescem incidentalmente, como um subproduto. Nunca são construídos de forma direta. A preocupação mostrada para com a pessoa arrependida (e por ela) deve ser genuína. Isso deve ser feito em benefício dela, a fim de agradar a Deus.

Amor reafirmado

O terceiro movimento mencionado em 2 Coríntios 2.8 é a reafirmação do amor. A palavra reafirmar é um termo especializado, usado somente aqui no Novo Testamento, significando restabelecer oficialmente. Quando se arrepende e é readmitido na igreja, o irmão não pode ser aceito como um cidadão de segunda classe do reino de Deus. Deus não tem tais cidadãos. O arrependido volta com plenos direitos e privilégios de membro da igreja. Não está impedido de cantar no coral durante seis meses e assim por diante. Agora, na maioria dos contextos de reconciliação, a pessoa não terá sido excluída da igreja e, portanto, não precisará ser formalmente reintegrada, porém, as mesmas ideias acima continuam valendo mesmo *sem a formalidade* da reintegração oficial. Nem você, nem os outros devem permanecer distantes do irmão ou irmã que está reintegrado. Uma comunhão integral

deve ser restabelecida. Ele deve ser restaurado com palavras e ações amorosas efetivas da parte de todos. Você pode dar o exemplo. Caso veja os outros hesitando, você pode fazer esforços para incluí-los também. Se alguns estão inclinados a tratar com desprezo o irmão arrependido ou dar-lhe as costas, pode até ser necessário falar diretamente com eles sobre isso, mostrando-lhes que, ao fazê-lo, estão resistindo ao que está ordenado nessa passagem.

Claramente, então, a restauração não é uma atitude que possa ser tomada de leve ou por acaso. É preciso conscientemente trabalhar nisso. Vai levar tempo, criatividade, energia, talvez até mesmo dinheiro. Porém, é tão importante que, para além desse lado positivo do divisor de águas, o perdão do outro lado pode ser desvalorizado ou nele não se ver mérito.

Embora a restauração seja essencial para a comunhão, não precisa ser sempre num plano de profunda amizade. Jesus chamou todos os seus discípulos de “amigos” (Jo 15.13-15), mas desses, três pareciam mais próximos. Estes, Jesus levou ao Monte e para dentro do jardim. E desses três, um era o mais próximo: o discípulo a quem Jesus “amava”.

Este capítulo é breve, mas importante. Se não sabe onde começar, talvez você deva sentar-se com a pessoa com quem deseja reconciliar-se, lendo juntos este capítulo (uma razão pela qual eu quis mantê-lo curto), e discutir o que deve ser feito de forma positiva para estabelecer um novo e melhor relacionamento entre vocês.

8. E QUANTO AOS DESCRENTES?

É claro, há problemas relacionados a perdão bíblico para com não cristãos. E há sérias limitações quanto ao que se pode alcançar.

Em Romanos 12.18, lemos algumas das palavras mais importantes já escritas sobre a relação dos crentes com incrédulos. “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.” A expressão “todos os homens” inclui incrédulos.

O que torna esse versículo tão importante é o modo como a ordem é qualificada. A primeira qualificação reconhece o fato de que quando se lida com incrédulos, os resultados podem ser menos que satisfatórios. É por isso que Paulo diz “se possível”. Essas palavras dão um toque de puro realismo. Em nossas relações com os incrédulos, nossas expectativas devem ser realistas. Incrédulos não conhecem o verdadeiro Deus; são centrados em si mesmos em vez de orientados para Deus e o próximo; não possuem o Espírito Santo, e por isso não podem amar a Deus ou ao homem de maneiras aceitáveis para Deus (Rm 8.5; 1Co 2). Incrédulos não conseguem entender a Bíblia (1Co 2.6-16), e se conseguissem, não gostariam de segui-la, ou não conseguiriam. Em suma, como Paulo colocou, “os que estão na carne [incrédulos] *não podem* agradar a Deus” (Rm 8.8).

É uma declaração mais realista, de fato. É, ao mesmo

tempo, uma perturbadora e libertadora qualificação. Perturbadora, por serem tão baixas as expectativas; libertadora, na medida em que isenta os crentes da tarefa desanimadora de tentar o impossível.

Observe que há uma segunda qualificação, também: “quanto depender de vós”. Essas palavras indicam que a única pessoa de quem se pode esperar agir corretamente em tal relação é o crente. Todo relacionamento adequado exige pelo menos duas partes empenhadas nesse trabalho. Do lado do crente, tudo deve ser feito para preservar a paz. Porém, na melhor das hipóteses, até mesmo o tipo de paz antecipada aqui não é o *shalom* completo, com todas as suas bênçãos e benefícios, que Jesus dá a seu povo (Jo 14.27). É a mera cessação de hostilidades.

O crente, contando com a Palavra e o Espírito, pode percorrer um longo caminho para estabelecer e manter a paz por meio da obediência às Escrituras. Se esse crente seguir ao máximo os princípios do perdão e da reconciliação descritos aqui, pelo menos metade da relação será desenvolvida de uma forma bíblica. E, claro, suas palavras, atitudes e ações serão agradáveis ao Senhor. Com frequência, isso traz a paz.

Um descrente pode arrepender-se?

Suponha que, em um negócio, João, um cristão, é

enganado por Milton, um incrédulo. Agora que o trabalho foi concluído, Milton afirma que fizera um orçamento de R\$ 500, para um trabalho de pintura; e João sabe que ele disse: “Não mais que R\$ 350”. De maneira gentil e respeitosa, João terá de apontar a verdade. Se João não se pode dar ao luxo de suportar a perda, e Milton não se arrepender, João pode ter de levar a questão ao tribunal de pequenas causas. Ele não tem um documento escrito, mas tem uma testemunha, um vizinho que ouviu a cotação original de Milton. Suponha, no entanto, quando confrontado com o vizinho e sob a ameaça de ser levado ao tribunal, Milton diga: “Sinto muito. Eu precisava do dinheiro, de verdade, e pensei que desse modo poderia ganhar um pouco mais”. Ele *se desculpa*. Já vimos que pedir desculpas cria uma situação embaraçosa em que os problemas nunca são resolvidos. O que João deve fazer?

Ele pode conceder perdão a Milton? Bem, vamos examinar as questões tanto quanto pudermos. Sob pressão, Milton confessou seu pecado. É pena que ele tenha sido pego. Ele vai recuar. Mas seu “arrependimento” não é tristeza por ter ofendido a um Deus santo. Milton não está dizendo: “Senhor, pequei contra ti”. Pode até não se desculpar por ter tentado roubar. (Pode ter se justificado por auto-piedade). E é por razões egoístas que ele lamenta sua mentira e tentativa de roubo. Pensa: “Minha reputação pode sofrer e vou acabar perdendo serviços. É embaraçoso ter de admitir a minha transgressão”, e assim por diante. Isso é muito diferente do arrependimento bíblico. Assim, em nenhum sentido, a confissão de Milton cai dentro dos parâmetros de Lucas 17. A

diferença é entre os dois tipos de arrependimento mencionados por Paulo em 2 Coríntios 7. Arrependimento aceitável, como diz Paulo, é o resultado da tristeza que vem de Deus e é um arrependimento que a ninguém traz pesar (2Co 7.10). Mas além disso, no mesmo versículo ele também menciona a tristeza que vem do mundo, levando a um “arrependimento” inaceitável para Deus, e que termina em morte (v. 10).

Assim, há dois tipos de arrependimento decorrentes de duas fontes distintas: Deus e o mundo. A um deles podemos chamar de o verdadeiro arrependimento — um desejo de mudar por causa do pesar quanto ao pecado contra Deus. O outro é um arrependimento falso, ocasionado pelo pesar quanto à perda pessoal ou ao transtorno. Os dois são tão distintos quanto a suas fontes.

Então, um incrédulo pode arrepender-se? Não. Se ele de fato se arrependeu, ele seria, por definição, um crente. Certamente você já notou que os versículos a respeito de perdão, com os quais temos lidado, aparecem num contexto de relações fraternas. Nada têm a ver com a relação do crente com um incrédulo. Com frequência, de fato ocorre a palavra “irmão”, indicando claramente que o que está sendo ensinado pertence à esfera das relações familiares na casa de Deus.

Milton e João

Bem, então, o que faz João quando Milton confessa? João agradece a Milton por dizer a verdade e por ajustar a

conta. Se tomou conhecimento do assunto antes do confronto, João orou por Milton e por si mesmo: que Milton possa vir a conhecer a Cristo de algum modo por meio dessa experiência e que João possa honrar a Cristo nela. E também, ao orar, João tem de perdoar em seu coração — isto é, como vimos antes, ele disse a Deus de sua vontade de perdoar e pediu a Deus para libertá-lo de toda a amargura e ressentimento. Essa é a primeira coisa que ele deve fazer.

Agora, na busca de paz com todos os homens e fazendo tudo o que pode do seu lado da relação para obter paz, João vai tentar usar essa oportunidade para ganhar Milton para Cristo. Ou se isso não parecer adequado no momento, João pode pedir a Deus que esse encontro se torne uma base a partir da qual ele possa fazê-lo no futuro. John sabe que a verdadeira paz só pode vir por meio da paz com Deus.

Um modo de apresentar Cristo a Milton pode ser por meio desta questão que estamos discutindo. Após Milton confessar, João pode dizer-lhe algo assim:

Lamento que você esteja tendo tempos difíceis, e eu certamente vou orar para que Deus lhe permita atender às suas despesas de uma maneira honesta. Se eu conseguir um pouco de dinheiro extra, vou tentar ajudá-lo. Escute, Milton, de fato desejaria poder perdoá-lo pelo que fez, mas não posso. Eu o perdoei em meu coração, e não vou guardar nenhum rancor, mas não posso fazer a promessa

de que nunca mais vou me lembrar desse assunto novamente. Na verdade, eu gostaria de mantê-lo em aberto o tempo suficiente para dizer-lhe como em Cristo você pode obter do próprio Deus o perdão não só desse, mas de todos os seus pecados. Escute...

Claro, isso é apenas o esqueleto de uma abordagem possível. Abordagens e respostas para cada circunstância vão variar. Porém, que melhor contexto haveria para apresentar o Evangelho do que um contexto em que você está discutindo o perdão de pecados? Pode ser que num ambiente mais descontraído, algum tempo depois, quando João e Milton estiverem conversando depois de uma partida de golfe, João queira levantar a questão. Mas tome cuidado para não racionalizar aqui. Muitas vezes, uma situação como essa, apesar de suas bordas irregulares, oferece a melhor oportunidade para testemunhar. Em tempos como esses, as pessoas tendem a pensar mais seriamente sobre suas vidas. Embora possa enfurecer-se ou varrer para o lado a tentativa de João, Milton não pode deixar de pensar sobre o que João lhe diz. Com frequência, Deus usa essas situações para plantar a semente que ele próprio vai fazer germinar mais tarde.

Virar as mesas, você quer?

“Os cristãos não são sem pecados. Suponhamos, por um momento, que, sendo o único culpado, devo ir e confessar meus pecados a algum incrédulo a quem ofendi. Como é que isso funciona?”

Vamos sugerir um novo cenário. Seu nome é Sandra, e você é uma cristã. Você pertence ao clube de jardinagem local, formado de crentes e não crentes. Numa reunião do comitê de indicação de candidatos, do qual você faz parte, você teme que sua recomendação de um bom membro cristão seja rejeitada pelos outros no comitê em favor de uma mulher descrente, a qual, você tem certeza, vai tornar a vida miserável para todos, durante o próximo ano. Na discussão sobre a segunda candidata em potencial, você se refere a algo que você sabe que ela fez, mas usa uma boa dose de licença na apresentação dos “fatos”. Como resultado, a indicação daquela pessoa fracassa. Em casa, naquela noite, você discute o assunto com seu marido, e ele tem a coragem de apontar gentilmente o seu pecado e perguntar-lhe o que você vai fazer quanto ao assunto.

O que você deve fazer? Bem, para começar, você precisa pegar aquele telefone e ligar para todos os membros da comissão de indicações e pedir-lhes que se encontrem com você o mais breve possível, antes de anunciar o indicado. A coisa mais gentil a fazer é convidá-los para almoçar em sua casa. Então, em meio à perplexidade geral, você deve confessar:

O que eu disse sobre Patrícia outro dia não era de todo verdade. Porque estava com medo de que ela fosse indicada e não achava que ela daria uma boa presidente, eu embelezei a verdade. Não é verdade que ela tenha feito isto ou aquilo, ou que tenha falado assim ou assado. Por favor, me perdoem por ter mentido para vocês e ter influenciado seus votos por meio de uma informação que não é verdadeira. Ainda acho que ela seria uma opção errada para presidente, mas pequei contra ela, contra vocês e, acima de tudo, contra Deus. Por isso foi que eu liguei pedindo esta reunião. Embora no outro dia eu certamente não tenha agido para com vocês, como uma cristã, eu de fato sou uma cristã. E como cristã desapontei a Deus e a vocês. Por favor, perdoem-me por induzi-los a erro. Vocês podem querer reconsiderar seus votos à luz da verdade.

Então, uma vez que a fofoca tem tanta força, e Patrícia já deve ter ouvido (ou em breve ouvirá) as mentiras que você disse sobre ela, você deve procurar a Patrícia e pedir-lhe perdão também. Mas vá atrás de endireitar as coisas, sem rodeios, sobre a comissão de indicações. Vá com o propósito de falar a Patrícia não só das suas mentiras, mas também de como você resolveu a situação.

Você pode se perguntar: *Um incrédulo pode perdoar?* A resposta é não. Por isso é que o sistema de desculpas foi desenvolvido no lugar do genuíno perdão bíblico. Porque

nada sabe sobre o perdão de Deus, o incrédulo certamente não pode imitá-lo. Nem você pode em seu coração estar certo de que ele vai tentar fazê-lo (o incrédulo não faz promessa diante de Deus; ele não tem o poder de Deus para capacitá-lo a manter uma promessa; seus motivos estão todos errados). No entanto, você deve pedir ao incrédulo que o perdoe. Você tem de fazer a coisa certa, e ele é obrigado a fazê-lo também. O próprio Deus regularmente manda os incrédulos fazerem o que é certo, mesmo sabendo que eles não têm capacidade de fazê-lo. Capacidade não é a medida da responsabilidade. Aqui, de novo, explicando algo sobre o perdão, você pode encontrar (ou construir) uma abertura para o Evangelho.

Cães e gatos

Gatos miam e cães latem. Você não espera ouvir um cão miar ou um gato latir. Cada animal age de acordo com sua natureza. Você não deve surpreender-se quando descrentes agem como descrentes. Isso também deve ser esperado. Eles agem de acordo com suas naturezas. Assim também os crentes devem agir de acordo com a nova natureza com a qual estão sendo renovados. No entanto, às vezes, os crentes não agem assim. Mas não devemos nos surpreender, quando os crentes pecam. Na verdade, todo o sistema elaborado de perdão sobre o qual você vem pensando à medida que estuda este livro deixa muito claro que Deus presume que os cristãos pecam. Caso contrário, não haveria necessidade de ele estabelecer os processos de disciplina eclesiástica e perdão.

Que gatos miam e cães latem é essencialmente o que Paulo está dizendo. Talvez, colocado com maior precisão: gatos miam e cães *devem* latir. (Você pode mudar isso, se, como eu, preferir gatos a cães!)

Porque o incrédulo não está sujeito a Cristo ou a sua igreja, é impossível usar os aspectos formais da disciplina da igreja ao lidar com ele. No entanto, nunca é errado seguir pelo menos os dois primeiros passos da disciplina informal mencionados em Mateus 18.15-16. Em submissão a essas instruções, você pode confrontar o incrédulo com seu pecado e pelo menos tentar trabalhar as questões da melhor maneira possível. Se isso falhar, certamente seria sábio chamar uma terceira parte para tentar chegar a uma solução. Se ainda isso falhar, e o incrédulo recusar-se a ouvi-lo, há toda uma indicação de que você pode levá-lo ao tribunal para obter justiça (se for apropriado e você desejar fazê-lo).

Embora 1 Coríntios 6 proíba que cristãos levem outros *cristãos* a um tribunal e insista em que as questões devem ser tratadas no âmbito da própria igreja, como um assunto de família, o texto permite que você leve incrédulos perante juízes descrentes. Em outras palavras, no momento do processo de disciplina onde se aplicaria “diga isso à igreja”, pode-se aplicar “diga isso ao tribunal”. Assim como há um processo de duas etapas no contar para a igreja (primeiro aos anciãos e depois a todo o corpo), assim também há um processo de duas etapas no mover uma ação contra alguém. Assim como a confrontação pelos presbíteros pode ser o bastante para trazer arrependimento por parte do crente, assim

também uma confrontação por seu advogado pode ser todo o necessário para obter resultados de um incrédulo. Em qualquer dos casos pode não ser necessário o processo completo. Processos judiciais são uma batalha, e se há algum modo biblicamente legítimo de evitá-los, você deve fazê-lo.

Há três pessoas em todas as relações: a outra pessoa, você e Deus. Você não está sozinho nisso. Deus está lá, observando e trabalhando. Ele está preocupado em ver que, em cada etapa, você faz a coisa certa, tentando ser um pacificador, se possível. Você pode contar com ele sempre, para fazer a coisa certa em relação a cada um de vocês. A Escritura refere-se à parte que cabe a Deus no relacionamento: “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos” (Provérbios 16.7).

Então, qual é a conclusão deste capítulo? Simplesmente esta: você não tem tantos recursos para lidar com um descrente como tem num relacionamento com um cristão, então não se devem esperar os mesmos resultados. Uma coisa que você pode fazer sempre, em seu relacionamento com o incrédulo, é agradar a Deus, certificando-se de que, de sua parte, nada foi deixado de lado na relação. Se não se obteve paz, você precisa ter certeza de que isso se deve totalmente à falta de vontade do incrédulo para obtê-la, nunca a alguma falha sua.

9. MANTENDO A PROMESSA

Certamente Lewis Chafer estava errado quando escreveu: “O perdão da parte de uma pessoa em direção à outra é a mais simples das tarefas”.[\[32\]](#)

Já vimos que o dever do perdão exige que alguém tome medidas desagradáveis às quais tenho me referido como reumatismo e gota, e que pense por meio de questões teóricas complexas que nem sempre foram bem tratadas. Agora temos de considerar a questão prática de manter a promessa que você fez quando concedeu perdão a alguém.

Como você já sabe, quando perdoa o outro, você declara que está cancelando a dívida dele, removendo a culpa dele; e prometendo que você nunca mais vai trazer à baila a culpa dele; e que nunca mais vai trazer à baila as ofensas dele, para usá-las contra ele. A promessa envolveu três coisas.

1. Não vou trazer a questão a você.
2. Não vou levar a questão a ninguém.
3. Não vou trazer o assunto para mim.

E quanto às consequências?

Os pais de Fred o perdoaram por dirigir com

imprudência, pondo em perigo a vida de outros motoristas e pedestres. Fred arrependeu-se. Não houve acidente e ninguém ficou ferido, mas Fred recebeu uma multa enorme, que ele está trabalhando duro para pagar. O assunto está encerrado.

No momento do perdão, no entanto, houve alguma discussão que pode ser do seu interesse. Fred afirmara que uma vez que sua culpa tinha sido removida e sua dívida cancelada, o pai tinha de pagar a multa. Caso contrário, o pai estaria mantendo seu pecado contra ele. Isso é verdade? Fred estava certo?

Claro que não. Mamãe e papai tinham perdoado seu pecado e teriam de ter cuidado para não tocar no assunto de sua autuação de trânsito passada, mesmo que sentissem vontade de fazê-lo. Mas ao perdoá-lo, eles não prometeram remover todas as *consequências* da infração.

Quando Davi pecou contra Deus por adultério e homicídio, Deus o perdoou (o Salmo 51 é um registro firme desse fato), no entanto, Deus não removeu todas as consequências. O filho de David morreu. Quando um pecador libertino volta-se para Cristo, não brota um novo braço no lugar do que ele perdeu, quando, numa briga de bêbados, o meteu no vidro de uma janela. Quando perdoa o Tom por ter roubado seu cortador de grama, Bill não está errado em pedir a devolução do cortador roubado. Arrependimento exige restituição, nesses casos em que ela pode ser feita.

Algumas consequências, no entanto, são mais sutis. Se a questão não for tratada adequadamente, procurar por suas implicações pode até beirar a quebra da promessa tríplice do

perdão. É importante, portanto, distinguir com muito cuidado essas circunstâncias diferenciadas.

Tome-se, por exemplo, um aconselhamento ou outro tipo de ajuda que vise fortalecer uma pessoa contra futuras transgressões ou pecados. Obviamente, em tais esforços um conselheiro vai explorar o passado a fim de identificar padrões contra os quais a pessoa aconselhada tem de se prevenir, se o objetivo é crescer forte o suficiente para resistir a futuras transgressões. Isso significa que um pecado, e possivelmente outros semelhantes a ele, terá de ser trazido à luz. Então, quando os pecados são revelados, isso deve ser feito de uma forma *totalmente* salutar, sem amargura ou vingança. Noutras palavras, é importante distinguir entre trazer à luz um pecado a fim de ajudar alguém e revelá-lo para usá-lo contra a pessoa aconselhada.

Às vezes, as pessoas falham no estabelecimento desses limites bem o suficiente. Se você está ajudando alguém, é mais importante ser culpado de excesso de cautela. Imagine marido e mulher em cujo casamento tenha havido um grande número de brigas. Cada um perdoou o outro, especialmente no caso do último episódio, tão intenso que os levou a procurar aconselhamento. Agora, eles estão trabalhando com seu pastor, que vem tentando descobrir por que tipo de motivos eles mais brigam, como as brigas começam, e assim por diante. Desse modo, ele pode ajudá-los a estruturar seu relacionamento contra altercações futuras. Mas a menos que o pastor seja muito cuidadoso ao mencionar o perigo de possíveis violações de suas promessas, será muito

fácil para o casal cruzar a linha para território proibido quando descrever o passado.

O que torna o problema tão sutil e, portanto, difícil de lidar, é o fato de que as mesmas frases podem ser faladas de modo salutar ou danosamente. O modo como as palavras foram ditas, o propósito ao dizê-las, e a atitude subjacente a elas fazem toda a diferença. Uma vez que o coração pertence a Deus, e você não pode julgar os motivos, você tem de fazer duas coisas para dar equilíbrio à questão. Primeiro, você tem de alertar contra os perigos, clara e persistentemente. Segundo, você tem de tomar como verdadeira a palavra de uma pessoa, quando ela diz não ter havido amargura ou espírito de vingança no que dissera. No amor, até que os fatos provem o contrário, deve-se crer em tudo, esperar tudo (cf. 1Co 13.7). Isso significa que se deve dar a todos o benefício da dúvida.

O que acontece quando você quebra a promessa?

Digamos que você tenha se exasperado e explodido com alguém: “Você fez isso de novo, pela enésima vez. Você nunca vai mudar. Lá vai você de novo! Porque essa foi a enésima vez que você fez isso comigo! Parece que você nunca vai ser diferente. Todas as suas promessas e todos os seus arrependimentos não significam nada. Eu cansei!”.

Quebrando sua promessa de perdoar, você jogou, na cara do outro, o pecado passado dele. E esse é o pecado da sua parte.

O que você deveria ter feito? Bem, você poderia ter mencionado que a pessoa envolvida parece estar encontrando dificuldade em superar o problema, e você poderia ter oferecido mais do que perdão naquele momento. Você também poderia ter se oferecido para ajudá-lo a superar a dificuldade. Se você não tem a menor ideia sobre como ajudar, você poderia encorajá-lo (estimulá-lo, não resmungar) a procurar um pastor.

“Está bem, isso é bastante claro. Porém, agora vamos supor que eu não siga esse procedimento. Suponha que eu tenha perdido o controle e tenha atacado de uma forma semelhante à que você descreveu. O que faço então?”

A primeira coisa que você deve fazer é reconhecer que, ao quebrar sua promessa, você pecou. A menos que reconheça seu ato como pecado, você nunca vai se tornar sério o suficiente quanto à questão, para mudar. Reconhecendo suas palavras como pecado, você deve agora pedir perdão tanto de Deus quanto à parte ofendida. Então, talvez vocês dois devessem conseguir a ajuda de que precisam para superar, cada um, os seus problemas.

Muitas vezes, apenas o fato de a outra parte estar se empenhando em tratar seu problema pessoal de uma perspectiva bíblica — aprendendo a substituir padrões pecaminosos por padrões retos — faz toda a diferença. Quaisquer pequenos sinais de crescimento são encorajadores.

Traga esperança, caso lhe convenha e agrade ajudar nesse processo de crescimento, pela lembrança e investigação, com genuína preocupação amorosa. Essas coisas diminuem a pressão e permitem que a outra pessoa erre sem que o céu desabe. Então, se possível e desejável, tente oferecer ajuda pessoal. Ajudando o outro, muitas vezes você também se ajuda, pondo-se à prova.

E se eu tiver de fazê-lo sozinho?

Raramente você tem de crescer sozinho na graça. Jesus Cristo espera que seu povo ajude uns aos outros. Considere todas as passagens “uns aos outros” do Novo Testamento, nas quais os crentes são exortados a estimular uns aos outros ao amor e às boas obras, consolar uns aos outros, ensinar uns aos outros, e assim por diante. Se ninguém a oferece, você pode ter de pedir ajuda. Os outros podem estar hesitantes em se aproximar de você, podem não perceber que você tem um problema, ou podem não pensar que você queira ajuda. Quando precisar de ajuda, peça. Se não o faz, então não culpe as pessoas.

No entanto, pode haver raras ocasiões em que você não consiga encontrar alguém para ajudá-lo, ou você pode querer tentar superar o problema por conta própria. E então?

A fim de superar o problema da promessa quebrada,

tente manter uma lista dos pensamentos de Filipenses 4.8. Isso pode ser especialmente útil para aqueles que têm tido dificuldade em disciplinar suas mentes. Paulo nos diz para focarmos nosso pensamento nas coisas que se encaixam nas categorias listadas em Filipenses 4.8:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

Se você se vir repisando o que alguém lhe fez, você precisa de ajuda. Lembre-se: você prometeu não trazer o assunto à baila — para *si mesmo*. Isso significa que todo pensamento, como o de sentir pena de si mesmo, e assim por diante, é pecado.

Maria teve um problema desses. Ela tinha perdoado Pedro, seu marido, por um adultério, mas todos os dias, quando voltava para casa, ele a encontrava em lágrimas ou melancólica e com os olhos vermelhos de tanto chorar. Era angustiante para ele viver com isso. Pedro tinha se arrependido sinceramente, de fato tinha posto um fim no caso, e tinha sido perdoado. *Por que ela tem de continuar pensando nisso? É uma forma de me punir*, ele pensou.

Quando confrontada, por seu pastor, quanto ao assunto, Maria respondeu: “Não, não quero punir o Pedro. Apenas sei, se é que sei alguma coisa, que minha fraqueza deu ocasião a mais problemas entre nós, porém, eu simplesmente não consigo me ajudar. Quando me sento lá pensando sobre

ela nos braços dele...”. E começou a soluçar.

O pastor reagiu: “O que você fazendo, pensando tais coisas? Você perdoou o Pedro. Isso significa que prometeu não se lembrar mais dos pecados dele lançando-os contra ele”.

“Eu sei, pastor, mas é tão difícil. Estou sentada lá e os pensamentos apenas vêm. Não planejo fazê-lo.”

“No entanto, Maria, como você tem planejado não fazê-lo?”

“O que você quer dizer, pastor?”

“Só isso. Se quer superar o problema, você deve planejar não pecar, deve dispor-se contra o pecado, e seguir seu plano, aplicadamente. Em Romanos 12.17, lemos: ‘... esforçai-vos [planeje com antecedência] por fazer o bem perante todos os homens’.

“Se quer enfrentar o inimigo na batalha, você não improvisa na hora. Em vez disso, treina por meses até que saiba o que fazer. Se quer pregar um sermão que seja uma bênção para os outros, você estuda longas horas, em preparação. Para fazer qualquer coisa bem, você tem de planejar com antecedência.

“Superar seu problema requer planejamento prévio. Felizmente exige ainda menos planejamento do que preparar um jantar. Sugiro que você use uma lista de pensamento baseada em Filipenses 4.8.”

“O que é isso, pastor?”

“Simplesmente uma lista de coisas para pensar sempre

que você encontrar sua mente vagando em direção a áreas em direção às quais não deve avançar. Eis o que você deve fazer. Pegue um pedaço de papel e escreva nele os números de 1 a 20. Ao lado de cada número, escreva por extenso, com cuidadosa reflexão, um tópico no qual você precisa refletir. Não liste abstrações aéreas, tais como a imensidão do universo, com as quais você gastaria apenas alguns segundos de reflexão. Preencha a página com questões práticas, tais como: ‘O que tenho de fazer para me preparar para as nossas férias neste verão?’ Isso provavelmente não só envolverá sua mente, mas você vai se ver usando seu lápis e o papel antes que acabe de refletir. Como brinde, vou lhe dar aqui seu primeiro item da lista. Anote isto: ‘Coisas para colocar na minha lista’. Se começar a pensar sobre isso, você vai ter os outros 19 itens da lista.

“Agora, sempre que você pegar sua mente vagando, saque sua lista, peça ao Senhor para ajudá-la a manter sua mente nessas coisas que são proveitosas, e vá trabalhar. Leve sua lista com você onde quer que vá, fazendo novas listas, conforme necessário, até o momento em que, por conta própria, sua mente comece a viajar pelos caminhos adequados.”

“Entendo. O senhor acha que isso funcionará, pastor?”

“Muitas outras pessoas que tiveram problemas semelhantes descobriram que funciona. Mas você tem de ser séria quanto a isso. Deve de fato querer mudar. Não pode desfrutar nem mesmo os menores remanescentes da

autopiedade. Você deve impiedosamente disciplinar sua mente — o que significa regularidade e consistência.

“Agora, há outro fator que eu gostaria de mencionar, Maria. Você falou sobre quando está ‘sentada lá e os pensamentos apenas vêm’, ou algo assim.”

“É isso mesmo, pastor. Todas as tardes, quando estou sentada na minha cadeira, esperando Pedro voltar para casa, encontro minha mente vagando naquele ‘território proibido’.”

“Bem, você tem de tomar uma atitude quanto a isso também. Provavelmente você precisa reorganizar sua agenda. E você precisa acabar com os períodos em que se assenta sem um propósito e... pensa. Durante os próximos dois meses, enquanto estiver trabalhando com o problema, nunca se deixe sentar e pensar, sem planejar com antecedência no que vai pensar. Você também precisa refletir sobre se tem muito tempo disponível quando está sozinha. Talvez, à medida que reexaminar sua programação diária, você ache, durante a semana, algum tempo disponível para fazer algum trabalho voluntário na igreja, visitar alguns inválidos na congregação, ou o que seja. Mas a todo o custo, você não deve se permitir longos períodos de tempo ocioso, quando não esteja fazendo nada útil.”

Tais medidas práticas não são apenas importantes, porém, na maioria dos casos, são absolutamente necessárias quando se começa a disciplinar o pensamento. Se vem enfrentando problemas para manter a promessa de não voltar a pensar numa questão (o ponto onde a maioria falha), você precisa seguir o procedimento na lista de pensamento de

Filipenses 4.8, ou desenvolver algum outro programa igualmente eficaz. Mas — e esta é a consideração mais importante de todas — faça o que fizer, *você deve planejar com antecedência*.

Não, perdão não é “o mais simples dos deveres”, mas também não é impossível. Uma abordagem bíblica prática lhe permitirá viver uma vida muito mais honrosa a Cristo e mais amorosa para com seu vizinho. Por que eu não disse “e mais satisfatória para você”? Porque pretendo tratar dessa questão no próximo capítulo. Peça a Cristo que o ajude a trabalhar hoje; vale a pena.

10. EM FAVOR DE QUEM?

Um tema percorre muitos dos livros atuais que têm a ver com o perdão. Talvez o assunto se expresse melhor no título do livro de Richard Valterers, *Forgive and Be Free: Healing the Wounds of Past and Present* [*Perdoar e ser livre: curando as feridas do passado e do presente*]. O tema é que você deve perdoar os outros, porque isso lhe fará bem.

Na literatura moderna sobre perdão, essa orientação voltada para o próprio indivíduo surge não só na noção antibíblica de um suposto dever de perdoar alguém (veja o capítulo seis), porém, mais fundamentalmente, num mal-entendido generalizado quanto ao propósito de perdoar.

Já comentei o conselho de David Augsburger a um marido: não confessar a sua esposa o seu pecado com o fim de lhe pedir perdão, caso ele possa “encontrar alívio” confessando seu pecado somente a Deus. Aqui, a preocupação está centrada exclusivamente no marido; a esposa não é considerada. Em seu livro *Forgive and Forget* [*Perdoe e esqueça*], Smedes fala de “nossa necessidade de perdoar *para nosso próprio bem*”. Ele continua: “Quando perdoa alguém por tê-lo machucado, você realiza uma cirurgia espiritual dentro de sua própria alma”.^[33]

Valterers assegura a seus leitores que “este livro vai ilustrar como perdoar mudou a vida das pessoas e vai instruí-lo no processo de perdoar de modo que você possa alcançar a

medida plena de alegria disponível para você”.[\[34\]](#)

E a razão para Betty Tapscott querer que você perdoe animais, países e denominações (ver capítulo três) é libertá-lo (o subtítulo descritivo de seu livro). Obviamente, tais pretensões auto-enganosas sobre perdão (quando pensa nisso, todo mundo sabe que não se pode realmente prometer nada a um animal, um país, ou denominação) são estritamente egocêntricas: “obter alívio”, como David Augsburger coloca. Toda a preocupação em todo o livro é com a pessoa que fez o mal. Pouco ou nada é mostrado em relação à pessoa injustiçada.

Quem deve ser o foco da preocupação?

Quando perdoou, qual era a preocupação de Cristo? Toda a sua ênfase estava na honra a Deus e na bênção daquele cujos pecados foram perdoados (veja passagens como João 5.14; Marcos 2.5, 12). Mesmo quando deixa claro que o Pai não ouvirá sua oração por perdão, a menos que você perdoe os outros, o modo como Cristo coloca a questão não é tanto um incentivo a perdoar, mas um aviso — se não perdoar, você estará em problemas com seu Pai Celestial. Jesus também não sugere que a razão ou o objetivo de perdoar o outro seja encontrar alívio pessoal. Esse motivo de perdão que visa o benefício do próprio perdoador é estranho à Bíblia.

No entanto, em nosso tempo, esse motivo é que se avulta como o interesse e a preocupação da maioria dos que escrevem sobre perdão de outros. Por que isso? Devido à aquisição por atacado do pensamento e de escritos cristãos pela psicologia; aquisição a partir da qual tais noções vêm. O interesse próprio é manifestado em todos os lugares, seja em perdoar a si, buscar desenvolver uma autoimagem melhor, procurar segurança e significado para si mesmo, ou, como aqui, em praticar um ato bom para alguém, com o fim de obter um benefício para si mesmo.

Pelo contrário, Cristo nos ensinou a olhar para longe de nós mesmos, crucificar o eu, negar-nos a nós mesmos, e por outro lado, preocupar-nos com Deus e os outros. Cristo estabelece dois grandes mandamentos, como resumo de tudo o que a Bíblia ensina: amar a Deus e amar o próximo. Nisso Cristo chama a atenção para o outro e afasta-se da ideia de interesse pessoal. Também Paulo, em Filipenses 2.3-4, dá ênfase à mesma ideia.

Conceder perdão é mera barganha?

A julgar pelo modo como os que falam sobre os resultados terapêuticos para quem perdoa o outro, você poderia pensar que eles estão vendendo óleo de cobra — poções mágicas. Meus sentimentos de culpa, minhas dores de cabeça, minha miséria, etc., serão aliviados se eu fizer uma

barganha com Deus. Ele as levará para longe se eu perdoar os outros. Coloque a moeda do perdão na fenda para moedas, aperte os botões certos, e virá o benefício desejado. Deus se torna uma máquina de distribuição cósmica. Não, Deus é uma pessoa e você nunca deve se esquecer disso. Suas transações com ele são transações do coração, nas quais ele olha e percebe seus motivos. Se seus motivos estão centrados em sua própria pessoa, seu relacionamento com ele vai azedar. Você não deve orar pelos outros, ou “quando estiver orando”, prometer a Deus que você vai perdoar o outro, quando seu objetivo é obter tais e tais benefícios em troca.

Como o perdão de Deus, seu perdão deve ser “gracioso”. Em Efésios 4.32, “... sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou”, as palavras que cercam o perdoar e o verbo empregado no original grego enfatizam a graciousidade do ato de perdão. O verdadeiro perdão não só é imerecido, mas também é sempre concedido por misericórdia (benignidade, compassiva ternura), certamente não com o propósito dissimulado de obter algo para si mesmo!

No original, a palavra usada é *charizomai*, uma forma verbal do substantivo *charis*, “graça”. Significa “dar algo a alguém *livremente*, como um favor”. Cada nuance na palavra e no versículo põe em evidência a pessoa que é perdoada. Não há interesse expresso ou implícito na pessoa que está perdoadando (cf. Colossenses 3.13). Seu bem-estar no ato ou que benefícios poderiam advir em seu favor nunca estão em

vista.

Bem, existem benefícios? Certamente, no entanto, como a alegria e a paz, eles são subprodutos, não devem ser procurados (ou encontrados) como fins em si mesmos. Uma melhoria em sua relação com Deus e com a outra pessoa é um benefício óbvio observado no Novo Testamento. Mas a ênfase não está nisso. A ênfase está no que se pode fazer para ajudar o outro que se arrependeu de seu pecado. Como sempre, o Novo Testamento enfatiza o amor — um dar orientado de si para o outro: posses, tempo, interesse, ou seja o que for de que o outro precise. O amor bíblico, como o de Deus, não é amor com amarras; é o amor que pensa no bem-estar do outro, enquanto se esquece do eu. É o dar pelo perdoar. Por isso é que falei de “concessão” de perdão. É dar ao outro uma liberdade que ele não merece. O perdão é gracioso. O apelo nos livros modernos, intencionalmente ou não, é ao egoísmo. Essa motivação é completamente antibíblica.

Qual é então o propósito de conceder aos outros o perdão? Fazer algo de bom para si mesmo? Não. É fazer o bem ao outro, por gratidão a Deus, honrando a Deus, seguindo o exemplo de seu gracioso perdão em Cristo.

Amigo, pense cuidadosamente sobre o espírito no qual você perdoa o outro. Se você ainda está com raiva dele, empenhe-se, por gratidão a Deus, de quem você não está com raiva, e a quem deve tudo em Cristo. À medida que caminha, tenha certeza de que você livrou seu coração de todo egoísmo. Caso contrário, não haverá espírito de benignidade e compassiva ternura no que você faz. Só quando para de

pensar em suas dores e na injustiça feita a você, e em vez disso se volta para a grande necessidade daquele que cometeu tamanha ofensa e agora reconhece a enormidade do que fez, só então é que você perdoará em benignidade e compassiva ternura. O perdão sempre tem de se mover para fora, em direção a Deus (honrando-o por meio de obediência resultante de gratidão) e em direção à pessoa a ser perdoada (por preocupar-me com o bem-estar dela), em vez de se mover para dentro, em direção a meu interesse pessoal (os benefícios e bênçãos que serão meus se eu perdoar o outro).

11. ARREPENDIMENTO, CONFISSÃO, E PERDÃO

Durante as discussões neste livro, as duas palavras bíblicas arrependimento e confissão são usadas livremente. Apresentei tanto o arrependimento quanto a confissão como pré-requisitos para o perdão. No entanto, a que se refere cada um? Neste capítulo, quero ajudá-lo a compreender esses termos, a compreender a que se referem e à relação deles com o perdão.

O arrependimento é uma coisa poderosa

O que é essa coisa poderosa chamada arrependimento que, se um homem sequer *diz* que o tem, precisa honrá-lo? (Lc 17.3). É um profundo pesar e tristeza, como alguns têm pensado? É um ato do homem ou uma obra de Deus?

Certamente tristeza pode acompanhar arrependimento, mas nunca deve ser igualada a ele. Chorar não supõe necessariamente verdadeiro arrependimento (cf. Dt 1.42ss.). É lamentável que a versão *King James* traduza como “arrependimento” duas palavras distintas, confundindo, assim, a muitos. A palavra que não deveria ter sido traduzida como “arrependimento” é a que está inseparavelmente ligada a sentimentos tristes. Em vez de ser traduzida como “arrependimento”, deveria ser traduzida como “pesar”.

Arrependimento não é um sentimento. Uma pessoa pode ter pesar por suas palavras ou ações, como aconteceu com Esaú, mas não estar arrependida. Remorso vem de muitas causas e pode ser *misturado* ou confundido com o verdadeiro arrependimento; mas arrependimento verdadeiro vem apenas do reconhecimento honesto do pecado.

Assim como pode haver tristeza sem arrependimento, assim também pode haver arrependimento que só mais tarde produzirá tristeza. Tristeza sem arrependimento é uma tristeza voltada para si mesmo. Tristeza que acompanha o arrependimento é uma tristeza quanto ao pecado pessoal contra Deus e seu próximo.

A palavra do Antigo Testamento para arrependimento significa, literalmente, “virar”. Isso indica uma reviravolta em seu pensamento que leva a uma reviravolta em seu estilo de vida (pensamentos e trajetórias). No Novo Testamento, persiste essa mesma ideia. Jesus disse a Pedro, “... quando te converteres [literalmente virar], fortalece os teus irmãos” (Lc 22.32), mas para isso é adicionada a imagem gêmea de “repensar, mudar a mente de alguém” (a palavra dominante do Novo Testamento). Arreponder-se, então, indica uma mudança mental ou alteração de pensamento que leva a uma mudança de vida.

Talvez essa ideia seja mais agudamente definida em Isaías 55.7-8: “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar”.

Chamando Israel ao arrependimento, Deus, por intermédio de Isaías, exige que o povo “abandone” seus próprios pensamentos e caminhos, por não serem os caminhos do Senhor — os quais o Senhor coloca diante deles. Em vez disso, ele insiste em que Israel converta-se ao Senhor e comece a pensar os pensamentos, e a andar nos caminhos do Senhor (vv. 7-9). Esses pensamentos e caminhos “superiores”, Deus afirma que foram revelados na Bíblia (v. 10-11). Numa palavra, então, arrependimento é desviar-se de seus próprios pensamentos e caminhos pecaminosos em direção à verdade e santidade bíblica.

Uma mudança de mente

Em que sentido um cristão tem de mudar o que pensa a respeito de arrependimento que é a condição para o perdão? É certo que o crente tem de abandonar todos os pensamentos que o levam a supor que ele pode ir longe com seu pecado. O próprio ato de confrontação da parte de outro irmão (Lc 17.3; Mt 18.15) deve deixar isso claro. Deus quer o pecado exposto pelo que é.

Além disso, se tem enganado a si mesmo pensando que seu pecado é um bem que lhe trará alegria e benefício, o cristão precisa reconhecer que essa é uma ilusão. Ninguém que é um filho de Deus jamais pode pensar por muito tempo que ferir o outro por meio de seu erro seja um caminho para a felicidade ou a bênção. Pelo contrário, precisa lembrar-se da cruz como o supremo momento de dor provocada pelo erro.

Se tiver qualquer intenção de continuar com seu comportamento pecaminoso para com Deus e os outros, o cristão precisa vir para o lugar onde percebe que isso é impossível e que precisa parar e desistir. Se o coração do cristão tornou-se insensível à quebra de seu relacionamento com Deus e outros, de modo que ele não se importa mais, o arrependimento é o reacender da preocupação. Tudo isso é obra do Espírito Santo aplicando sua Palavra (muitas vezes, por meio do ministério de outros crentes).

Nesses, e em quaisquer outros processos nos quais a situação exija mudança de mentalidade, arrependimento significa uma tal alteração dos pensamentos, crenças e atitudes, que o cristão agora enxergará seus pecados como eles realmente são. O arrependimento é uma mudança do engrandecimento pessoal para a humildade de alguém que se reconhece indigno diante de Deus e do homem. A autoestima ensinada hoje, trazida de psicologias pagãs para a igreja, tende a fortalecer as pessoas contra o arrependimento. Tais ensinamentos devem ser combatidos como prejudiciais ao arrependimento cristão. Arrependimento é uma mudança na perspectiva de alguém que levanta os olhos de si mesmo e de seus próprios negócios, capacitando-o a buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6.33).

Arrependimento é um pré-requisito para o perdão, porque até que alguém repense suas atitudes e ações, trazendo-as à conformidade com Deus, de modo que pense conforme os padrões de pensamento do Senhor, não há possibilidade para a mudança de estilo de vida implícita no

pedido “Perdoa-me”. Nem reconciliação, nem comunhão com Deus ou com o próximo é possível.

Pode-se fazer a outro a promessa de “não se lembrar”, quando o outro diz: “Eu me arrependo”, porque, quando o outro o diz, entende-se: “Tenho sido mal; não quero fazer isso de novo”. Arrependimento é o oposto de pedidos de desculpa e de álibis. É a admissão franca de um pensamento errado que levou ao delito. Ao ouvir isso como admissão de pecado, a pessoa que perdoa não pode pedir algo mais. O perdoador deve levantar a carga dos ombros de seu irmão ou irmã e libertá-lo para tornar-se, mais uma vez, seu amigo.

Confissão de pecado

A confissão está inseparavelmente ligada a arrependimento; é a visível expressão para outros da admissão interior de que se estava errado em pensamento, palavra, atitude ou ação. É uma admissão verbal de erro feita na presença da parte prejudicada.

A palavra *confessar* significa, literalmente, “dizer a mesma coisa”. É, portanto, a concordância verbal com a avaliação bíblica de seu comportamento como sendo pecado. A palavra é usada para contratos em que duas ou mais partes chegam a um “acordo”. Aqui, num sentido muito real, o ofensor está se dizendo disposto a assinar um contrato com Deus e seu irmão, reconhecendo que estava errado e pedindo perdão. Em certo sentido, toda a transação de perdão é um evento contratual com acordos, promessas, e assim por

diante. Claro, uma vez que a própria Bíblia não exige um contrato textual, redigido formalmente, eu é que não estou nem por um momento sugerindo tal coisa. É, no entanto, como um evento solene, como se alguém estivesse assinando seu nome num contrato formal, quando *na presença de Deus* confessa seu pecado para alguém. E é exatamente igual a um solene ato de fazer a promessa de perdão.

Confissão é dizer ao outro: “Você está certo. Eu errei com você; pequei contra você”. É admitir, como verdadeiro, que fora responsável. De fato, confissão genuína pode ser uma admissão de mais do que foi cobrado: “Você só sabe uma parte do que eu disse sobre você. Foi pior do que você pensa...”. Tiago 5.16 nos ordena que confessemos nossos pecados uns aos outros. Não há apoio aqui para o confessor. Nem há qualquer apoio para a confissão pública de um pecado privado. Mateus 18.15ss. deixa claro que a confissão tem de ser divulgada apenas tão amplamente quanto foi a amplitude do pecado. Em casos como o de Corinto (1 Coríntios 5), em que “se ouvia”, isto é, era comumente relatado que estavam acontecendo incestos, uma confissão comum de pecado e arrependimento era necessária. Porém, é totalmente antibíblico tomar Tiago 5 como mandado para que em todos os tipos de reuniões alguém seja encorajado a “derramar suas entranhas” diante de pessoas que não estão nem envolvidas no pecado, nem devem ser.

Em última análise, a verdadeira confissão é um acordo com alguém, acordo que esteja de acordo com a Palavra de Deus. Uma pessoa nunca deve confessar como pecado o que

não tem certeza de que, biblicamente, seja pecado. Nem deve confessar pecados que não acredite ter cometido, apenas com o intuito de apaziguar alguém que o acusou de tais erros. Uma confissão tem de ser a genuína, sincera convicção de um confessor arrependido.

O perdão flui da confissão, como fluxos de água, de uma nascente. Quantas vezes em sessões de aconselhamento vi marido e mulher derreterem-se nos braços um do outro em lágrimas alegres, quando finalmente a confissão é feita e o perdão é pedido! Com que frequência ouvi uma pessoa dizer a outra, com a mais profunda sensação de alívio: “Nunca pensei que ouviria você admitir isso! Mas estou feliz demais porque você o fez”.

Quando alguém admite o erro e pede perdão, nada mais se coloca como obstáculo no caminho de ele ser perdoado; nada mais pode ser exigido. A promessa de “não mais lembrar” *tem de* ser feita.

12. PERDÃO, NA PRÁTICA

Neste capítulo, pretendo estudar três instâncias típicas em que os princípios bíblicos de perdão podem ser aplicados, a fim de mostrar-lhe como funcionam.

Perdão e adultério

Valter cometeu adultério. Ele não queria, porém, num momento de fraqueza, quando as coisas não estavam indo bem no trabalho ou em casa, quando estava sentindo pena de si mesmo e quando uma mulher no bairro mostrou-se disponível, bem... ele o cometeu. Agora, Valter se arrependeu, confessou, e pediu perdão a sua esposa. Depois de algumas dificuldades — lágrimas, explosões (“Como você pôde?”), e outros — o pastor, acalmando-a, ajudou Joana a reagir positivamente.

“Vou perdoá-lo”, diz Joana.

Dois dias depois, Joana pede ao pastor para fazer-lhes uma visita. Naquela noite, enquanto ele se senta diante de Valter e Joana, ocorre a seguinte conversa:

Valter: Pastor, Joana quer o divórcio. Pensei que tudo tivesse sido resolvido e que poderíamos restabelecer nosso casamento numa base mais sólida, como o senhor disse. Porque nem sequer nos reunimos com o senhor, para nossa primeira sessão de aconselhamento. Sei que tem sido difícil

para ela, mas eu simplesmente não entendo.

Pastor: Bem, é claro que estou feliz por você me ter chamado de imediato. Joana, é assim que você vê a questão? Valter está certo?

Joana: Sim, está. Eu simplesmente não consigo continuar vivendo com ele! É verdade que o perdoei e, como prometi, não ia continuar voltando ao assunto com ele, mas não há nenhum modo como eu possa conseguir viver com um homem que fez uma coisa dessas.

Pastor: Entendo. Bem, em primeiro lugar, deixe-me ajudá-la numa coisa: Em 1 Coríntios 10.13, Deus diz que “não vos sobreveio tentação que não fosse humana...”. Isso significa que antes de você outros cristãos enfrentaram esse tipo de coisa, com sucesso. E ele continua a dizer: “... Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças...”. Isso significa que nada se interpõe no seu caminho, com que você não consiga lidar, se lidar com a questão da maneira de Deus. E ele mantém tal promessa com a sua própria fidelidade. Isso significa que é absolutamente seguro. Finalmente, diz: “... juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar”. Com isso, ele quer dizer que você não vai permanecer sob as pressões da provação por tempo indeterminado; você pode olhar para a frente, para emergir dela com sucesso.

Para resumir tudo, o que Deus está dizendo é que você não pode dizer “Não consigo!”. Pressupondo, é claro, que você lide biblicamente, com seus problemas, você acredita nesta promessa de que ele nunca permitirá em sua vida

qualquer coisa que esteja além de sua capacidade de suportar?

Joana: Bem... acho que sim, já que é o que diz. Porém, ainda não vejo como eu poderia continuar a viver com esse homem. Ele me traiu! Além do mais... não tenho de fazê-lo. A Bíblia diz claramente que tenho o direito de me divorciar dele com base no adultério, não é?

Pastor: Joana, você admitiu que Deus pode capacitá-la para lidar, a seu modo, com qualquer coisa que lhe venha. Isso é bom!

E isso significa que, se ele requer que você restabeleça este casamento numa base firme e bíblica, você *conseguiria* fazê-lo — certo?

Joana: Acho que é isso mesmo, *se* ele exigiu isso. Porém, como eu lhe disse, eu não preciso. Tenho motivos para o divórcio: ele cometeu adultério! E quanto a isso?

Valter: Como ela pode dizer que me perdoa quando se vira e se divorcia de mim? Pastor, eu a amo! Como posso deixar tudo isso bem claro para ela? Na verdade, sinto muito pelo que fiz, e quero dizer que vou trabalhar duro para me tornar o tipo de marido que Deus quer que eu seja. Não existe algum modo de o senhor a convencer a não ir adiante com esse divórcio?

Pastor: Valter, eu estava prestes a tratar da questão. Mas uma coisa de cada vez. É importante estabelecer primeiro que Deus nunca exige que seus filhos façam algo para cuja realização ele não lhes tenha concedido tanto a sabedoria quanto a força. Entre outras coisas, isso é o que 1 Coríntios

10.13 ensina. E, Joana, você parece entender esse fato e aceitá-lo como verdade, se é que ouvi corretamente, certo?

Joana: Sim, mas o senhor ainda não disse nada sobre o fato de a Bíblia me permitir um divórcio por motivos de adultério. E quanto a isso?

Pastor: Se eu for capaz de convencê-la de que a passagem que permite o divórcio não se aplica ao seu caso e que, embora isso possa ser difícil, seria possível a você e Valter terem um casamento que se poderia festejar, caso o tornassem completamente bíblico em todos os aspectos? Você acreditaria ser possível fazê-lo, não é?

Joana: Bem... não tenho certeza. Isso parece bastante remoto agora. Acho que, teoricamente, concordo com a ideia, mas pense no que ele fez. Parece bastante improvável acreditar que este casamento poderia ser salvo, muito menos tornar-se um casamento que se poderia elogiar ou festejar.

Pastor: Bom! Então você admite essa possibilidade, não importa quão pequena pareça? Você acredita que não é impossível para Deus fazer de seu casamento um sucesso?

Joana: Sim... mas...

Pastor: Então, vamos considerar os fatos. Valter se arrependeu de seu pecado, rompeu o relacionamento ilícito, pediu seu perdão, e diz que está disposto a se empenhar no que Deus requer dele para fazer este casamento dar certo. E disse que está disposto a participar de sessões regulares de aconselhamento com você e comigo, para trabalhar nisso. Certo, Valter?

Valter: Definitivamente! Não há nada que eu queira mais. E de fato me proponho a isso.

Pastor: Joana, você perdoou Valter. Certo?

Joana: Isso é verdade.

Pastor: Agora: expliquei-lhe o que significa perdoar antes que você o fizesse, de modo que pudesse fazê-lo com entendimento.

Joana: Você disse que isso significava que eu não poderia trazer à baila de novo o pecado de Valter, lançando-o na cara dele. Quando nos divorciarmos, será ainda mais fácil manter tal promessa. Eu não teria a oportunidade de fazê-lo. O divórcio deve ajudar em tudo!

Pastor: Espere um minuto. Temo que você tenha entendido tudo errado. Eu também falei sobre o fato de que quando você perdoa uma pessoa, a promessa de “não se lembrar” significa que você não vai usar o pecado da pessoa contra ela. O divórcio é tanto trazer pecado dele quanto usá-lo contra ele de uma forma mais vigorosa! E você também se lembrará de como falamos sobre perdão como o prelúdio para a reconciliação?

Joana: Você quer dizer que não posso me divorciar dele porque eu o perdoei?

Pastor: Certo!

Joana: Então eu não deveria ter feito a promessa. Posso retirá-la?

Pastor: Não. Você não tinha escolha na questão. Quando Valter se arrependeu e procurou-a pedindo-lhe

perdão, a Bíblia exigiu de você que o concedesse. Lembre-se de Lucas 17.3-4, onde Jesus ordena que você perdoe o Valter — sete vezes por dia?

Joana: Sim, acho que sim.

Pastor: Você consegue entender que Deus quer que você se empenhe em restabelecer o casamento sobre uma nova e melhor base? Eis por que ele nos deu esse maravilhoso processo de perdão — para que pudéssemos resolver problemas como esse para sua honra. Pela graça de Deus, você consegue!

Valter: Eu com certeza quero. O que você diz, Joana?

Joana: Se não há nenhuma saída, acho que vou ter de fazê-lo. Mas o que consigo dizer-lhe agora é que não gosto disso. Não acho que vá funcionar em nosso caso. Mas se tiver de ir até o fim, farei o que for preciso e, pastor, você vai ter de nos dar uma grande ajuda. Não vai ser fácil, e quanto a mim, não tenho a menor ideia sobre por onde começar.

Pastor: Joana, você já começou e por isso tem Valter. Estou muito feliz por ouvi-la falar assim. É claro que vou ajudá-la. Por isso marcamos nossa primeira sessão de aconselhamento para amanhã à noite. Estou ansioso para mostrar-lhe como Deus pode fazer tudo isso acontecer.

Esse cenário deve ajudá-lo a entender a praticidade dos princípios que vem estudando ao longo deste livro. Você pode ver que esses princípios se juntam de várias formas para

trazer direção e ajuda na hora da confusão e da incerteza. Por isso é que você deve aprendê-los, e também aprender a aplicá-los. Agora vamos voltar nossa atenção para uma situação muito diferente.

Ensinando crianças a perdoar

Qual o melhor modo de ensinar o perdão às crianças? Pode parecer que você esteja forçando-as a proferir palavras que elas não entendem nem sabem o que significam (“Peça perdão, ou vou bater forte em você!”, “Diga ‘eu te perdoo’, ou outra coisa!”), certo? Bem, se é esse o modo como lidaria com o ensino do perdão, você não deixaria de fracassar.

Devemos forçar as crianças a dizer coisas e fazer promessas que não querem realmente fazer? Certamente que não. Vamos explorar como o ensino do perdão deve ser feito.

Há duas maneiras principais de fazê-lo. Primeiro, você deve ensinar nas situações do dia a dia, como Deuteronômio 6 e 11 indicam. Os caminhos de Deus devem ser ensinados e gravados no coração de seus filhos ao deitar, sentar, andar, *etc.* Significa que no curso das atividades comuns da vida, sempre e onde quer que elas ocorram. Assim, quando acontece uma briga entre duas crianças, esse é um bom momento para convencê-las da importância do perdão. Porém, *não até que elas estejam prontas para ouvir.* Isso pode significar esperar até que tenham se acalmado um pouco, até que você tenha sido capaz de argumentar com elas a partir da Bíblia e instruí-las com cuidado no que devem

fazer. Nenhuma criança deve ser forçada a fazer promessas que não entenda nem tenha intenção de cumprir. E criança nenhuma deve ser forçada a dizer que se arrepende quando não se arrependeu. Esse é o primeiro ponto.

O segundo é tão importante quanto. Pais (e professores, avós, etc.) descobrirão que o perdão é ensinado de modo mais persuasivo e marcante no convívio social, do dia a dia, *pelo exemplo*. Por serem pecadores, de vez em quando os adultos erram com as crianças. É bom que esses adultos sigam os princípios e práticas bíblicas da confissão: “Eu estava errado em puni-lo, Joãozinho. Agora sei que você não quebrou a janela”. E do perdão: “Você pode me perdoar por ter sido tão apressado em condená-lo?”. Numa criança, nada grava mais profundamente as obrigações e procedimentos bíblicos apropriados do que essa atitude. Quando o veem praticando os princípios bíblicos do perdão, as crianças pequenas ficam ansiosas por praticá-los, elas mesmas.

É óbvio que não se deve pedir perdão a uma criança apenas como um instrumento de ensino. Seria decepcionante e hipócrita. Mas se um adulto zeloso de agradar a Cristo prejudicou uma criança, ele vai querer seguir os procedimentos bíblicos com a criança, o quanto antes a criança for capaz de entender. Ao fazê-lo, *como um subproduto*, o adulto vai instruir a criança da melhor maneira — pelo exemplo. Aliás, não haverá falta de incidentes nos quais a lição poderá ser genuinamente ensinada!

“Pedir às crianças perdão diminui a autoridade de

um pai ou professor sobre eles?”

Não. Definitivamente não! Em vez de diminuir, essa atitude estabelece a autoridade e faz outra coisa que é muito importante também. É verdade que pedir perdão aponta para longe do adulto como a autoridade final e, em vez disso, aponta para a autoridade de Deus. O que também demonstra que, embora os adultos tenham autoridade, essa autoridade é derivada e regulada por outra: a autoridade de Deus. Pedir perdão indica mais claramente que esses adultos não se consideram uma lei para si mesmos, mas que eles próprios vivem sob e submissos à autoridade de Deus. O que é bom.

Depois de tudo, o objetivo dos pais deve ser ajudar os filhos a reconhecerem a Bíblia como o padrão supremo para a vida e, por fim, ajudá-los a julgar todas as outras autoridades (incluindo sua própria autoridade de pais) pelos preceitos bíblicos. A tarefa dos pais é conduzir seu filho a uma voluntária e grata submissão à Bíblia, o mais cedo possível na vida. Pedir perdão a uma criança, quando feito num ato totalmente explicado à luz da cruz, é uma forma excelente de fazê-lo.

Uso errado e abuso

Considere um terceiro cenário. Luiza está em seus quarenta e poucos anos, divorciada, com um filho adolescente. É solitária. Você é um homem bem-casado em seus primeiros cinquenta anos. Vocês dois são membros da mesma igreja. Você e Luiza estão na mesma comissão da

igreja.

Um dia, Luiza se aproxima de sua esposa, dizendo: “Matilde, tenho uma coisa terrível para lhe contar. Acredito que seu marido esteja apaixonado por mim. Hesitei em falar sobre o assunto, mas antes que isso vá longe demais, pensei que seria melhor você saber”.

Matilde, é claro, fica chocada. Pergunta por detalhes. As respostas que recebe são vagas. “Houve insinuações”, diz Luiza, “que qualquer mulher ia entender. Por algum motivo, é o jeito como ele olha para mim”. Quando pressionada, Luiza não conseguiu descrever o olhar. “Bem, é também a inflexão em sua voz”, acrescenta ela. Mais uma vez, sob pressão — nada definitivo. “E você sabe, ele me leva para casa depois de reuniões de comissões.”

Matilde pergunta: “Ele já entrou ou sugeriu fazê-lo?”.

A resposta é um relutante “Não... mas posso dizer que ele está pensando nisso”.

Naquela noite, sua esposa o confronta com as acusações de Luiza. Elas vêm como um pensamento totalmente novo. “Eu?” — você pergunta. Você é totalmente inocente e está pasmo, como Matilde pode facilmente ver. Você pergunta: “Matilde, você não acredita em uma palavra disso, não é?”.

“Bem, Filipe”, ela responde, “eu me pergunto por que ela viria e confessaria tudo isso, se nada houvesse”.

“Não acredito nisso! Nunca sequer tomei alguma liberdade com ela! Não me lembro de ter falado uma palavra

sequer fora da linha que pudesse ser interpretada como insinuação. Nem sequer penso nela de nenhum outro modo senão como uma pessoa que inspira piedade. Por isso é que tentei ser gentil com ela. Está tudo na cabeça dela!”

O que acontece agora? Você foi acusado injustamente. Sua esposa foi chateada sem necessidade. Neste ponto, muitas pessoas se aproximariam de Luiza de forma fraquejante, não bíblica, dizendo algo como: “Luiza, me desculpe se eu disse ou fiz qualquer coisa que lhe tenha dado a ideia de que eu estivesse interessado em você. Você me perdoa?”.

Mas isso está totalmente errado. Você nada fez de errado. Pedir perdão a Luiza quando você nada fez de errado (com aquele habitual apêndice: “*Se eu fiz ou disse algo*”) é um abuso do processo de perdão. Quando você pedir perdão, esteja muito certo de que esse pedido resulta de *arrependimento de um pecado*. Pedir perdão é sempre uma admissão de pecado! Luiza o ofendeu. Com base na solidão e no desejo de receber atenção masculina, Luiza construiu uma relação de fantasia totalmente em sua própria mente. É ela quem deve pedir perdão, uma vez que volte a si e reconheça a verdadeira natureza dos fatos.

Agora, é claro, se você tivesse tomado uma atitude ou dito algo indiscreto — em tom de brincadeira ou não — você deveria pedir perdão *pelo que tivesse feito*. Porém, apenas se tivesse sido uma atitude de fato indiscreta. Você nunca deve pedir perdão por erro ou má conduta por parte de outro, *a fim de apaziguá-lo*. Com demasiada frequência, esse truque é

usado para aliviar a tensão, mas é uma pretensão e uma farsa. Se sabe que não é culpado, na verdade você está de bom grado deturpando a situação, a fim de apaziguar Luiza.

O que deve ser feito então? Você, sua esposa, e Luiza devem chegar a um entendimento claro sobre o assunto. Você não acredita que tenha pecado e acredita que o mal está na interpretação de Luiza dos fatos. Se seu casamento é sólido, Matilde vai reagir com amor por você expresso em “... tudo crê, tudo espera...” (1Co 13.7). Ela certamente vai ficar do seu lado em confiança explícita, recusando-se a acreditar em Luiza com base em argumentos tão frágeis.

Juntos, vocês confrontarão Luiza, dizendo-lhe que as suspeitas dela estão erradas. Ela deve ser repreendida por envolvê-los com elementos tão fantasiosos. Você deve dizer algo como “eu nunca poderia acreditar que meus esforços para ser gentil e atencioso seriam tomados como interesse romântico. Quero que você saiba, de forma inequívoca, que nunca houve algo em minha mente, nada além de gentileza”.

Se Luiza fica abatida, chora, admite que estava errada, e aceita a explicação como válida, isso poderia acabar com o assunto. Mesmo assim Filipe deve ter cuidado com gentilezas futuras, e provavelmente deve providenciar para que outro membro do comitê leve Luiza para casa.

Suponha que Luiza persista. Suponha que ela “saiba” que havia um bom bocado a mais em sua bondade do que mera preocupação cristã. E então? Se você e Matilde não podem convencê-la de que ela está errada e levá-la a aceitar sua palavra, você pode ter de recorrer a um ou dois outros, de

acordo com Mateus 18.16. Em seguida, o processo de reconciliação por meio da disciplina da igreja começa.

O ponto chave é que *você nunca deve usar o perdão como um artifício*.

Sinais confusos e fracos são emitidos pelos que usam o perdão para apaziguar alguém, mesmo quando sabem que não têm culpa. Se seguisse a linha do “você vai me perdoar se...” — você permitiria a Luiza “livrar a cara”. Mas será que ela realmente precisa de uma saída? É certo ela “livrar a cara”? Seguramente não, se for à custa da verdade. De fato, Luiza precisa é de enfrentar seu problema e, se necessário, aconselhar-se com seu pastor sobre seu hábito de deixar a imaginação funcionar descontroladamente. Afinal, ela o perturbou e a sua esposa. Luiza deveria é pedir perdão por isso.

Perdão é o maravilhoso remédio dado por Deus para o pecado. Nunca deve ser banalizado num uso para fins menores.

A partir dessas três circunstâncias concretas de vida você pode entender tanto a importância quanto a praticidade do perdão. Perceber como ele funciona, como pode ser ensinado, e quão importante pode ser em casa e na igreja. Você também aprende como evitar o abuso de perdão.

Perdão não é uma opção. Não é algo que seria bom fazer. É um fator importante na vida do cristão. Não importa se outros ao seu redor não entendam. Comece, você mesmo, a praticar os princípios do perdão, e você o ensinará a outros,

bem como colherá os benefícios dessa prática em sua própria vida.

13. A IGREJA, UMA COMUNIDADE PERDOADORA

Às vezes parece que o mundo é mais perdoador que a igreja. Com frequência se fazem tais acusações. As pessoas de fora parecem não se importar com o pecado, é o que nos dizem, ao passo que a igreja chama a atenção para esse pecado, julga-o, e muitas vezes torna-se crítica ao fazê-lo. Como é isso? O que estará de fato acontecendo?

Pensando nesse fenômeno, deixe-me primeiro fazer uma distinção importante. Podemos falar sobre a igreja como *ela deveria ser* ou como *é muitas vezes*. Nessas comparações indesejáveis, a igreja é descrita da segunda maneira, em vez da primeira. Porém, a igreja, como é muitas vezes, compõe-se de muitas pessoas, elas próprias perdoadas mas que ainda têm um longo caminho a percorrer para se aproximarem dos ideais bíblicos que fazem a igreja ser o que tem de ser.

Congregações dominadas pelos que não entendem adequadamente as exigências de Deus ou têm dificuldade de obedecê-las, tendem a agir como o próprio mundo, ou por outro lado, de modo legalista e, às vezes, farisaico. É esse o aspecto desfavorável que as pessoas comentam.

Vamos esquecer todas essas aberrações não bíblicas da igreja e falemos sobre a igreja no seu melhor — quando pensa e age segundo os planos de Deus. Veja: às vezes ela o faz. Então é que a igreja será uma comunidade perdoadora

propriamente dita, no sentido bíblico da palavra.

Uma comunidade perdoadora é composta de pessoas perdoadas que não esqueceram esse fato. Nas comunidades farisaicas e legalistas, as pessoas esqueceram-se de que somente pela graça de Deus é que elas são o que são. Ou acham que é possível fingir serem melhores do que realmente são, conformando-se exteriormente com os padrões bíblicos. A menos que sejam sacudidas ao longo do tempo por pregação poderosa e precisa, tais comunidades gradualmente adquirem a noção de que não precisam perdoar tanto quanto foram perdoadas quando salvas — apenas minimamente! Mas congregações na sua melhor forma são compostas de pessoas gratas que se lembram do abismo do qual foram resgatadas (Is 51.1). Não agem chocadas com o pecado em outros, nem superiores àqueles em quem o pecado é encontrado.

“Bem, é assim que o mundo funciona também, não é? Qual a diferença?”

Examinando de perto, você encontrará duas abordagens significativamente diferentes. O mundo não é uma comunidade perdoadora; o mundo é uma comunidade desculpadora. A palavra “aceitação” descreve muito mais de perto a atitude do mundo do que a palavra “perdão”. Há uma grande diferença entre as duas atitudes.

“Eu não entendo assim. As duas não são essencialmente a mesma coisa? Afinal, nestes dias, cristãos parecem estar sempre escrevendo e falando sobre aceitar as pessoas, não é?”

Embora muitos cristãos confundam a questão, usando *aceitação* de forma imprecisa, como praticamente sinônimo de perdão, as duas palavras são realmente opostas. Aceitar é receber, admitir uma pessoa como ela é, sem julgamento; o que equivale a tolerar o pecado. Perdão, pelo contrário, julga cada um, chamando pecado de “pecado”, recusando-se a desculpar o pecado ou ignorá-lo, mas de bom grado perdoando-o sob arrependimento. Há toda a diferença entre essas duas abordagens em relação a pecadores.

Jesus é muitas vezes, e erroneamente, chamado “aceitador”. Pessoas e cristãos em geral são chamados a imitá-lo nesse aspecto. Aplicado a Jesus, o título de modo grosseiro distorce a verdade sobre ele. Embora fosse preeminentemente perdoador, Jesus nunca aceitou, ignorou, ou tolerou o pecado. Típicas de sua atitude são as declarações: “Seus pecados estão perdoados” e “Vai e não peques mais”. Jesus *perdoou* pecadores; nunca os aceitou como eram. Fazê-lo teria negado o propósito de sua vinda — tirar os pecados do mundo —, e teria feito da Cruz um erro inútil e cruel.

“Mas... Jesus não odeia o pecado e ama o pecador?”

Esse é um slogan muito enganador que não tem absolutamente nenhuma base bíblica. Em vez disso, a ira de Deus paira sobre a cabeça dos *pecadores* culpados, não perdoados. Responda-me: o que Deus pune eternamente no inferno — pecado ou pecadores? É impossível separar um do outro. Pecado não é algum tipo de substância que você poderia passar no pão, como manteiga de amendoim. Você não pode realmente falar sobre o pecado em si, porque os

pecados são atos cometidos contra Deus e atitudes erradas do homem mantidas com respeito a Deus e a seu próximo.

É mais fácil ignorar ou tolerar o pecado que perdoá-lo. Sem dúvida, é por isso que o mundo adota essa postura. Os que ignoram ou toleram o pecado não precisam fazer nenhum julgamento sobre o pecador. Os que perdoam consideram o pecador, culpado; repreendem-no, chamam-no ao arrependimento, e à confissão do pecado, prometem nunca mais trazer, de novo, o assunto à baila. Perdoadores, em contraste com desculpadores, tornam-se profundamente envolvidos com o pecador — no ponto exato do pecado dele. Procuram fazer-lhe o bem a um grande custo para si próprios. Perdoar não é fácil; é custoso. Sem dúvida por essa razão é que até mesmo muitos cristãos evitam o processo de perdão e adotam outras medidas.

Por ser o perdão tão profundo e lidar definitivamente com transgressões, a reconciliação é possível. Uma base sólida para a reconciliação é estabelecida, assuntos embaraçosos nunca são ressuscitados, e perdoado e perdoador ficam livres para prosseguir juntos, *como se o pecado nunca tivesse ocorrido*.

Obstáculos à comunhão são removidos pelo perdão. Em contraste, no mundo o processo é ignorar, desculpar, e aceitar o pecado — significando que nada foi resolvido. No fundo, as ofensas ainda irritam. Verdadeira amizade e comunhão não são possíveis onde ressentimentos reprimidos e suspeitas inflamam. O ofensor, por sua vez, continua a suportar a carga do pecado não perdoado e da culpa. O fardo

não foi removido e o compromisso de nunca lembrar o assunto contra ele não foi feito. A ameaça de que seu pecado será usado contra ele paira continuamente sobre sua cabeça. Você pode ver, portanto, quão diferente é o perdão, da aceitação.

A consciência dessa diferença e o contraste nela envolvido devem fazer a comunidade cristã muito mais cuidadosa em perseguir seu privilégio e obrigação de perdoar. Mas de que modo a comunidade cristã, *como comunidade*, perdoa?

Perdão corporativo

Conquanto o perdão seja primariamente uma questão individual, a Bíblia reconhece o perdão corporativo. Esse é o perdão pela igreja *como um todo, como um corpo organizado de crentes*. Falando à igreja de Corinto, como igreja, Paulo escreveu: “A quem perdoais alguma coisa, também eu perdoo...” (2Co 2.10).

Esse é o perdão corporativo. O poder do perdão corporativo foi dado à igreja pelo Senhor Jesus. “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (Jo 20.23). Lendo essas palavras como um cumprimento da promessa de Cristo, de dar à sua igreja autoridade disciplinar (Mt 16.18; 18.18), torna-se claro que tal autoridade disciplinar inclui a tarefa de determinar entre conceder ou reter o perdão corporativo, tendo a ver com entrada ou, como aqui, reentrada no corpo, segundo o

arrependimento e a fé de alguém. Pedro e os apóstolos receberam essa autoridade diretamente do Senhor para a igreja de todas as eras. Na situação de Corinto, Paulo não perdoou, mas pediu à congregação que o fizesse. Desse modo, indicou que tal autoridade não pertencia aos apóstolos, como tal, mas foi dada a eles como representantes da igreja no momento em que, à parte do grupo apostólico, a igreja do Novo Testamento não existia de forma organizada. Essa autoridade era tão importante que Jesus não esperou até o Pentecostes, mas conferiu-a imediatamente após sua ressurreição.

Um pecador arrependido tinha sido expulso da igreja, porque não se arrependera de seu pecado, estava agora procurando readmissão no corpo. Seu pecado foi contra a congregação, um fermento insidioso que poderia ter fermentado toda a massa (1Co 5.6), não tivesse Paulo insistido na aplicação da disciplina eclesiástica. Existiam condições escandalosas nas quais a igreja de Corinto seguia a política de aceitação do mundo. A igreja fechou os olhos ao incesto por parte de um dos seus membros (1Co 5.1-13). A severa repreensão de Paulo à igreja por essa tolerância teve resultados. A igreja entregou o infrator a Satanás (ou seja, colocaram-no para fora do reino de proteção no reino visível de Deus, para o domínio de Satanás), e o homem finalmente se arrependeu. Como o pedido dele de readmissão na igreja deve ser tratado? Parece que houve várias opiniões entre os membros da igreja de Corinto. Então Paulo explicou em detalhes o que Deus requer em tal caso:

1. Perdoá-lo.

2. Oficialmente, ou formalmente, reintegrá-lo.

3. Dar-lhe toda a assistência de que ele possa precisar ao fazer a reentrada.

O primeiro desses requisitos, o perdão, envolve um ato tanto corporativo quanto individual. Em 2 Coríntios 2.10 aprendemos como, primeiro, o corpo como um todo, em seguida, Paulo como indivíduo, perdoaram o agressor. O que Paulo fez foi o que cada indivíduo na igreja tem de fazer também. No entanto, Paulo estava dando o exemplo.

O segundo requisito era o de prestar a assistência de que o irmão perdoado precisava para vir a ser restabelecido no corpo. A palavra grega usada para “confortá-lo” no versículo 7 é muito ampla, mas em sua essência traz a ideia de ajudar o outro de todas as maneiras que possam ser necessárias — conforto, encorajamento, persuasão, conselho, *etc.* Depois de ter sido entregue a Satanás, esse irmão pode retornar à igreja golpeado, ferido e esbofeteado. Pode até precisar de ajuda financeira ou de cuidados físicos e de alimentação. Satanás sabe ser muito duro com esses desertores que retornam para seu domínio. Em todos os casos, o irmão que volta vai precisar de ajuda para se reintegrar. Reentrar pode ser difícil

para todos. Sabemos como foi difícil para Paulo incorporar-se plenamente na igreja depois de sua conversão, por causa da suspeita e assim por diante. Mas Barnabé, que foi chamado de “o filho da assistência”, facilitou o caminho. Algo assim também precisa ser feito em casos de reintegração.

O terceiro requisito foi claramente um ato corporativo em que (segundo o significado da palavra “reafirmar” na língua original) o pecador arrependido tinha de ser formalmente reintegrado à plena comunhão amorosa na igreja, com todos os seus direitos e privilégios. Ocorrendo apenas aqui no Novo Testamento, a palavra indica um ato formal de um corpo de tal modo que a pessoa a quem se refere é plenamente reintegrada na posição que ocupou antes de ser excluída do corpo. Claro, o ato formal oficial da igreja como um corpo tinha de ser aceito pelos membros, individualmente, dos quais se requeria tratar o membro reintegrado como um cidadão de primeira classe do reino de Deus. Ninguém tinha o direito de evitá-lo, tratá-lo como um cidadão de segunda classe, ou rejeitar o amor dele. Por meio do perdão e da reafirmação do amor, a igreja mais uma vez reconhece, como um irmão, um membro arrependido que fora excluído da igreja — um membro da igreja visível, organizada, em boas condições.

Perdão é o que faz os outros dois requisitos viáveis. Sem o perdão, a reintegração e a reincorporação não são possíveis; na verdade, seriam pecado. É provável que por isso Paulo mencione o perdão primeiro e se refira a todo o processo sob a rubrica do perdão no versículo 10. Seja como

for, até e a menos que a igreja tenha removido a culpa de alguém e prometido não se lembrar mais do pecado dele, não o trazendo à baila contra ele, nem assistência de reentrada nem reincorporação podem ter lugar.

O perdão da parte de um corpo precisa vir por meio de oficiais falando em nome de Cristo e de sua igreja. Os presbíteros não só têm de falar publicamente ao perdoado em pessoa (verbalmente; e a palavra indicaria a provável necessidade de um registro também em ata), mas também precisam explicar a toda a congregação exatamente o que está ocorrendo e as implicações do perdão, da assistência e da reafirmação do amor. Cada membro precisa ser encorajado a expressar seu próprio consentimento ao ato de perdão corporativo, acolhendo o irmão que está voltando e dando a ele toda a assistência possível. Os membros também precisam fazer um esforço para estabelecer e expressar novas relações fraternas com o perdoado. Os presbíteros seriam prudentes, advertindo a quem quer que relute contra seguir esses princípios: se forem encontrados tratando o irmão arrependido como um cidadão de segunda classe, eles próprios podem tornar-se sujeitos à disciplina da igreja.

Noutras palavras, quando a igreja perdoa corporativamente, cada membro deve também seguir a igreja, sem fraquejar. Como leigo você deve estar pronto a fazê-lo, sempre que surge a ocasião.

14. OBSTÁCULOS AO PERDÃO

Neste capítulo, não vamos lidar com os bem conhecidos obstáculos da teimosia, do orgulho, *etc.* Embora esses sejam obstáculos temíveis que às vezes só podem ser removidos por meio da disciplina eclesiástica, em sua maioria as pessoas que leem este livro seriam capazes de identificá-los com bastante facilidade. No entanto, há obstáculos mais sutis que até mesmo os leitores familiarizados com o processo bíblico do perdão, e ansiosos de segui-lo, podem encontrar. Na tentativa de fazê-lo, podem julgar o processo tanto desconcertante quanto sobremodo difícil, a menos que os obstáculos sejam expostos em sua verdadeira luz como obstáculos, e o caminho em torno deles esteja previsto com clareza. É com esses dois obstáculos que desejo lidar neste momento.

Cura das memórias

O conceito e a prática da “cura das memórias” tornaram-se generalizados. Várias formas de “cura” da memória são articuladas e usadas. Muitas vezes, uma espécie de exorcismo acompanha o processo. Qualquer que seja a forma que pode tomar, sem dúvida, a ideia central de que memórias desagradáveis podem ser apagadas “curando-as” tem tido grande aceitação nos círculos cristãos. Essa é uma prática cristã? E que relação ela tem com o perdão bíblico?

Para começar, o conceito de que memórias podem ser “curadas” parece-me estranho, se não esquisito. Como as memórias podem ficar “doentes” e precisar de cura? A própria noção pode ser repelida por alguns. Porém, outros que têm lembranças desagradáveis lançam mão das promessas dos que defendem tal cura, a fim de obter alívio. Alguns estão decepcionados. Outros, que podem ter experimentado alguma forma de alívio, finalmente podem descobrir que foram enganados por pessoas bem-intencionadas, porém mal orientadas, seguindo um curso de ação que só esconde os problemas em vez de lidar com eles de modo completamente bíblico. Como resultado, tais pessoas vão descobrir que lembranças desagradáveis voltaram acompanhadas por outras que foram adicionadas a elas, tornando o problema ainda pior.

O conceito e a prática da “cura das memórias” não é apenas um sistema estranho; é, também, muito perigoso. O que o faz tão grave é que ele se torna um substituto e, portanto, um obstáculo para o verdadeiro caminho bíblico de Deus lidar com o passado por meio do perdão.

Em vez de seguir princípios bíblicos de confrontação, arrependimento, confissão, perdão e reconciliação, o curador de memórias encoraja o que busca a cura a reviver mentalmente acontecimentos passados desagradáveis, enquanto durante a experiência visualiza Jesus fazendo tudo correr bem. Às vezes, Jesus deve ser visualizado como andando de mãos dadas com o “paciente” ao longo da experiência, assegurando-lhe que sua presença curadora vai extrair os efeitos negativos da experiência. Cura das memórias

torna-se, assim, uma forma cristianizada de dessensibilização.

Não há na Bíblia nenhuma referência a tal processo. Esse é o primeiro ponto incisivo a ser destacado. É claro que a Bíblia não trata de todo assunto, porém, quando Jesus é o sujeito de qualquer processo ou sistema, é melhor que os que o propagam estejam muito certos de que seu ensino seja inconfundivelmente bíblico. Caso contrário, incluindo Jesus em seu sistema podem representá-lo mal e ensinar, como cristãos, pontos de vista e doutrinas não cristãos. Na verdade, foi exatamente isso que aconteceu no surgimento recente desse método. Embora resultando de princípios e práticas de perdão, que sem dúvida são ensinados na Bíblia, esses princípios ou foram substituídos, redefinidos, enfraquecidos, ou completamente eliminados. Essa é uma falha grave.

Além disso, esse foco centrado numa única pessoa, foco em que a pessoa que tem as más lembranças é a única preocupação, não tem nada a dizer daquele que cometeu a ofensa. Enquanto os maus sentimentos do ofendido são aliviados, tudo está bem. Isso é tudo o que realmente importa. O infrator é ignorado — seja um pai que abusou da filha quando pequena ou um empregador que enganou o “cliente” privando-o de uma grande soma de dinheiro. Pouca ou nenhuma preocupação é mostrada para com o ofensor. Não há, nisso, amor estendido ao ofensor. As prioridades bíblicas de aliviá-lo de sua culpa por meio do perdão e de se reconciliar com o ofensor, no futuro, não estão em vista. Em vez disso, a preocupação consigo mesmo atinge seu ápice no processo.

Os que entendem e praticam o perdão bíblico não têm nenhuma necessidade de técnicas de visualização não bíblicas. Por quase dois mil anos, os cristãos descobriram que, como um subproduto, memórias desagradáveis são apagadas quando os cristãos seguem as palavras expressas da Escritura. Alguém pode questionar como os crentes faziam antes dos últimos vinte anos ou até quando foram feitas essas novas “descobertas importantes” e essas práticas foram iniciadas!

A cura das memórias é um substituto inadequado, perigoso, para a questão real. Um substituto perigoso, uma vez que deixa sem perdão e sem reconciliação as relações de pessoas que, assim, permanecem também num relacionamento errado com Deus. É inadequada tendo em vista ser incapaz de resolver o problema real subjacente às memórias ruins — o problema da falta de perdão.

Os cristãos que seguem princípios bíblicos para lidar com problemas sabem que fazer e manter a promessa de perdão, incidentalmente (não como seu principal objetivo, mas como um subproduto) também resolve o problema das memórias. Quando alguém, de acordo com a promessa de “não se lembrar”, já não traz de volta uma questão para um ofensor, para qualquer outra pessoa, ou até para si mesmo, essa pessoa descobre que esquecer ocorre mais rápida e mais completamente do que ela esperava.

Quando se constrói uma nova relação com o ofensor, possibilitada apenas pelo perdão, e se começa a ver nele obras apropriadas a seu arrependimento, o foco nos erros passados do irmão ou irmã perdoado é substituído pelo prazer e pela

gratidão decorrentes de seus presentes atos e atitudes justas.

Então, em todos os sentidos essa tendência moderna de “cura das memórias” revela-se não apenas extrabíblica, mas também um substituto para o perdão, um obstáculo na busca dos caminhos retos de Deus em direção à justiça.

Psicologia moderna

Assim como a cura das memórias — uma aplicação do programa de dessensibilização psicológica de Wolpe — torna-se um obstáculo ao perdão bíblico, também os pontos de vista gerais da psicologia sobre o homem, Deus, e valores, provam ser um enorme obstáculo.

Há alguns anos, Karl Menninger, deão dos psicoterapeutas americanos, escreveu um livro de verdade surpreendente, intitulado *Whatever Became of Sin?* [*O que aconteceu com o pecado?*]. É notável, porque nele, Menninger, ele próprio um não cristão evangélico, afirma que o desaparecimento do conceito de pecado durante o período de sua longa vida útil tem ocasionado um mal-estar correspondente na sociedade, o que ele acredita ser o resultado desse declínio. Menninger acredita haver muitas pessoas erroneamente rotuladas como doentes ou criminosos. Se fossem corretamente rotuladas e tratadas como “pecadores”, essas pessoas poderiam ser perdoadas e, portanto, curadas de vários distúrbios.

Menninger afirma que ao longo do seu tempo de vida

útil assistiu à retração e final extinção da categoria “pecado”, à medida que o governo e a psiquiatria invadiram o cristianismo, reetiquetando o que era primeiro pecado sucessivamente como um “crime” ou uma “doença”. (Note que isso é exatamente o que os defensores da “cura das memórias” têm feito: sobre o que a Bíblia insiste ser uma questão de pecado e perdão, impuseram uma explicação alternativa que se concentra em doença.) O problema tornou-se tão grave, diz Menninger, que agora é necessário perguntar: “Será que ninguém mais é culpado de nada?”.^[35]

Menninger discerne corretamente que tanto a prevenção criminal e a reabilitação quanto a psicoterapia têm provado ser inadequadas como soluções para esses problemas que antes eram e agora precisam ser considerados pecados. Essa falha, ele afirma, vem do fato de que não há outra maneira de lidar com o pecado senão pelo perdão.

O reconhecimento de Menninger do empobrecimento da sociedade ocidental resultante do abandono da categoria “pecado” não é apenas antigo, mas surpreendentemente restaurador. No entanto, mesmo que o livro esteja em circulação por cerca de vinte anos, é estranho que os cristãos venham ignorando o chamado de Menninger para um retorno a um reconhecimento do pecado. É verdade que quando Menninger explicita o que entende por pecado, expiação e perdão, ele o faz em termos decepcionantemente humanistas. Seu chamado a um retorno é, portanto, apenas um novo ponto de partida em direções que outra vez, se seguidas, seriam um substituto para a verdade de Deus. Porém, ele está

certo em suas observações gerais sobre a retração do conceito de pecado e a necessidade de um retorno ao perdão como o remédio para muitos dos problemas do homem moderno.

Menninger levantou o problema da rotulagem. Rótulos são importantes não apenas como sinais da coisa que eles significam, mas também como sinais que apontam para soluções dos problemas que eles classificam. Quando um bêbado é rotulado como “doente”, segundo a propaganda psicológica moderna, em vez de “pecador”, de acordo com o ensino bíblico claro, você tenderá a enviá-lo a um médico em vez de enviá-lo a um pastor para uma solução do problema que ele enfrenta. Até muitos pastores, tão fortemente submetidos a uma lavagem cerebral nos seminários e pelos livros publicados por cristãos psicólogos, tendem a seguir e propagar tais erros, apesar da Escritura. Como um todo, eles se tornaram ineficazes em usar a Bíblia para combater o problema insidioso da bebida. Se a embriaguez é uma doença (não que ela não possa levar à doença), assim também é o abuso de cocaína!

Quando um marido abusa pecaminosamente de sua esposa, em vez de se pensar em perdão, reconciliação e mudança, sua atividade pecaminosa é classificada como um crime ou doença, e ele é encarcerado numa prisão comum ou numa ala psiquiátrica. O resultado é que a família fica ainda muito mais arruinada por seu afastamento com todos os males resultantes, em vez de reconciliar-se com ele em perdão, ajudando-o, sob orientação pastoral, a superar suas práticas pecaminosas, por caminhos e meios bíblicos.

Outro mal derivado da transferência do conceito de pecado e sua substituição por explicações psiquiátricas começou a ser reconhecido pelos pensadores cristãos. Agora, quando um irmão se aproxima de um irmão ofensor, de acordo com as instruções de nosso Senhor em Mateus 18.15, um irmão ofendido provavelmente ouvirá, em resposta à sua repreensão bem-intencionada, o seguinte: “Oh, sinto muito, aconteceu. Mas, escute, tenho esse problema emocional que de vez em quando me faz agir dessa forma. Eu só tinha uma necessidade de...”.

O irmão ofensor se recusa a assumir a responsabilidade pessoal por seu comportamento e, portanto, dentro da sua lógica declara que não há necessidade de arrependimento, confissão do pecado, ou pedido de perdão.

Por outro lado, a obrigação de ir à pessoa que o ofendeu e procurar uma reconciliação também pode ser facilmente deixada de lado, com a alegação de que o ofensor “simplesmente poderia abster-se; aquilo não faria nenhum bem, porque ele tem um problema psicológico”. O resultado inevitável é que os pecados — genuínas violações da lei de Deus — são redefinidos e desculpados; arrependimento, confissão e perdão são ignorados; e o irmão que foi injustiçado é deixado sem resposta. Ou, por outro lado, o ofensor é deixado em seu pecado e culpa, sem perdão, com todas as consequências terríveis que resultam de pecado não perdoado. O diabo tem encontrado um modo de neutralizar Mateus 18, com eficácia, por meio de categorias e terminologia psicoterapêutica!

Se o irmão ofendido apela para uma ou duas pessoas (Mt 18.15ss.), tendo essas também sofrido uma lavagem cerebral por propagandistas psicológicos, é mais do que provável que concordem com a avaliação do pecador sobre a situação e acabem desculpando seu pecado como um “problema emocional”. Se o ofendido leva o assunto à igreja, é totalmente possível que ele ouça a mesma desculpa dos presbíteros e do pastor, a não ser que o pastor faça parte daquele número crescente de homens que, cansados de ver as Escrituras sendo substituídas por psicologia, praticam totalmente os procedimentos bíblicos de aconselhamento.

Os processos que levam ao perdão foram efetivamente bloqueados por obstáculos psiquiátricos. E assim, em muitos casos o processo do perdão resulta em nada.

O que pode ser feito quanto a esse problema? É claro que o indivíduo pecou não porque “tivesse uma necessidade” de fazê-lo. Pecou porque é um pecador. Primeiro, você tem de reconhecer a verdade da situação. É aí que qualquer solução precisa começar. Você não pode hesitar e fugir do assunto com desculpas e, como resultado, negligenciar seu dever, conforme Mateus 18.15ss. explica com detalhes. Então, você precisa instruir os outros. Atualmente, livros, fitas, cursos, e instrução em aconselhamento verdadeiramente bíblico que reconhece pecado como pecado e mostra como lidar com os problemas por meio do perdão, estão disponíveis. Eu mesmo publiquei mais de quarenta livros sobre vários aspectos do assunto. Materiais como esses vão instruí-lo no caminho a percorrer e ajudarão os que ainda estão confusos quanto ao

assunto. Talvez você tenha de instruir os que deveriam tê-lo ajudado.

Às vezes, é necessário levar o assunto aos oficiais da denominação de sua igreja, em um nível mais alto, para uma abordagem mais objetiva e onde possa haver pessoas que aceitem conceitos bíblicos em vez de psicológicos. Em congregações independentes, quando tudo o mais falhou, ainda pode ser possível recorrer ao pastor de outra congregação para expor um ponto de vista mais bíblico a seu próprio pastor. Porém, em primeiro lugar, você precisa *fazer tudo o que Deus exige que você faça* na situação. Não abandone suas próprias obrigações porque alguém acredita em ensino não bíblico. Deus espera que você siga as exigências dele para você em seus relacionamentos com os outros, seja como for que os outros reajam. Em última análise, lembre-se de que as ideias dos homens não são empecilho para Deus. Ele pode rompê-las em resposta à oração e à ação fiel de sua parte, como se não fossem nada além das mais frágeis teias de aranha.

15. ATALHOS PERIGOSOS, ESTRATAGEMAS E EVASÕES

É da natureza caída do homem tentar outro caminho. Apesar de terem recebido a capacidade de viver de forma diferente, os cristãos ainda mantêm muitas das velhas maneiras desenvolvidas antes da salvação e levam-nas consigo ao longo de suas vidas cristãs. Elas aparecem como substitutos ou atalhos oferecidos no lugar dos caminhos de Deus revelados na Escritura. Esses atalhos são perigosos sempre, por não serem nada menos que maneiras de contornar os mandamentos de Deus. Por outro lado, os atalhos humanos jamais alcançam o que Deus quer realizar; em vez disso, agravam a situação e geralmente trazem novos e diferentes males.

Como discutido anteriormente, no capítulo um, pedir desculpas é o substituto moderno mais comum para pedir perdão. Sua prevalência entre os cristãos, que não parecem reconhecer que desculpas não são um equivalente a perdão, faz que esse seja um excelente exemplo de como os cristãos podem contornar inconscientemente a exigência divina de perdão, adotando os caminhos do mundo. De modo nenhum pedir desculpas é a única maneira como as pessoas tentam evitar pedir ou conceder perdão. Neste breve capítulo vamos explorar outros meios de evitar o perdão. Quando nos tornamos conscientes dessa tendência de evitar perdoar,

podemos ficar alertas para identificá-la em nós mesmos e nos outros.

Minimizando a ofensa

Talvez a tática mais comum, que não a tática de pedir desculpas, seja minimizar a ofensa. Quando confessa seu pecado e pede perdão a alguém a quem tenha ofendido, você ouve: “Oh! Não há nada a perdoar”. A pessoa diz isso piedosamente, como se não tivesse sido ofendida, por pouco que seja, pelo que você fez. Ela reage como se a relação entre vocês dois fosse a melhor possível, quando cada ação ou palavra desde a ofensa vem indicando o contrário. Ela fala agora como se nenhuma ofensa tivesse ocorrido.

Por que alguém nega ter sido ofendido? O que a pessoa pode querer é puni-lo, forçando-o a manter o fardo de sua culpa; ou pode querer, com isso, evitar o futuro relacionamento com você, que ela sabe que a reconciliação por meio do perdão ocasionaria. Muitas vezes, essa expressão aparente de bondade e boa vontade é, de fato, apenas uma evasão!

O que você, como um pecador carregado de culpa, querendo livrar-se desse fardo, faz então?

Tente responder desta forma: “Bem, certamente estou contente de ouvir isso! A carga do meu pecado vem me oprimindo. Desde que você não considera a ofensa tão séria, tenho certeza de que não vai se importar de me perdoar, por minha causa. Isto significará muito para mim: saber que você

prometeu não trazer à tona nem manter a questão contra mim no futuro”.

Se o que o ofendido disse era verdade, ele não teria absolutamente nenhuma hesitação ou dificuldade em dizer: “Eu o perdoo”. Porém, quando confrontado por você, é provável que o ofendido minimizador rapidamente revele quem que é e pensa de verdade, quer recusando-se a fazer a promessa (no caso, você pode ser forçado a seguir o caminho traçado em Mateus 18.15ss.), quer empregando outras manobras evasivas (cada uma delas você deve refutar gentil, mas firmemente, insistindo no perdão bíblico). Ofendidos minimizadores vão dizer-lhe que não há nenhum problema, nada que precise ser feito, porque o que eles querem, de verdade, é o “direito” de continuar a conversar com outras pessoas sobre o que você fez, e querem ter uma razão para evitar você no futuro. Deus não quer isso. Ele quer as questões esclarecidas total e rapidamente. O único método pelo qual se pode fazer isso, de verdade, é o método do perdão. O atalho de minimização não o fará.

Compreendendo a ofensa

Desde que os psicólogos modernos reviveram de uma forma ou de outra o velho “Conhecer tudo é perdoar tudo”, esse ditado tornou-se a bandeira de muitos cristãos. Como resultado, você lerá livros e artigos de cristãos que recomendam “compreensão” em pontos onde a Bíblia exige perdão. Assim, a ideia do compreender (“saber tudo”) torna-

se um atalho em torno de perdão. Embora parecendo encorajar o perdão, esse aforismo cativante, na verdade, faz o oposto. O que significa é isto: Quando vier a compreender outros motivos, situação, contexto, etc., você não precisará nem mesmo *perdoar o outro*, você vai perceber por que ele fez o que fez e vai *desculpá-lo*.

Reveladas as tendências pecaminosas do outro, se você de fato compreendeu, pode ser que não ache em nada mais fácil *desculpá-lo*, porém, de longe, mais difícil ainda perdoar. Na verdade, é provável que você passe a ter vontade de repreender a pessoa por muitas outras coisas que você nem poderia ter imaginado! É importante perceber que Deus, aquele que sabe tudo (o único que poderia jamais perdoar), pratica o perdão e nada mais. Sabendo de tudo, ele é quem tem exigido de nós o perdoar.

O escritor David Augsburger afirma que uma pessoa tem de compreender o outro, para que possa *perdoá-lo*. De alguma forma, essa “compreensão” significa separar o que uma pessoa faz do que ela é. E, claro, essa é uma visão não bíblica do homem. Deus nunca julga responsáveis os *atos*, julga, porém, as pessoas que as praticam. Ele envia pecadores, não pecados, para o inferno. Ouça, porém, a linguagem carregada de desculpas, de David Augsburger:

Se o ofensor é exigente, possessivo, ou até mesmo explorador, ele pode ser um pouco um menino perdido tentando desesperadamente agarrar afeto e aceitação. Quem poderia saber? Talvez esse ofensor seja uma vítima de sua própria

hereditariedade ou ambiente.[\[36\]](#)

Quem gostaria de repreender uma vítima inocente e insistir em que se arrependa e peça perdão? Porque, tudo o que você quer fazer é abraçá-la! Você não pode ver a natureza humilhante da abordagem que praticamente desculpa os pecadores como vítimas, em vez de violadores? Isso faz a pessoa algo menos que um ser humano responsável, que tem de enfrentar seu comportamento pecaminoso e pedir perdão. O título da seção da qual a citação anterior foi tomada é “Compreendendo o outro”. No entanto, mais tarde, na mesma seção, Augsburger escreve: “Não tente compreender a outra pessoa. Tente, em vez disso, ser compreensivo”.

O que exatamente se quer dizer aqui? No meu modo de ver, ser compreensivo é tentar compreender. Como as pessoas tornam-se confusas quando tentam burlar ou contornar o tão simples mandamento bíblico de perdoar! Deus nunca nos chama para compreender a fim de perdoar. É provável que Augsburger tenha reconhecido: o que as pessoas que insistem em compreensão estão fazendo é desculpar os ofensores de seus pecados; então fez uma distinção insustentável entre “tentando compreender” e “ser compreensivo”. Possivelmente fez isso porque estava relutante em deixar para trás a abordagem psicológica que insiste em compreensão. Em vez de abandonar essa ideia não bíblica por completo, Augsburger a reinterpreto da maneira contraditória e não bíblica que já destaquei.

O pecado nunca deve ser desculpado, minimizado ou reinterpretado como culpa de alguém mais. Muitas vezes, a pessoa que cita o aforismo “conhecer tudo é perdoar tudo”, é a mesma pessoa que quer desculpar a si mesma e aos outros de pecado, responsabilizando a má educação recebida dos pais, as condições precárias na infância, a falta de carinho adequado na fase de crescimento, ou a baixa autoestima. Deus não apenas considera as pessoas culpadas de seus pecados, sejam quais forem as condições; ele, porém, espera que façamos assim também — especialmente no que se refere a nós mesmos! Ele não vai nos deixar isentos, enquanto lançamos a culpa nos outros. Esse truque é tão antigo quanto Adão e Eva. Deus sabe que o pecado pode ser definitivamente tratado de um único modo — pelo perdão. Deus não insiste no perdão porque seja um ogro velho exigindo sua libra de carne, mas porque ama seus filhos. Deus sabe que nada mais alivia a consciência, nada mais restaura o relacionamento como o perdão é capaz de fazer. Portanto, Deus requer o perdão que leva à plena reconciliação, nada menos.

O perigo em substituir perdão por compreensão (desculpas) é duplo. Primeiro, o ofensor não é inocentado, mas seu comportamento é desculpado. Significa que ele “foge” de seu pecado no plano humano. O que pode torná-lo insensível ao pecado, endurecendo sua consciência, ou pode sobrecarregá-lo, forçando-o a carregar uma carga de pecado não perdoado. Em segundo lugar, ao ofendido é permitido continuar falando sobre o erro, trazendo-o ao ofensor de várias maneiras. (“Bem, você sabe, John, você foi sempre

assim. Você se lembra quando...”)

O ofendido também pode usar o pecado contra ele, como uma desculpa para não se reconciliar. “Bem, esse é o jeito da Mary. Não gosto menos dela por causa disso, coitada! Ela foi criada dessa forma, você sabe. Porém, o fato é que não a acho uma companhia agradável com quem me associar!”

Porque o criminoso foi desculpado (talvez de novo e novamente pelo mesmo erro), não se ofereceu, a ele, ajuda para superar o pecado. Você não oferece tal ajuda, quando acredita que uma pessoa não é responsável por seu pecado e é incapaz de mudar.

“Não seria submisso”

Outra maneira como alguns procuram evitar o perdão e a reconciliação é invocando e abusando do mandamento bíblico de ser submisso a uma autoridade. Uma criança pode recusar-se a repreender um pai, mesmo que Lucas 17.3 e Mateus 18.15 exijam isso até mesmo dela. A esposa pode recusar-se a repreender um marido, ou um empregado a um empregador, com base no fato de que fazê-lo seria uma violação do mandamento bíblico para submeter-se. Para alguns, isso pode ser um simples mal-entendido, mas para outros o mau uso desse mandamento é apenas uma manobra astuta para evitar uma responsabilidade desagradável e difícil.

À primeira vista pode parecer errado repreender

alguém que tem autoridade sobre você. Mas nenhuma restrição ao mandamento sobre perdão é dada em nenhum lugar das Escrituras. Quando reflete sobre o assunto, você consegue perceber que a repreensão, com vistas à reconciliação (o único tipo que a Bíblia aceita) é uma tentativa de consolidar as relações ainda mais cuidadosamente. Perceba que perdão não tem nada a ver com submissão. Um contexto de submissão é uma relação de autoridade que envolve dois elementos: respeito e obediência. Veja, por exemplo, 1 Pedro 3.1-6 e Efésios 5.21-33.

Uma criança, um empregado, ou uma esposa podem permanecer respeitosos e continuar a obedecer a todos os requisitos bíblicos enquanto confrontam o outro sobre uma irregularidade cometida. Em longo prazo, nada demonstra maior respeito ou mais fidelidade do que fazê-lo! É claro que a autoridade pode ou não ver o fato sob esse ângulo. Pode não estar disposta a reconhecer o erro, pode ficar irritada, e pode abusar de sua autoridade de maneira prejudicial, infligindo novas injúrias ao ofendido. Porém, essa é uma questão distinta. A tarefa do ofendido não é antecipar resultados e, assim, determinar se deve ou não obedecer à ordem de Deus; o que foi ofendido deve obedecer a Deus, seja qual for o resultado.

De novo, se a autoridade que reage dessa forma é seu irmão ou irmã em Cristo, você pode considerar necessário prosseguir com o caminho padrão apresentado em Mateus 18.15ss., até que, com a ajuda da igreja, as questões sejam resolvidas segundo o mandado de Deus.

O exemplo anterior deixa claro que a sequência confronto, arrependimento, confissão, e perdão dinâmico não está isenta de risco. Na verdade, pode até envolver sofrimento e perda. No entanto, Deus não espera que você desobedeça a ele por causa de possíveis consequências desfavoráveis. Em especial, ele não quer que você jogue, um contra o outro, dois mandamentos dados por ele: “Não posso repreender minha professora, porque isso não seria submissão”. Mandamentos de Deus, corretamente interpretados, nunca entram em conflito. Deus tem sua maneira de corrigir erros. Deixe o resultado final para ele. Sua tarefa não é tentar determinar quais serão as reações das outras pessoas; sua tarefa é simplesmente obedecer — mesmo quando o perdão tem um custo. Não se esqueça: perdoá-lo custou a Deus o seu Filho.

“Ele já sabe”

Normalmente você encontrará essa próxima evasão entre maridos e esposas, familiares, e amigos íntimos. Quando você pede a alguém que faça a promessa de não mais se lembrar de seu pecado (isto é, de perdoá-lo), ele pode objetar: “Você já sabe que o perdoei. Não tenho de passar pelo ritual de dizê-lo”. Já ouviu um marido dizer, a sua própria esposa, algo do tipo? No entanto, ele tem, sim, de “passar pelo ritual”. Todas essas respostas (e elas podem assumir muitas formas distintas) são evasivas. Embora pareça dizer uma coisa, elas

de fato dizem outra.

Ninguém *pode* saber que o outro o perdoou, a não ser que essa outra pessoa realmente o tenha dito. Isso é verdade, devido à própria natureza do perdão. Por sua natureza, a promessa é *feita*, e é sempre feita (falada ou dada) ao outro. Então, a não ser que uma promessa seja feita a *alguém*, não houve promessa. A natureza de uma promessa é que ela envolve pelo menos duas partes, uma das quais declara ao outro que vai, ou não, fazer (ou parar de fazer) algo. Promessas não são feitas do nada. Se Deus tivesse mantido, em segredo, sua vontade de perdoar, em vez de registrá-la na Bíblia, você nunca poderia ter certeza de ter sido perdoado. Se, para perdoá-lo, Deus teve que dizê-lo, eu e você precisamos fazer o mesmo. Vontade de perdoar — apesar de adequado, necessário, e louvável — não é perdão. A promessa tem de ser feita.

Essas e todas as manobras e fugas ao perdão semelhantes não devem ser toleradas. Ao insistir no perdão — no “ritual do perdão”, se você preferir — tenha certeza de fazê-lo de maneira gentil e amorosa. É totalmente possível que a outra pessoa apenas ignore o que você já sabe a partir da leitura deste livro. Ela pode *não* estar tentando cortar o caminho do processo bíblico, e com uma explicação gentil dos fatos, pode concordar com prazer. Na verdade, a pessoa pode até ser grata pela instrução. Você pode sempre dizer-lhe que estava lendo este livro e jogar sobre mim a responsabilidade por seu comportamento “excessivamente cauteloso” nessa questão!

Acima de tudo, seja qual for o lado da maldade em que você esteja, faça esforços para nunca fugir de uma situação de perdão, sem a certeza de que: (1) o que está sendo concedido é o perdão e não algum substituto, e (2) todas as partes envolvidas entendem exatamente o que é o perdão e quais responsabilidades estão envolvidos nele. Você pode achar necessário instruir outros sobre os prós e contras do perdão, para ter certeza de que a operação está sendo seguida biblicamente.

16. PERDÃO: HORIZONTAL E VERTICAL

Este livro tem lidado muito com as relações homem-a-homem. Essa, é claro, é a preocupação do livro — pessoas perdoadoras perdando uma às outras. Porque, em sua maioria, os livros sobre perdão têm bastante a ver com o perdão do homem por Deus, é necessário um livro sobre perdão de pessoa para pessoa. Porém, num sentido real, este livro não é sobre o relacionamento com seus semelhantes — pelo menos, não apenas, nem principalmente, isso. Fundamentalmente, este livro é sobre o seu relacionamento com Deus. Ele está preocupado com a obediência ao Deus vivo que diz a seus filhos que perdoam uns aos outros, assim como ele os perdoou.

Digo isso não apenas porque o perdão paterno de Deus, o Pai, depende da disposição de perdoar seus irmãos e irmãs na família. Esse, é claro, é um fator significativo em seu relacionamento com Deus, como indica a ênfase de Cristo na oração-modelo de Mateus 16. O pedido de perdão — “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12), e a nota de rodapé a toda a oração — “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt

6.14-15), mostram a importância do assunto, uma vez que esse é o único item na oração do Senhor que envolve uma condicional e o único estendido e explicado em uma nota de rodapé.

No entanto, há uma questão mais fundamental com a qual precisamos nos preocupar aqui: é o lugar do próprio Deus no perdão de homem para homem. Deus é tão central, que os incrédulos não conseguem perdoar.

Por que não cristãos não conseguem perdoar?

Destacamos anteriormente que a verdade bíblica do honroso perdão de Deus só é possível àqueles que foram, eles próprios, os sujeitos do perdão de Deus. Somente os cristãos podem obedecer à ordem de ser benignos, “perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Ef 4.32).

Deveria ser óbvio que as pessoas que nunca experimentaram o perdão e a reconciliação seguidos de verdadeiro arrependimento (em que se abandonam os próprios pensamentos e caminhos em favor dos caminhos e pensamentos de Deus) nunca podem perdoar outros de um modo similar. É por isso que, para os incrédulos, perdoar torna-se, por um lado, desculpar-se, e, por outro, aceitar um pedido de desculpas. E é por isso que liberais confundem tão facilmente perdão com “uma atitude de aceitação”, em que

um reage ao dano, não com hostilidade que prejudica ambas as partes, mas com amor que ratifica o melhor em ambas as pessoas”.^[37] Eles afirmam que, no perdão, é preciso “aceitar aqueles que nos feriram”.^[38]

Nada poderia estar mais longe da verdade. Em vez de aceitar outros em seu pecado, a pessoa que está disposta a perdoar *confronta* o ofensor a respeito do pecado, repreende-o por isso, e se esforça em cada maneira legítima, bíblica e amorosa para induzi-lo a confessar o pecado como um erro e a desviar-se dele. Isso é exatamente o oposto de aceitação. Jesus “aceitou” as pessoas como elas eram? Claro que não; ele sempre as mudou. Deus não o aceitou como você era quando ele o salvou. Você era tão ruim que o Pai teve de enviar seu Filho para morrer por você. Tendo-o regenerado por seu Espírito, Deus está agora no processo de remodelá-lo à imagem de Cristo. A posição fraca e liberal que troca perdão por aceitação também enfraquece o *ato* de “prometer não se lembrar” a mera atitude de boa vontade. Carroll Wise, por exemplo, diz que o perdão é, “não tanto um ato, quanto uma atitude, um relacionamento”.^[39] Embora atitudes estejam presentes, e sejam importantes, e as relações estejam em jogo, perdão não é nada disso.

Tão claro quanto esse exemplo observa, os que nunca experimentaram o perdão de Deus têm de reinterpretá-lo todos os dias, segundo categorias do mundo (por exemplo, desculpas) ou psicológicas (por exemplo, aceitação). O cristão olha para o perdão de forma bem diferente. Deus, o Espírito, está *em* nosso perdão ao outro, permitindo-nos entender tudo

sobre o perdão da Bíblia e encorajando-nos, pela Palavra, a buscar e conceder esse tipo de perdão.

O famoso aforismo do Papa, “Errar é humano, perdoar é divino”, é, então, parcialmente verdadeiro. Embora os cristãos possam de fato perdoar, mesmo eles não podem fazê-lo *à parte* da revelação, iluminação e motivação divina. Em todos esses três, o Espírito Santo está ativo usando o Livro que ele próprio passou longos anos inspirando e por meio do qual ele agora trabalha.

Dimensões vertical e horizontal

John Murray deixa claro que o pecado que perdoamos não é pecado contra Deus — só ele pode perdoar esse pecado — porém, as injúrias feitas contra nós.^[40] Naturalmente, todo pecado, mesmo contra nós (pecado com uma dimensão horizontal), é também vertical (pecado contra Deus). Por isso o Senhor nos proibiu transgredir contra o outro e nos ordenou, em vez disso, amar e fazer o bem uns aos outros. Fazer o que Deus proíbe ou falhar em fazer o que ele manda é pecado — pecado contra Deus. E é por isso que se tem de pedir sempre o perdão de Deus, *assim como* o do homem. Nunca é suficiente pedir apenas ao homem que perdoe. Devido aos incrédulos não conhecerem o verdadeiro Deus, eles não só não podem perdoar, mas também não podem ser verdadeiramente perdoados. Eles não têm direito ao perdão paterno de Deus. Uma vez que não são uma parte da família de Deus na fé, eles nunca são verdadeiramente perdoados

mesmo que um crente esteja disposto a conceder-lhes seu perdão.

A não ser que se voltem arrependidos para Jesus Cristo como Salvador e recebam perdão judicial de Deus, na melhor das hipóteses os não cristãos podem ser perdoados apenas na dimensão horizontal. Mesmo assim, porque é um perdão parcial, incompreendido, e indevido, o perdão horizontal é praticamente inútil para um incrédulo. Ele pode até usá-lo para se legitimar na sua rejeição de Deus (“Bem, agora que acertei as coisas com Bill, estou OK”).

Murray salienta que Deus é que tem de perdoar o pecado contra ele. Portanto, nós não perdoamos pecado considerado quebra dos mandamentos de Deus, mas apenas o pecado considerado prejudicial a nós mesmos. Muitos dos escritores antigos que tentam distinguir perdão horizontal de perdão vertical falam do perdão humano-para-humano como “perdão das injúrias”. Na verdade, o mesmo pecado tem duas dimensões: a vertical e a horizontal. Considerado verticalmente, o pecado é uma ofensa contra Deus, quebra de seus mandamentos; considerado horizontalmente, o pecado é uma ofensa ao homem.

Até mesmo a igreja, agindo como um corpo unido, não pode perdoar o pecado considerado em sua dimensão vertical. É incorreto pensar na igreja como mediadora de perdão entre Deus e homem. Pelo contrário, é sempre horizontal o perdão familiar entre irmãos e irmãs em Cristo, que é o foco do perdão praticado pelo corpo chamado igreja.

À igreja, como um corpo organizado, foi dado o

direito de disciplinar os membros da família da fé com referência somente à dimensão horizontal do pecado (Jo 20.20-23). Pode admitir e excluir pessoas do corpo organizado visível. Mas porque a igreja não tem direito às chaves do próprio céu ou nenhum direito de lidar com o pecado em sua dimensão vertical, seu perdão (sempre dirigido aos que pecaram contra si mesmos ou contra os membros da igreja) nunca é um perdão paternal, mas sempre, fraternal.

Quanto à interpretação e às implicações de João 20.20-23, a questão pode ser estabelecida comparando-se a distinção vertical *horizontal com a distinção judicial* familiar, produzindo uma divisão judicial-vertical / horizontal-familiar. A primeira diz respeito exclusivamente aos incrédulos, que pela fé são perdoados de uma vez por todas, quando se tornam crentes. A segunda diz respeito aos crentes e tem a ver com a paz e a harmonia familiares, consideradas tanto vertical quanto horizontalmente. A autoridade dada à igreja em relação à retenção ou à remissão dos pecados pertence ao crente, à família perdoadora, e ao poder da disciplina eclesiástica, não ao incrédulo, ao perdão judicial [para salvação], e à vida eterna.

Quando soprou sobre os discípulos e disse-lhes que recebessem o Espírito Santo, Jesus não estava antecipando Pentecostes. Os dois eventos são bastante distintos. Cada um, no entanto, relaciona-se com o mesmo corpo, a igreja organizada. No dia de Pentecostes (At 2), o Espírito caiu sobre a igreja primitiva^[41] a fim de capacitar seus membros para o trabalho de evangelismo. Aqui, em João 20, em palavras que

lembram Mateus 16.18, onde predissera a fundação da igreja do Novo Testamento, Jesus cumpre aquela promessa. Aqui, ele organiza oficialmente a igreja como um corpo dirigido, governado, e a ser capacitado pelo Espírito Santo. E aqui é representado como o Espírito de perdão, porque a igreja precisa ter autoridade para admitir ou excluir seus membros.

Uma vez antes, na formação de Adão, Deus soprou o fôlego da vida e trouxe Adão à vida (Gn 2.7). Aqui, a igreja do Novo Testamento, por meio de seus representantes reunidos, é trazida à existência, a vida lhe é dada, e é constituída um corpo organizado pelo Espírito Santo. Na sua origem, assim como na previsão (Mt 16.18), aquele fator que se avulta cheio de vigor na formação de qualquer novo corpo é mais alto: sua autoridade para determinar e ordenar seus membros no corpo. Esse é o poder do perdão disciplinar concedido e retido.

Algumas dessas questões acima podem parecer-lhe curiosas e não práticas, porém, é imperativo que você deixe todas elas bem claras, a fim de obter uma perspectiva adequada sobre si mesmo, sua igreja, e o poder e a autoridade da igreja em relação a você. Cristão, você está comprometido com a igreja. De uma maneira ou de outra, como perdoado ou perdoador, como membro contemplando o status de outros membros, você está envolvido. Muito do que você faz e diz sobre o poder da igreja será baseado em seu entendimento dos fatos, ou a falta dele. Certamente, você e seus amados podem ser afetados positiva ou negativamente na medida em que você aplica ou deixa de aplicar o que discutimos neste capítulo.

17. O PODER DO PERDÃO

Há poder no perdão. As palavras “Eu o perdoo” são performativas. Ou seja, elas realmente fazem o que dizem estar fazendo. Pelo ato de proferir essas palavras ao outro, você pratica o ato, faz a promessa, e remove o fardo de culpa. Você não precisa acrescentar nenhuma outra palavra ou ritual para remover a culpa do ofensor ou fazer a promessa de que não vai mais “se lembrar do pecado dele e lançá-lo contra ele”.

Certamente, tais palavras não são, como as palavras “Abre-te sésamo”, um pronunciamento mágico que produza alguma manifestação física milagrosa, porém, elas têm poder. Como as palavras “Eu vos declaro marido e mulher”, que um ministro fala num casamento, as palavras ditas alcançam realmente o fim em vista. Quando você diz ao outro: “Eu o perdoo”, o perdão acontece; *portanto*, o outro é perdoado.

Em certo sentido, você nunca pode desfazer o que fez. A culpa está removida. O que foi liberto de seu pecado pode sempre recorrer a esse fato — mesmo que você falhe em viver de acordo com sua promessa de não se lembrar, novamente, do pecado dele contra ele. Quanto ao ofensor, ele pode repetir seu pecado, cometendo mais uma vez a ofensa da qual já fora perdoado anteriormente. Ele pode não ter sido sincero com você, em sua confissão do pecado, porém, quando o ato é feito, ele está feito. A admissão de uma falta de sinceridade deve ser tratada como uma questão distinta em si, num

momento distinto posterior. O ato de perdoar alguém o liga a uma promessa da mesma forma como um voto o faz. Porque as palavras em si são incondicionais, também o perdão não pode ser anulado.

O que o perdão faz ao perdoado? Como o poder do perdão se manifesta na vida do perdoado? Eu já disse que o perdão remove o peso da culpa dos ombros do perdoado. E o faz por meio da remoção da culpa do ponto de vista do injustiçado. Você promete ser tão cego a essa ofensa como se ela nunca tivesse ocorrido e não mais vê seu ofensor como tal.

A oração do Senhor [o “Pai Nosso”] — chama esse fato de remoção de uma dívida. Em certo sentido, você pode chamar o perdão de transação — ou no mínimo, algo semelhante a uma transação legal. Quando uma dívida de dinheiro é perdoada, ela é cancelada e não se pode nunca mais exigir que o antigo devedor a pague. A relação entre o perdão e uma transação legal é vista na linguagem de nosso Senhor que, no Pai Nosso, associa perdão a cancelamento de uma dívida. Esse conceito está tão impregnado na sociedade ocidental que até hoje ainda se fala de “perdoar uma dívida”.

Conta-se a história de certo médico que tratou muitas pessoas pobres. Com sua morte, descobriu-se que em seu livro de contabilidade havia um grande número de nomes dessas pessoas pobres, com uma linha traçada sobre valores registrados e a palavra “perdoado”, junto às dívidas de cada um. No entanto, a viúva desse médico tentou cobrar essas dívidas. Porque tais pessoas pobres não podiam mesmo pagar, ela não conseguiu fazê-lo, e por fim levou o assunto a

um tribunal. Quando examinou o livro, o juiz perguntou à viúva: “Esta letra é do seu marido?”. Ela concordou que era. “Bem, então”, disse ele, “não há um juiz na Inglaterra que possa mudar o fato de que o que seu marido perdoou está perdoado”. Há poder no perdão!

Três pequenas palavras?

Você detém grande poder sobre o outro até que o perdoe. No entanto, quando você perdoa, o poder é removido; agora ele é que detém grande poder sobre você. Por isso é que algumas pessoas não querem conceder perdão. Ninguém mais além de você pode perdoá-lo. Não é como comprar um produto numa loja escolhida entre um grande número de lojas. Você tem o monopólio sobre o perdão. Se seu ofensor tem de ser perdoado, ele deve obter, de você, e apenas de você, o perdão pela injúria que infligiu a você. Essa é uma razão pela qual Deus *requer*, de você, que perdoe seu ofensor (Lc 17.3). Você não tem opção no assunto.

Por outro lado, quando concede o perdão a seu ofensor — promessa que, lembre-se, você não pode cancelar — você se compromete a nunca levantar a questão novamente. Assim, o poder desloca-se para ele; ele pode prendê-lo à sua promessa. Se você quebrar aquela promessa, deliberada ou inconscientemente, ele pode obrigá-lo a cumprir sua promessa e, de fato, tem o direito (em alguns casos a

obrigação) de repreendê-lo e convocá-lo à confissão do pecado. Ele pode até achar necessário pôr em andamento o processo de disciplina eclesiástica contra você. Assim, há poder no perdão, mas o poder é transferido.

Ainda há um outro lado da questão. A pessoa que você perdoou está presa a você em gratidão (como a parábola dos dois devedores mostra): em primeiro lugar obrigada a mudar a própria vida, de agora em diante, a fim de derrotar o pecado que deu início ao problema; e obrigada a reconciliar-se com você. Você pode, igualmente, mantê-la presa a tais condições. Portanto, há também poder retido e redirecionado a você como o perdoador. Todas essas relações demonstram algo do enorme poder que é exercido na transação confissão-perdão.

O poder, mal usado, é destrutivo. Do mesmo modo, perigoso nas mãos de pessoas inescrupulosas e incompetentes. Essa é uma razão pela qual escrevi este livro — para que você entenda o que Deus requer de você e como você pode evitar erros, bem como lidar com aqueles que não são sinceros em invocar ou conceder perdão.

Como alguém que possui um medicamento que sozinho pode curar uma doença temida, você permanece diante do transgressor arrependido cuja angústia quanto ao pecado que cometeu pode ser aliviada pelas palavras que só você pode falar. Se ele recusa o remédio, se você retém o perdão, pode haver consequências terríveis. Por outro lado, se você inconscientemente escorrega e quebra sua promessa de não mais se lembrar do pecado do seu ofensor, este que você

perdoou tem o poder de reclamar ao máximo de sua falta, por sua vez exigindo a confissão ou, num ato de amor, passando por cima de sua falta. Uma pessoa verdadeiramente arrependida vai fazer o último, se ela tem de fato o menor indício de que o que você fez não foi deliberado nem com malícia.

Assim, quando não se exerce o poder de fazer o bem, o que não deveria acontecer, ele se torna poder para fazer o mal. Três pequenas palavras? Não, acho que não! As palavras “Eu o perdoo” são palavras de grande poder e, como tais, juntamente com tudo o que representam, devem ser usadas com muito critério.

A determinação do arrependido

No poder do perdão reside o potencial de libertar outros da miséria e ajudá-los, pela graça de Deus, a mudar suas vidas. Quando afirma se arrepender, a pessoa declara sua intenção de se desviar de pensamentos e expedientes pecaminosos. Quando você a perdoa, está implícito nessa transação que seu ofensor vai fazer tudo que é necessário para mudar. Essa é a determinação do arrependido. Você não pode apenas mantê-lo preso a essa promessa implícita, mas pode ser requerido de você que ofereça a ele ajuda. Na passagem em 2 Coríntios 2, em que o pecador perdoado foi recebido de volta ao aprisco, após ser excluído da igreja, uma das exigências de cada membro do corpo foi oferecer ajuda. No perdão privado, entre você e ele somente, você pode ser o

único que esteja disponível para fazê-lo.

Quando ninguém estiver disponível, você tem de ajudar. Em Gálatas 6.1-2, Paulo insiste nisso. Aquele que foi pego em pecado, enfraquecido por ceder a ele, e habituado a seguir caminhos pecaminosos, não achará fácil livrar-se, por conta própria, daquela forma de vida pecaminosa. Portanto, perdoá-lo e mantê-lo firme na promessa de mudar, implícita em seu arrependimento, pode significar mais que dizer “Eu o perdoo”.

João Batista e Jesus falaram sobre a mudança que flui de arrependimento como “obras apropriadas ao arrependimento”. É isso que o malfeitor perdoado deve aprender por meio de orientação e prática disciplinada sob o auxílio do Espírito, na medida em que você aplica fielmente a Palavra à situação. Um irmão, lutando para mudar, que não sabe como fazê-lo, nunca deve ser acusado publicamente de “insincero”. De novo isso seria, sem dúvida, um abuso de poder. Pelo contrário, como a figueira que o jardineiro “cavando, adubou”, o fruto de uma vida transformada precisa de cultivo. Em certo sentido, isso é o que o aconselhamento fraterno é — escavar e adubar!

Já escrevi vários livros sobre aconselhamento, em que sugeri muitas maneiras bíblicas de ajudar os outros. No entanto, o livro que é provavelmente mais útil para a maioria dos cristãos é *Ready to Restore* [*Preparado para restaurar*]. Esse livro contém as instruções simples de que você pode precisar para ajudar alguém a mudar. Depois de ler esse livro, se você tem alguma dúvida quanto a sua capacidade de ajudar

o pecador perdoado a mudar, então recomende que ele procure aconselhamento com o pastor da igreja de que é membro, ou com algum outro irmão cujo aconselhamento é verdadeiramente bíblico.

Acima de tudo, reconheça que, no uso ou mau uso do arrependimento—perdão dinâmico, há em atividade grande poder para o bem ou para o mal. É por isso que, por exemplo, quando se fala de perdão, na conclusão da parábola dos dois devedores, Jesus adverte que um cristão tem de perdoar “do íntimo” [isto é, de coração] (Mt 18.35), e pronto! Ou seja, o perdão tem de ser *genuíno*. Coração, na Bíblia, significa a pessoa interior e em tais contextos sempre significa o verdadeiro você. Então, as palavras “Eu o perdoo”, faladas com os lábios, têm de estar apoiadas num desejo genuíno, interior, de perdoar. É isso o que Jesus quer dizer. Esse desejo deve ser um desejo de agradar a Deus, obedecendo ao mandamento divino de perdoar. Não tem de ser um desejo de perdoar considerado em si mesmo, como se você tivesse de esperar até conseguir o sentimento certo. Não! O que vimos é que Deus ordena o perdão solicitado pela pessoa que afirma estar arrependida. É para agradar a Deus que você perdoa o outro. Seja como for, se você mantém sua promessa, por fim seus sentimentos vão seguir suas ações. As palavras exteriores e a realidade interior devem corresponder-se. Essa é a preocupação de Jesus.

O aviso no final da parábola surge das possibilidades para o mal inerente ao manejo de um tão grande poder de “Três pequenas palavras” — sim, pequenas. Porém, nunca se

esqueça do poder que há nelas.

18. PERDÃO FINAL

Parece improvável que possamos pensar num momento em que conceder e receber perdão seja mais importante do que num momento em que alguém amado ou outra pessoa com quem não tenha havido reconciliação esteja morrendo.

Como vimos antes, porque o perdão nem sempre ocorre em tais ocasiões (circunstâncias como morte imediata, súbita ou inesperada não podem mesmo permiti-lo), alguns cristãos inventaram suas próprias maneiras de lidar com o problema, como a cura das memórias. Medidas como essas demonstram a forte preocupação com o assunto. Embora essas novas invenções sejam desnecessárias, se não tentativas arrogantes de suplementar a Bíblia (um livro que não precisa de suplementação), deve ficar claro que, se possível, todos os esforços devem ser empenhados na reconciliação, por meio do perdão bíblico, com uma pessoa que esteja morrendo.

No entanto, muitas vezes, os métodos e recomendações médicas modernas rudemente invadem as últimas horas totalmente importantes dos amados num leito hospitalar. Esses métodos e conselhos podem tornar-se uma forte barreira ao perdão, barreira que tem de ser superada. A hora para planejar como fazê-lo não é quando alguém é levado às pressas para o hospital em estado crítico, porém, *agora mesmo*.^[42] De fato, imediatamente após a leitura e análise deste capítulo, você precisa procurar discutir a questão

com aqueles que o rodeiam.

Prestando contas das pequenas coisas

Os melhores meios para evitar fiascos e aborrecimentos de última hora é prestar contas das pequenas coisas. Isso significa que você não deve permitir que as queixas cresçam. Como Paulo diz em Efésios 4.26, “... não se ponha o sol sobre a vossa ira”. Isso significa que os problemas precisam ser resolvidos imediatamente após serem identificados. Significa que um cristão nunca deve permitir que os erros que causam desavenças entre ele e outras pessoas permaneçam sem solução.

O processo de perdão e reconciliação precisa ser implementado tão logo se torne claro que o erro é de tal natureza que não será “coberto” em amor. Amargura e ressentimento são proibidos (Ef 4.31-32). Estes se desenvolvem nas profundezas de uma pessoa só quando ela falha no lidar com os problemas entre ela e outros ao longo de um certo tempo. Portanto, quando permanece orando, essa pessoa tem de “perdoar” no sentido de que não vai nutrir amargura e raiva contra seu ofensor, e no sentido de que expressa a Deus a disposição de conceder o perdão. De nenhum outro modo um cristão pode estar todo o tempo pronto para morrer, mesmo que se encontre com um ferimento fatal que possa levar sua vida muito em breve. É verdade que, nessa altura, esse cristão pode não ter tempo para confrontar seu ofensor quanto ao pecado cometido, para

que o processo de perdão possa ser completo, mas a esse respeito ele vai ao encontro de seu Senhor com um coração preparado.

Assim também, todo ofensor (como Mateus 5.23-24 requer) tem a obrigação de adotar uma política de confessar seu pecado a Deus e, em seguida, o mais breve possível, confessar seu pecado a outros e buscar o perdão deles. Dessa forma, ele também não vai apenas carregar menos culpa, porém, terá resolvido problemas entre ele e qualquer outra pessoa. Se o fizer, ele vai morrer sabendo que pediu perdão a todos a quem injuriou.

Medicação: um obstáculo ao perdão?

A medicina moderna mudou a cena do leito de morte. Outrora, muitas vezes podia acontecer de um moribundo reunir seus entes queridos ao seu redor e, durante essas últimas horas de grande sensibilidade, falar sobre seu relacionamento com cada um deles. Palavras memoráveis, de santos idosos moribundos, que guiaram as vidas de crianças e outros, frequentemente foram proferidas durante esses momentos sagrados.^[43]

Agora, tudo isso mudou. Poucos morrem em casa; a morte ocorre no hospital. Além disso, sob a influência de drogas analgésicas o moribundo raramente tem plena posse de seus sentidos. Ele muitas vezes dorme inerte, num sono

leve, suas últimas horas, sem saber da presença dos membros da família, movendo-se rumo à eternidade, sozinho e lentamente, incapaz de se comunicar.

Em tais circunstâncias, palavras de perdão e reconciliação — embora, em muitos casos, desejadas — não são possíveis. Neste ponto, tanto os que estão morrendo quanto os reunidos à sua volta podem ter de convencer os médicos e autoridades hospitalares de suspender toda medicação entorpecedora. Não hesite em pedir ajuda ao seu pastor. Como Cristo na cruz, que no momento da morte preferiu clareza de espírito em vez de alívio da dor e que, portanto, rejeitou a medicação, o sofredor também pode precisar tornar conhecida a sua recusa a ser medicado. O que, naturalmente, não significa que toda medicação em todo o processo seria recusada, porém, a medicação contínua que o tornaria indiferente à família e aos amigos durante as últimas horas de vida.

Na verdade, pode ser bom para a pessoa que está morrendo expressar-se claramente quanto à questão da medicação, logo que dá entrada no hospital. Mesmo antes de qualquer doença terminal, seria sábio que a pessoa afirmasse em linguagem inconfundível — verbalmente e por escrito — sua determinação de experimentar um tempo de conversa lúcida e livre de medicação com sua família e outros. Esse documento pode ser entregue ao médico pela família ou um amigo confiável, na internação. Pode começar assim: “A quem possa interessar: Caro Doutor...”. Frequentemente, após uma batida, em um acidente grave, ou no caso de

medicação administrada muito rapidamente, pode ser essencial ter um registro escrito de seus desejos. Em casos raros, pode até ser necessário remover o paciente de um hospital (a seu pedido escrito ou verbal), a fim de cumprir seus desejos.

Mentir e evitar a verdade

Tornou-se quase axiomático para alguns (não para todos, graças a Deus), em casos terminais, médicos mentirem para o paciente sobre a gravidade de sua doença. Com frequência eles vão aconselhar a família a fazer o mesmo. O conselho não é cristão, e dando-o, o médico não está dando conselho médico; está apenas aconselhando de uma perspectiva não cristã. Precisamos resistir a isso. Membros da família (especialmente os que não são salvos) também podem mentir ou ignorar, por completo, a questão da morte. Tais abordagens são pecaminosas e nunca podem ser toleradas pelos crentes. Claro, ninguém sabe o suficiente para ter *certeza* de que alguém está morrendo. Reversões extraordinárias do que pareciam ser doenças terminais ocorre o tempo todo. Algumas dessas ocorrem em resposta a oração, quando Deus acha por bem preservar uma vida. Outras ocorrem mesmo quando não se orou a respeito. Então, você nunca pode dizer a alguém que ele está morrendo.

Porém, a verdade deve ser dita ao doente. Deve ser dito a ele que, na respeitada opinião daqueles que o estão tratando, sua doença parece terminal. Não só ele tem o direito

de saber disso para que possa preparar-se para se encontrar com Deus, mas também a fim de lidar com qualquer assunto pendente com a família, amigos ou outros — especialmente, questões não resolvidas sobre irregularidades e perdão.

Os membros da família e os médicos podem ter de ser convencidos, e em casos extremos, confrontados, de forma a tornar isso possível. Mais uma vez, o desejo expresso do paciente de que a verdade seja dita, desejo dado a conhecer *antes que uma doença se instale*, é o mais poderoso argumento que alguém pode usar com pessoas que não aceitam as Escrituras como sua norma de fé e vida. Para aqueles que assim aceitam, deve ser observado que é proibido mentir. Como um cristão poderia justificá-la?

É claro, então, que o perdão final é uma questão importante a ser considerada por todos os cristãos. Tanto Jesus como Estêvão estavam preocupados com o perdão na hora da morte. E Paulo, diante da morte iminente sob o imperador romano, expressa uma preocupação semelhante (cf. 2Tm 4.16). Obviamente, há um precedente forte do Novo Testamento para tal preocupação. É por isso que o exorto *agora*, antes que o problema esteja diante de você, a discutir todos os aspectos da questão com seus entes queridos e a determinar maneiras de lidar com cada um deles, para que na hora em que a emoção tende a superar a razão, todos saibam exatamente o que fazer.

19. CONSEQUÊNCIAS CONTÍNUAS

Sei de uma mulher cristã que foi devastada pelo falso ensino de que o pecado, uma vez perdoado, não tem maiores consequências. Ela alega que foi defraudada por uma organização cristã. Quando os oficiais dessa organização pediram perdão a ela, ela os perdoou. Então, quando os pressionou para que lhe devolvessem o dinheiro que era dela, eles lhe disseram prontamente que, tendo-os perdoado pelos pecados deles, ela não tinha mais o direito de retorno dos fundos que foram pecaminosamente conseguidos por eles. O conselho de outro cristão, que ela consultou sobre o assunto, também confirmou a ideia de que o perdão do pecado significa que nenhuma consequência daquele pecado deve acompanhar um pedido de perdão. Ela foi informada de que a organização não tinha mais dívida para com ela. Como resultado desse ensino não bíblico, ela diz que sofreu perda financeira significativa, foi forçada a vender a própria casa, e nunca mais conseguiu recuperar um centavo.

Você dificilmente acreditaria em algo como isso, não é? No entanto, acontece, com maior frequência do que você pode imaginar, entre bem intencionados cristãos — mesmo entre os que são altamente instruídos e sabem muito sobre suas Bíblias. Parece haver confusão geral quanto ao assunto. O que a Bíblia ensina?

Lembre-se de que o perdão humano entre os membros da igreja de Cristo deve tomar, como modelo, o perdão que

receberam de Deus (Ef 4.32). Então, a pergunta é: “Será que Deus retém todas as consequências, depois de perdoar alguém?”.

Qualquer pessoa que tenha lido a história de Davi e Bate-Seba pensa diferente. Embora tenha perdoado a Davi o pecado cometido, Deus tomou a vida do filho de Davi. Por quê? Deus estava punindo Davi apesar do perdão?

Eu pensava que perdão significa que Deus promete não nos punir por nossos pecados, você pode objetar. Como pode ser isso?

Deus não estava punindo Davi ao tirar a vida do bebê, embora certamente a morte do seu filho tenha partido o coração de Davi. *Deus estava fazendo algo mais.* Essa é a verdade importante a ser compreendida quando se pensa sobre as consequências contínuas do pecado perdoado. Elas nunca são punição, embora às vezes possam ser bastante desagradáveis e causar complicações, dor ou tristeza. Mas esses são os efeitos colaterais, consequências incidentais que fluem de outra coisa.

No caso de Davi, tirando a vida da criança, Deus estava mostrando, às tribos pagãs que vinham se aproveitando do pecado de Davi, que ele é o Deus santo que não tolera o pecado, mesmo os de seus governantes. Ouça o que Natã disse a Davi, conforme registrado em 2 Samuel 12.13: “... o SENHOR te perdoou o teu pecado [claramente Deus havia perdoado Davi]; não morrerás [a punição pessoal foi retida]”.

Porém, Deus também disse: “Mas, posto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do SENHOR,

também o filho que te nasceu morrerá” (2Sm 12.14).

Outras consequências seguiram-se: “[...] não se apartará a espada jamais da tua casa [e haverá] da tua própria casa [...] mal sobre ti” (2Sm 12.10-11).

Novamente, a consequência que Deus pôs em movimento não foi concebida como uma punição para Davi. “Porque tu o fizeste em oculto, mas eu farei isto perante todo o Israel e perante o sol” (2Sm 12.12). Deus não estava voltando atrás em sua promessa de perdão. Por meio dessas consequências adicionais, ele alertava toda a comunidade da aliança: até mesmo o rei não pode pecar sem consequências. Deus estava usando o pecado de Davi como um aviso severo a todo o Israel.

O princípio fundamental que deve ser entendido quanto às consequências contínuas é este: *consequências contínuas sempre têm algum propósito bom e benéfico, que nunca deve ser entendido como punição a um pecador perdoado.*

Restituição — não punição, mas restauração

Vamos considerar um caso de roubo. Não é para *punir* o transgressor que ele deve devolver o que roubou — com juros — mas para *restituir*, a seu legítimo proprietário, o que foi levado dele; e mais: é como se tal remuneração adicional fosse cobrir o prejuízo e o transtorno ocasionados ao legítimo

proprietário no período em que ficou sem o objeto ou dinheiro que lhe foi tirado. A preocupação na restituição não é punir o transgressor perdoado, mas ajudar a pessoa injustiçada. Essa é a ideia fundamental por trás da restituição. Secundariamente, pode servir como um alerta aos que podem estar inclinados a roubar.

Aqui estão algumas das leis bíblicas sobre a restituição:

Disse mais o SENHOR a Moisés: Dize aos filhos de Israel: Quando homem ou mulher cometer algum dos pecados em que caem os homens, ofendendo ao SENHOR, tal pessoa é culpada. Confessará o pecado que cometer; e, pela culpa, fará plena restituição, e lhe acrescentará a sua quinta parte, e dará tudo àquele contra quem se fez culpado. Mas, se esse homem não tiver parente chegado, a quem possa fazer restituição pela culpa, então, o que se restitui ao SENHOR pela culpa será do sacerdote, além do carneiro expiatório com que se fizer expiação pelo culpado. Toda oferta de todas as coisas santas dos filhos de Israel, que trouxerem ao sacerdote, será deste e também as coisas sagradas de cada um; o que alguém der ao sacerdote será deste. (Nm 5.5-10)

Em todo negócio frauduloso, seja a respeito de boi, ou de jumento, ou de ovelhas, ou de roupas, ou de qualquer coisa perdida, de que uma das partes diz: Esta é a coisa, a causa de ambas as

partes se levará perante os juízes; aquele a quem os juízes condenarem pagará o dobro ao seu próximo. (Êx 22.9)

Se alguém der ao seu próximo dinheiro ou objetos a guardar, e isso for furtado àquele que o recebeu, se for achado o ladrão, este pagará o dobro. Se o ladrão não for achado, então, o dono da casa será levado perante os juízes, a ver se não meteu a mão nos bens do próximo. (Êx 22.7-8)

Se alguém der ao seu próximo a guardar jumento, ou boi, ou ovelha, ou outro animal qualquer, e este morrer, ou ficar aleijado, ou for afugentado, sem que ninguém o veja, então, haverá juramento do SENHOR entre ambos, de que não meteu a mão nos bens do seu próximo; o dono aceitará o juramento, e o outro não fará restituição. Porém, se, de fato, lhe for furtado, pagá-lo-á ao seu dono. Se for dilacerado, trá-lo-á em testemunho disso e não pagará o dilacerado. (Êx 22.10-13)

Se alguém pedir emprestado a seu próximo um animal, e este ficar aleijado ou morrer, não estando presente o dono, pagá-lo-á. Se o dono esteve presente, não o pagará; se foi alugado, o preço do aluguel será o pagamento. (Êx 22.14-15)

Em casos de morte, quando a restituição à pessoa ou a parentes próximos era impossível, a restituição “pertencia ao Senhor” e, assim, devia ser dada ao sacerdote (Nm 5.5-10). Presume-se, em tais casos, que a matéria secundária de

advertência torna-se a primária. Potenciais ofensores devem aprender com isso que Deus não vai tolerar o pecado. Embora alguém possa ser perdoado por seu ato pecaminoso e não ser punido por isso, ainda assim ele não pode desfrutar do fruto do seu pecado. Claramente isso é o que havia de errado com as instruções dadas à mulher mencionada no início deste capítulo. Permitir a continuidade do uso pecaminoso de propriedade ou de fundos daquela maneira só haveria de encorajar um pecado — a síndrome do perdão, de que pessoas sem escrúpulos querem tirar vantagem. Em longo prazo, uma pessoa ainda poderia sentir-se inclinada a obter o que desejasse, empregando meios pecaminosos.

Outro exemplo claro do princípio de consequências contínuas é encontrado em Números 14.20-23: “Tornou-lhe o SENHOR: Segundo a tua palavra, eu lhe perdoei. Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do SENHOR, nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz... não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais...”.

Aqui, à primeira vista, pode parecer que o que se tinha em vista era uma simples pena ou punição.^[44] No entanto, à medida que você analisa, com atenção, o contexto e as referências do Novo Testamento ao fato, você começa a ver que há realmente outra questão em vista. Em 1 Coríntios 10.6-11, lemos que o registro das relações de Deus com Israel no deserto foi feito para benefício da igreja de todas as eras posteriores. Mais uma vez, portanto, o propósito de Deus em

advertir outros estava, em primeiro lugar, na proibição de eles entrarem na Terra Prometida. Ele os perdoou (v. 20), porém, quis *nos* ensinar a não reclamar da providência de Deus. O escritor do livro de Hebreus concorda com a ideia em seu uso da passagem.

Ao reclamar, Israel tinha ido tão longe a ponto de dizer: “Tomara *tivéssemos morrido* na terra do Egito ou *mesmo neste deserto!*” (Nm 14.2, grifo do autor).

Proibindo-lhes a entrada, Deus estava enfatizando, para a igreja de anos depois, que reclamar é perigoso, que é melhor você ser cuidadoso com o que diz, porque “Por minha vida, diz o SENHOR, que, como falastes aos meus ouvidos, assim farei a vós outros. Neste deserto, cairá o vosso cadáver...” (Nm 14.28-29). Mais uma vez, as consequências relacionam-se, em grande parte, aos outros: “Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos...” (1Co 10.10).

Leis de restituição

Restituição é um conceito bíblico. Quando exigiu de Joaquim Gomes que pagasse às viúvas e a outros de cujo dinheiro ele abusara, José Dias não estava apenas fazendo um julgamento pessoal — ele estava invocando o precedente bíblico. No Antigo Testamento, há um conjunto bastante completo de leis dadas para a restituição. Vamos dar uma olhada, em forma de esboço, no que encontramos lá.

1. A Bíblia dá regulações e exemplos.
2. Em Êxodo 22.1, 4 a restituição está prescrita.
3. Em Lucas 19.1-9 (a história de Zaqueu) há um exemplo concreto de restituição espontânea.
4. No versículo 19 de Filemom, Paulo fala de reembolsar Filemom em nome de Onésimo, que havia sido convertido sob o ministério de Paulo. A palavra que ele escolheu é um termo técnico significando “pagar a multa”, e é usado na Septuaginta (a tradução grega do Antigo Testamento) para traduzir a palavra hebraica “restaurar” (mencionada a seguir).
5. Há uma palavra técnica do Antigo Testamento relacionada com a palavra paz, que significa “restaurar, fazendo tudo” (usada, por exemplo, em Êxodo 22). Significa que a paz é restaurada por restituição. Com o tempo, passou a significar “dar dinheiro, os montantes que foram estabelecidos pelos tribunais em ação judicial”. Eram, no entanto, valores definidos pelo julgamento dos tribunais *de acordo com a lei*. Os tribunais não tinham poder para definir multas arbitrariamente. E a arbitragem (hoje advogada erradamente, por alguns cristãos) não era uma opção. A lei do Antigo Testamento devia ser seguida. A tarefa dos tribunais era determinar se tal e tal ato ocorrera e, se a conclusão fosse pelo sim, qual lei bíblica se aplicava a ele. Havia nas Escrituras declarações explícitas sobre propriedade, amor e justiça, as quais se aplicavam a cada caso.
6. A restituição costumeira, se voluntária (aqui era um

incentivo para confessar e fazer o bem), exigia que se restituísse o item mais um quinto (cf. Lv 5.14-16; 6.1-5; 22.14; Nm 5.5-8).

7. Se involuntária, a restituição requeria, da pessoa pega, que pagasse o dobro (cf. Êx 22.4). Êxodo 22.1 nos diz que se a pessoa é pega e vendeu ou usou as mercadorias roubadas (por exemplo, um animal abatido), essa pessoa deve pagar quatro ovelhas por uma ovelha ou cinco bois por um boi.

8. Se o ladrão não tem dinheiro (Êx 22.3), ele deve ser vendido como escravo, servo, e efetuar os pagamentos.

9. Se a parte injuriada (ou um legítimo representante de sua família) não puder ser encontrada, então o pagamento deveria ser feito ao Senhor por meio do sacerdote (Nm 5.8).

10. O perdão paterno é ligado à restituição: Levítico 5.16-6.7. Expição, perdão e restituição eram partes de um processo.

11. As multas eram de dois tipos: (1) multas fixas, determinadas por estatuto (cf. Dt 22.19; 22.29); (2) multas indeterminadas eram determinadas pelos juízes em casos não explicitamente previstos na lei (Êx 21.22), no espírito da lei que fora dada.

Não trago à baila todo esse sistema como o código de leis que necessariamente deve ser seguido hoje, mas certamente os princípios devem ser seguidos, em espírito, tão de perto quanto a situação moderna permite, pela igreja à qual é atribuído o julgamento (1Co 6).

O fator crucial a se manter em mente é que a restituição tem como objeto não só a restauração da perda (incluindo juros em dinheiro ou em espécie, que cobriria um transtorno substancial, dano ou perda ocorrida como resultado do ato), mas também a remoção de todos os obstáculos à futura reconciliação entre ofensor e o injustiçado. No caso da mulher que afirmou ter sido defraudada por uma organização cristã, é claro que ambos os fatores eram operantes. Não só ela sofreu muito por causa da perda, mas porque o perdão não fora seguido de restituição, ela julgou impossível a reconciliação.

O fato interessante é que o próprio arrependimento genuíno leva à restituição — mesmo que outros não o exijam. Ninguém sequer sugeriu, muito menos ordenou a Zaqueu que restituísse. Foi ele que, voluntariamente, disse, “... resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais” (Lc 19.8).

Às pessoas cujo dinheiro foi tomado, cuja propriedade foi roubada, cujos nomes foram manchados por fofocas e difamações, um ofensor verdadeiramente arrependido vai querer automaticamente fazer a restituição de qualquer espécie que puder. Referindo-se ao crime que, para manutenção da lei e ordem pública, deve ser punido pelo Estado (mesmo que possa ter sido perdoado pelos indivíduos ofendidos), o apóstolo Paulo escreveu: “Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer...” (At 25.11). Note que Paulo não disse:

“Gostaria de pedir perdão, esperando, assim, evitar a pena de morte”.

Obviamente, quando perde um braço ou perna numa briga de bêbados, a pessoa não recebe um novo membro, como ressarcimento de um ofensor arrependido. Como resultado, o ofendido tem de aprender a lidar com a deficiência pelo resto de sua vida. Assim também, a pessoa envolvida numa causa com consequências não físicas deve aprender a fazer o mesmo. Mais tarde discutiremos como você pode mais do que apenas arranjar-se, mas por agora, considere o fato importante de que as consequências sobre as quais temos refletido são consequências divinas, não vingança humana.

As consequências mencionadas acima são estabelecidas por Deus, por meio das instruções e leis da sua Palavra, e exemplos dela, ou são consequências que Deus aplica por meio do trabalho de sua providência na esfera natural — por exemplo, a doença que levou à morte do filho de Davi. No entanto, além de conselhos e do exercício da disciplina eclesiástica, os quais devem estar de acordo com a Palavra, não é dado, ao povo de Deus — nem individual nem corporativamente — o direito ou a tarefa de determinar outras consequências. Isso elimina o elemento vingança, a qual pertence unicamente ao Senhor.

É verdade que a igreja tem de insistir na restituição, tem de dar instruções a respeito dela, e tem de exercer a disciplina eclesiástica quando membros se recusam a restituir o que pertence ao outro (tornando-se, assim, passíveis de ação

civil, se a disciplina for levada ao extremo). Mas a igreja tem de fazê-lo de acordo com as instruções e o espírito da Bíblia, nunca de forma arbitrária.

Não há, por exemplo, princípio bíblico que permita à igreja proibir um membro totalmente restaurado de cantar no coro por um período de seis meses, em liberdade condicional. Não há medidas probatórias encontrados na Bíblia em conexão com o perdão, então a igreja não deve decretá-las. Ela não tem poder para fazê-lo. Sua autoridade estende-se apenas à interpretação, à declaração, e à administração de princípios bíblicos e práticas de acordo com a disciplina eclesiástica; não é prerrogativa da igreja criar novas leis.

Lidando com consequências, produtivamente

Consequências contínuas podem tornar-se uma bênção, e é dever e privilégio do crente arrependido transformá-las, em tempo, numa bênção para todos os interessados — incluindo ele mesmo. Afinal, Paulo claramente declarou que “... mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.20). Isso significa que, em seus efeitos, a graça de Deus é muito maior que o pecado, que o mal pode ser transformado em bem. Por sua graça, o próprio Deus transformou o crime da Cruz na maior bênção que a humanidade já conheceu, ensinando-nos, assim, que nossas deficiências aparentes podem, por sua graça, ser transformadas em bens para seu reino. Motivados pela gratidão por sua bondade em nos perdoar, como podemos

fazer menos?

Um conselheiro bíblico meu conhecido usava, com regularidade, sua deficiência — duas pernas de madeira — como uma habilidade. Sentado atrás de sua mesa, ele permitiria que um aconselhado reclamasse dos seus problemas por algum tempo. Então ele empurraria sua cadeira de rodas, para o lado da mesa. Agora, sob visão completa do aconselhando, ele puxaria para cima as duas pernas das calças, cruzaria as pernas de madeira e diria: “Agora, vamos falar sobre os seus problemas”.

De maneiras similares, perdoadores e ofensores reconciliados devem concentrar-se em suas responsabilidades de maneira positiva, transformando-as em bens, tanto para viver a vida cristã — talvez como lembretes, se nada mais — quanto como meio de instruir e alertar outros. Portanto, mesmo essas consequências contínuas serão voltadas para a honra e o serviço de nosso Senhor.

Só tenho de mencionar Joni Eareckson Tada e Chuck Colson para indicar como esses dois servos de Cristo têm utilizado suas deficiências como habilidades. Ambos, é claro, são figuras nacionais, porém, mesmo em condições de menor destaque, *cada* cristão pode celebrar as possibilidades de redimir consequências para o Senhor. Algumas vezes, as consequências podem ser redimidas quase que imediatamente. Considere a seguinte história contada por Steve Brown:

Tenho uma amiga que há pouco tempo tornou-se cristã. Ela falhou miseravelmente entrando numa

relação sexual com um jovem que nada de errado via em fazer sexo com qualquer um que estivesse disposto. “Afinal”, disse ele, “é apenas uma necessidade normal como comer e fazer um exercício. Como poderia ser errado?”. Minha amiga apaixonou-se por esse tipo de idiotice e depois veio para meu escritório derramando seu coração em soluços. Escutei a confissão de minha amiga, e então lembrei-lhe a razão por que Cristo morreu por ela.

Em seguida, eu lhe disse: “Joan, você tem uma grande oportunidade de testemunhar para esse homem. Por que não vai até ele e lhe pede perdão por você ter traído Jesus, a pessoa mais importante em sua vida?”.

Ela fez isso, e ele não sabia como lidar com a questão.

Minha amiga foi até aquele homem e lhe disse: “Quero pedir-lhe perdão. Sexo é uma coisa bonita, e não posso dizer que não gosto de sexo, mas ontem à noite eu fiz algo muito pior do que dormir com você. Falhei em ser fiel a Cristo, que me ama. Difamei a crença central da minha vida. Estou perdoada e as coisas estão bem entre mim e Cristo, mas o ponto em que realmente falhei foi em não mostrar Cristo a você claramente. Quando dormi com você ontem à noite, meu maior pecado foi esconder Cristo. Você me perdoaria?”.

Aquele homem não é um cristão por causa do testemunho dela, mas está avaliando o assunto. Ela havia se tornado uma mendiga dizendo a outro mendigo onde encontrar pão, e aquilo foi muito diferente de um ator dizendo a outro ator onde ele pode atuar melhor e um pouco mais.^[45]

Certamente, nesse incidente você pode ver como o pastor Brown foi capaz de mostrar a Joan como redimir consequências para Cristo. Se devidamente motivadas e orientadas, as pessoas abusadas ou prejudicadas das mais variadas maneiras, todas podem chegar ao lugar onde, como José, podem olhar para trás e considerar o mal que Deus, por meio de sua obediência, transformou em bem (cf. Gn 50.15-21). Essa é a última palavra sobre consequências contínuas — longe de serem punições, ou mesmo deficiências contínuas, pela graça de Deus, elas podem transformar-se em bênçãos.

20. CULPA, AMOR, ALEGRIA, & PERDÃO

A palavra *culpa* vem aflorando ao longo deste livro. No entanto, desde o advento da psicologia moderna, as pessoas têm usado erroneamente a palavra culpa; nas mentes de muitos, a palavra já não mantém seu verdadeiro significado. Em que você pensa quando ouve a palavra “culpa”?

Se ultimamente não teve de comparecer a um tribunal, você pode pensar no sentimento miserável que lhe vem quando toma consciência de que fez alguma coisa errada. Apesar do mau uso do termo por psicólogos e pelas pessoas em geral numa era psicologizada, a palavra culpa *não* se refere a sentimentos.

Culpa e sentimentos de culpa

O que é culpa então? Culpa é culpabilidade — isto é, risco de punição. Portanto, Thomas Oden não é de grande ajuda quando define culpa psicologicamente, como “a memória de qualquer ação passada inconsistente com consciência e auto-compreensão moral”.^[46] Oden não está falando da culpa em si, mas do *senso* de culpa que alguém

experimenta quando peca. Quando reconhece e identifica o pecado em suas atitudes ou ações, a pessoa identifica uma sensação de doença ou mesmo de profunda dor interior. O sentimento de culpa é uma resposta orgânica do corpo, verdadeira, e desencadeada pela consciência. Seus sentimentos, que são sua percepção de seu próprio estado corporal, pega a emoção e a registra como um sentimento miserável.

Esse sentido subjetivo ou sentimento de culpa não é a culpa. Culpa é culpabilidade que pode ser objetivamente considerada por outros e reconhecida por si mesma. É o estado em que alguém se encontra diante de Deus e de outros, quando pecou — um estado de responsabilidade para com o castigo.

Uma pessoa pode ser culpada e ainda assim livre de tais sentimentos. Isso é o que Paulo quis dizer quando falou daqueles que se tornaram “insensíveis” (Ef 4.19), os quais “têm cauterizada a própria consciência” (1Tm 4.2). Ao desconsiderar continuamente as dores da consciência tais pessoas aprenderam a viver com elas e por fim já não as sentem. Sua consciência é como um pedaço de tecido com uma cicatriz, cauterizado ao ponto de já não sentir mais dor. Finalmente, a consciência falha e já não os faz mais conscientes de sua culpa.

Sempre que falo de “culpa” neste livro, quero referir-me a “possibilidade ou risco de punição”, não aos sentimentos desagradáveis que podem acompanhá-la. Mas perceba que a reconciliação adiada e repetidamente evitada

pode levar à falsa paz de uma consciência cauterizada. Portanto, experimentar ou não uma sensação de culpa é muito irrelevante. A única pergunta é: “Você é culpado?”. Se tiver ofendido alguém, fazendo (ou deixando de fazer) algo que a Bíblia proíbe (ou ordena), você é culpado — quer se sinta ou não como tal. Se tiver permitido que uma condição irreconciliável permanecesse entre você e um irmão, você é culpado — quer se sinta culpado, quer não. Em todos os casos em que existe culpa, você deve lidar com ela, independente da presença ou ausência de sentimentos desencadeados pela culpa. Em todo caso, a maneira de lidar com o senso de culpa não é atacando a sensação diretamente com drogas ou outros meios de fuga, mas lidando com a causa dos sentimentos — a própria culpa.

Perdão e amor

Como o perdão e o amor se relacionam? O perdão é concomitante ao amor. Não substitui o amor, nem pode ser substituído pelo amor, exceto nos incidentes nos quais o amor “cobre uma multidão de pecados” — casos em que o perdão não teria sido operativo de qualquer maneira.

O perdão é uma manifestação de amor, um modo de mostrar amor para com o outro. É uma manifestação do fato de que você quer harmonia, deseja entendimento mútuo, e está trabalhando, por amor, para alcançar ainda mais amor. Ao mesmo tempo que é um ato de amor, o perdão é também um caminho para aumentar o amor.

O amor, você deve se lembrar, não é primeiro um sentimento. Quando diz “Porque Deus amou ao mundo” e que Cristo “me amou e a si mesmo se entregou por mim”, a Bíblia não está falando de amor como sentimento mas, sim, de amor como doação. Fundamentalmente, amar é dar. Por isso é que você pode obedecer aos mandamentos bíblicos de amar, mesmo quando não sentir como fazê-lo:

“Amarás o Senhor, teu Deus”;

“Ama o teu próximo”;

“Maridos, amai vossas esposas”;

“Ama teu inimigo”.

Você pode amar seu inimigo ou seu cônjuge, mesmo quando não sente como, porque o amor (em essência) é *dar*. É por isso que as Escrituras lhe dizem: “... se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer” e “se tiver sede, dá-lhe de beber” (Rm 12.20). Mesmo quando sente vontade de fazer o contrário, você pode dar, em obediência a Deus. Você pode atender à necessidade do outro.

Se você pensa em perdão como um meio de dar a seu irmão aquilo de que ele precisa — perdão, reconciliação — então você será capaz de ver como pode perdoar, mesmo quando não se sentir capaz. Você verá que até mesmo encontros muito desagradáveis podem, em amor, ser conseguidos. A seguinte história, contada por Steve Brown, é um exemplo extremo. Nela, Steve narra seu conselho a um amigo pastor a respeito de um líder de igreja que vinha causando sérios problemas na igreja.

Eu disse: “Deixe-me dar-lhe uma palavra que você vai repetir para ele. Convide esse homem para ir a sua sala e diga-lhe: ‘Tenho tido profundo envolvimento com você. Antes deste encontro acabar, um de nós vai ceder’. Então diga a ele todas as coisas que ele tem feito para prejudicar a igreja. Diga a ele: ‘Esta não é sua igreja ou minha igreja, esta é a igreja de Deus, e ele não permitirá que você continue agindo mais dessa maneira’. Então diga-lhe que você é o agente de Deus para se certificar de que ele não vai mais fazer o que vinha fazendo.

Meu amigo pastor ficou pálido só de pensar nisso. Mas o problema era tão grande que ele estava disposto a fazer qualquer coisa. Dois dias depois, ligou: “Steve, você não acreditaria no que aconteceu. O membro da igreja que vinha dando à igreja tanto aborrecimento perguntou se eu o perdoaria. Ele disse que sabia que tinha um problema e pediu minha ajuda. Não só isso, ele disse que se eu fosse dar a ele outra chance, ele seria diferente. E mais: os dois irmãos dele vieram me agradecer pelo que fiz, e disseram que, em vinte anos, eu era o primeiro pastor a ter coragem de fazer o que precisava ser feito”.^[47]

Isso nem sempre muda as coisas, é claro. O amor pode ser desprezado como o próprio amor de Deus muitas vezes é desprezado. Porém, a parte que lhe cabe não é obedecer a

Deus só quando poderiam aparecer resultados agradáveis. Você tem de obedecer sem que tenha uma visão das possíveis consequências. Sua única preocupação deve ser fazer a coisa certa, da maneira certa.

O que você vê no incidente narrado por Steve Brown é um homem endurecido por seu próprio pecado, um homem com uma consciência cauterizada de repente despertado, pelo Espírito de Deus, para a realidade de sua situação. Foi o que aconteceu quando o filho pródigo “caiu em si” na terra distante. Antes disso, ele estava vivendo uma vida fantasiosa de auto-engano. Muitas vezes, os outros devem ser confrontados ousadamente em amor (não com espírito de vingança), a fim de executar o perdão. Lembre-se de Davi e Natã (2Sm 12.7), e Pedro e Simão (At 8.18-24).

Perdão e alegria

Uma vez que sentimentos são desnecessários para a culpa, o perdão e o amor, eles têm, afinal de contas, algum lugar? Certamente! Há um sentimento que deve acompanhar sempre a reconciliação — a alegria!

Tem de haver alegria transbordando do perdão dos pecados. Enquanto o processo em si pode ser uma experiência solene e, às vezes, chorosa, o resultado sempre deve ser alegre.

Os anjos no céu alegram-se com o arrependimento e o perdão de um pecador; você também deve fazer o mesmo (Lc

15). Se não houver alegria transbordante na reconciliação, alguma coisa está errada em você, na outra parte, ou em ambos. As congregações devem abraçar uns aos outros em alegria chorosa quando grandes fardos de pecado e culpa lhes são retirados. Amigos devem celebrar quando um mal-entendido que os havia separado é esclarecido. Congregações devem oferecer uma recepção alegre a um membro que, tendo pecado, fora disciplinado por meio do afastamento da membresia da igreja, quando ele se arrepende e retorna. Alegria — nada menos — deve ser o resultado do perdão.

O que impede a alegria? Pode haver outros, mas dois fatores destacam-se: ignorância e falta de sinceridade.

A ignorância pode assumir várias formas. A falta de alegria pode resultar de ignorância sobre o que é o perdão, levando à substituição do pedido de perdão por um pedido de desculpas ou por algum outro substituto inadequado. A falta de alegria pode vir da ignorância de algum aspecto do processo de perdão, resultando em mais complicações e dificuldades. Fazer a coisa certa da maneira errada pode frustrar bons propósitos.

A falta de sinceridade do que confessa o pecado ou do que promete o perdão pode causar falta de alegria. Quem pode ser feliz enquanto secretamente mantém ressentimentos? Quem pode alegrar-se numa reconciliação que não está de todo ansioso por concretizar?

Se uma tentativa de se reconciliar por meio do perdão falha em produzir alegria tanto em você quanto na outra parte, pergunte o porquê. É ignorância ou falta de sinceridade?

Busque a razão e, em arrependimento e perdão, corrija isso.
Então, perdoe e se alegre!

CONCLUSÃO

Agora você já leu este livro completamente. Espero que o tenha achado informativo. Espero que ele o tenha ajudado a endireitar quaisquer equívocos que você possa ter tido e que lhe tenha permitido desenvolver um conhecimento mais completo, mais consistente e prático do perdão bíblico.

No entanto, se isso é tudo o que aconteceu, eu provavelmente falhei com você. Se este livro não o levou a fazer um balanço de sua própria vida, seus relacionamentos com os outros e com Deus, então eu *falhei*.

Se você começou a se preocupar com várias omissões e ações não bíblicas em seus relacionamentos com os outros e com quaisquer erros e injúrias que possa ter infligido aos outros e que não tenham sido confessados ou perdoados, então este livro pode ter servido a um propósito útil. E se você percebeu que há problemas não sanados em relacionamentos entre você e outros, problemas a respeito dos quais você conseguiu perceber que nada fez, isso também pode ser um resultado proveitoso.

No entanto, num balanço não é suficiente arrepender-se das falhas; você precisa realmente obedecer a Deus e fazer o que for adequado à sua situação.

“Mas por onde começo? E como faço isso?” — você pergunta.

Esta é a minha sugestão: pegue uma folha de papel e

desenhe duas linhas de cima para baixo, fazendo três colunas iguais. Então, no alto da primeira coluna, escreva: PESSOAS A QUEM OFENDI E A QUEM NÃO PEDI PERDÃO

Acima da segunda coluna, escreva: PESSOAS COM QUEM NÃO TRATEI DOS ERROS QUE NOS SEPARARAM

Acima da terceira coluna, escreva: PESSOAS QUE ME RECUSEI A PERDOAR

Não pense que você tem de preencher cada coluna. Pode não haver um nome que você se sinta inclinado a colocar numa ou duas das colunas. Porém, qualquer cristão que não tenha sido informado sobre os prós e contras do perdão, e que por um período de tempo tem sido parte de um lar e ou de uma igreja cristã, provavelmente achará necessário inserir alguns nomes em pelo menos uma das colunas.

Ore fervorosamente antes de fazer suas listas. Então, de uma forma consciente, liste em cada coluna apropriada todos aqueles com quem você sabe que não cumpriu sua obrigação cristã. Próximo ao nome da pessoa anote numa ou duas palavras a natureza da ofensa que deve ser tratada.

Ao colocar nomes na coluna 1, esteja seguro de que os erros que você listou como tendo cometido contra alguém são verdadeiramente transgressões contra aquela pessoa. Pensamentos ou atitudes pecaminosos não são questões para discussão. Devem ser discutidos com Deus, e se tiver problemas para superá-los, você deve procurar ajuda de seu pastor.

Ao listar os nomes na coluna 2, se você, de novo, acusa alguém de um erro, esteja certo de que é uma ofensa contra você a qual você identifica com clareza e não alguma suposição de sua parte sobre como *você* pensa que alguém *mais* pensa. No entanto, pode ser verdade que você não saiba o que o tenha separado daquela pessoa. Nesse caso vá e descubra mais sobre o problema.

Finalmente, na terceira coluna, assim como nas duas primeiras, não deve haver nenhum problema. Alguém chegou a você, dizendo: “Eu me arrependo” (ou palavras nesse sentido). E você se recusa a perdoá-lo. Isso é, obviamente, uma ofensa visível de sua parte.

Tudo bem. Você tem suas colunas de nomes. O que vem depois?

Em seguida, estabeleça uma ordem de prioridade para entrar em contato com essas pessoas e, encabeçando a lista, os nomes das pessoas com quem você *menos* quer entrar em contato.

Então, antes de fazer a primeira ligação para marcar um encontro, ore sobre o contato pedindo a Deus para abençoar até mesmo o telefonema. Telefone para cada pessoa segundo a ordem estabelecida e marque um encontro para conversarem. Um lugar neutro, como um restaurante, é muitas vezes o melhor lugar para se encontrarem. Aí, a maioria das pessoas é contida em sua conduta. É difícil você ou a outra pessoa expressarem raiva num lugar público. Isso por si só deve ajudar. Além do mais, você não está nem no terreno da outra pessoa, nem no seu, não dando a nenhum dos dois uma

sensação de “vantagem” sobre o outro. Quando a outra parte pergunta por que você deseja se encontrar com ela, não entre numa discussão por telefone. Diga simplesmente: “O assunto é muito importante para discutir por telefone” ou “Eu realmente gostaria de falar com você pessoalmente sobre o assunto, em vez de tentar tratar da questão por telefone”.

Então cumpra seus compromissos, um por um. Em cada caso, faça o que Deus requer de você. Se você não está completamente certo de sua responsabilidade, então releia as seções pertinentes deste livro. Continue a trabalhar na lista até que não haja nomes restando.

Você se surpreenderá com o que essa atitude vai fazer por sua vida e como ela vai abençoar aqueles de quem você se aproxima. Se uma ou mais dessas pessoas não reagir apropriadamente, não desista. Continue tentando entrar em contato com a pessoa para trabalhar na questão. Se no decorrer do processo você é totalmente rejeitado, a pessoa se recusa a recebê-lo, bate a porta na sua cara, enrola-o, ou diz “Não quero ouvir mais nada sobre isso”, então você precisa chamar uma ou duas outras testemunhas para, seja como for, encontrarem-se com essa pessoa. Isso é o que Mateus 18.15ss. exige. Pelo menos, no início, você tem de fazer disso uma questão de disciplina informal.

Tendo esclarecido todos os assuntos que pairaram sobre você por algum tempo, você vai querer manter sua prestação de contas, em dia, para o futuro. O próprio processo de passar pelas entrevistas e as experiências envolvidas (o que certamente não será totalmente agradável) deve, em si, ajudá-

lo a compreender a importância de se manter atualizado. Nunca permita que tais assuntos se acumulem novamente.

Em tudo isso peça o perdão de Deus primeiramente, e o do homem depois. Nunca dê início a um encontro, estando despreparado espiritualmente. Tire um tempo para orar e ler as Escrituras antes de ir. Mesmo quando você tiver falhado em confrontar alguém a respeito dos erros que ele cometeu contra você, comece pedindo-lhe perdão por você ter retardado a tentativa de reconciliação. Em tudo isso, mantenha um espírito humilde e dócil.

Quando retorna de um país estrangeiro, você deve passar pela imigração antes de deixar o aeroporto. O oficial da imigração vai lhe perguntar: “Você tem algo para declarar?”. Antes de entrar na presença de seu Pai Celestial, ele faz a mesma pergunta: “Você tem algo para declarar?”. Ele não vai ouvi-lo, se você se recusa a perdoar os outros e se vai levando sua vida sem buscar reconciliação com eles.

Você tem algo para declarar? Coloque-o em sua lista e lide com a questão de modo que possa dizer livremente ao Pai: “Não. Todas essas questões estão esclarecidas de uma vez por todas”.

[1] Perguntaram a Martinho Lutero se sentia que seus pecados foram perdoados. Ele respondeu: “Não, eu não sinto que eles estão perdoados; eu sei que eles estão perdoados, porque Deus assim o diz em sua Palavra” (Walter Maier, *Full Freedom from Fear*; in *20 Centuries of Great Preaching*, v. 2 (Waco, Texas: Word Books, 1971), p. 52).

[2] Em outros pontos da Escritura, “lembrar-se” significa trazer e lidar com (talvez, até mesmo para punir) os pecados dos outros. Veja 3 João 10, onde, porque

Diótrefes recusara-se a acatar o conselho e o aviso de João, João declara que, quando Diótrefes chegar, João vai “lembrar” as coisas que Diótrefes fez e com base nelas lidar com ele. No Salmo 25.7, Davi quer que Deus “não se lembre” dos pecados de sua juventude. Ou seja, ele quer que Deus não o julgue por eles, porém, os perdoe. Por outro lado, Davi pede a Deus para “lembrar-se” (lidar com ele) dele em misericórdia (cf. Sl 79.8).

[3] Lewis B. Smedes, *Forgive and Forget* (San Francisco: Harper and Row, 1984), p. 148.

[4] David Augsburger, *The Freedom of Forgiveness* (Chicago: Moody Press, 1970), p. 36.

[5] Betty Tapscott, *Set Free Through Inner Healing* (Houston: Hunter Ministries Pub., 1978), p. 140.

[6] Betty Tapscott, *Set Free Through Inner Healing* (Houston: Hunter Ministries Pub., 1978), p. 148.

[7] Betty Tapscott, *Set Free Through Inner Healing* (Houston: Hunter Ministries Pub., 1978), p. 154.

[8] Roger Hurding, *The Tree of Healing* (Grand Rapids: Zondervan, 1985), p. 380.

[9] Carlos Velazquez-Garcia, *The Patient Forgives His Parents, A Clinical and Theoretical Exploration*. Dissertação apresentada na Universidade de Nova Iorque, n.d.: p. 2.

[10] “Coração”, na Bíblia, não significa “sentimentos” ou “emoção”, como faz nossa cultura ocidental. Cecil Osborne, por exemplo, erra por não entender isso quando diz que perdoar de coração significa “num profundo nível emocional” [*The Art of Getting Along with People* (Grand Rapids: Zondervan, 1980), p. 174 (cf. p. 104)]. Pelo contrário, coração significa a pessoa interior, a vida que é vista por Deus. Portanto, dizer ou fazer algo “do coração” é dizer ou fazer não apenas exteriormente, de forma hipócrita, mas genuína ou sinceramente. No entanto, isso não é dizer, como Horn e Nicol [*The Kid Behavior Changer*, (Riverside, California: Abba Press, 1984), p. 36], que “perdão é uma condição do coração”, e, portanto, concluir que “é uma decisão que podemos tomar sem que a pessoa que nos ofendeu esteja ciente dela”. Embora o perdão *comece* com uma atitude de coração, também deve ser concedido como uma promessa. Para discussão detalhada do uso do termo “coração” nas Escrituras, veja meu livro *A Theology of Counseling* (Grand Rapids: Zondervan, 1986).

[11] Frank Minirth e Paul Meier, *Happiness Is a Choice* (Grand Rapids: Baker,

1978), p. 154. Quando Smedes (*Forgive and Forget*, p. 75) diz: “Também é difícil perdoar pessoas que não se importam se nós as perdoamos ou não”, seus argumentos são fracos. Não é uma questão de ser ou não difícil, mas de ser ou não certo agir assim. Visto que a Bíblia exige pelo menos uma afirmação de arrependimento, é errado e, portanto, pecaminoso conceder perdão àqueles que não se importam.

[12] Smedes, *Forgive and Forget*, capítulo um.

[13] Quando o papa João Paulo II visitou a cela de prisão de seu pretenso assassino, Mehemet Ali Agca, e supostamente “o perdoou”, seu ato não foi um exemplo de perdão bíblico. Até onde é conhecido, Agca não se arrependeu nem pediu perdão por seu pecado. Ele não satisfaz as condições para o perdão.

[14] G. K. Chesterton, *Autobiography* (London: National Book Association, 1936), p. 181.

[15] *An American Commentary*

[16] Certamente é triste ver um uso tão descuidado e sem sentido da palavra, como esta: “Perdoe seu adolescente por estar com catorze anos” [Joyce Landorf, *I Feel Like I Know You* (Wheaton, Illinois: Victor Books, 1976), p. 133]. Perdão é um termo muito importante para um cristão usar tão levemente.

[17] Howard Hart, *Truth vs. Tradition* (Vancouver, WA: Herald Pub. Co., 1987), p. 76.

[18] David Augsburger, *The Freedom of Forgiveness* (Chicago: Moody Press, 1970), p. 36.

[19] Certamente, a distinção essencial (embora sem a nuance judicial paterna) já se encontra em Agostinho. Trench diz que, de acordo com Agostinho, na oração do Senhor, o pedido de perdão “não se refere ao grande perdão [que tenho chamado de perdão judicial], o qual é assegurado como uma coisa passada... Agostinho identifica isso mais aos pecados de uma enfermidade diária...”. Veja R. C. Trench, *Exposition of the Sermon on the Mount: Drawn from the Writings of St. Augustine* (London: Macmillan, 1869), p. 254.

[20] *Sacred Books of the East* (New York: P.F. Collier & Son, 1900), p. 126.

[21] David Augsburger, *Freedom of Forgiveness*, p. 64. A preocupação de Augsburger foca no “alívio” do agressor apenas. Esse é o interesse psicológico (note especialmente o jargão psicológico, “sentimentos de culpa”, e o interesse do autor pelos sentimentos de culpa em vez de interesse pela culpa em si). A preocupação bíblica, como veremos num capítulo posterior, é com aquele que foi

injustiçado.

[22] Tapscott, *Set Free*, p. 35. Lewis Smedes escreve: “Será que Deus se aborreceria muito com o fato de encontrarmos a nossa paz, perdando-o pelas injustiças que sofremos?” (*Forgive and Forget*, p. 112). E continua: “Penso que precisamos poder perdoar a Deus, afinal. De vez em quando, mas não com frequência. Não por causa dele. Por nossa causa!” (p. 119). Assim, esse é um ato insincero e auto-ilusório, inventado apenas como um movimento terapêutico. A psicologia tem de fazer o que quer, mesmo à custa de uma doutrina chocantemente ruim.

[23] Helen Smith Shoemaker, *The Secret of Effective Prayer* (Waco, Texas: Word Publishing, 1967), p. 79.

[24] Tapscott, *Set Free*, p. 121.

[25] Tapscott, *Set Free*, p. 157.

[26] Ron Lee Davis, *A Forgiving God in an Unforgiving World* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1978), p. 33.

[27] William G. Justice. *Guilt and Forgiveness* (Grand Rapids: Baker Book House, 1981), p. 143.

[28] J.I. Packer, *Soldier, Son, Pilgrim: Christian Know Thyself*. In: *Eternity* (April, 1988), p. 33.

[29] Smedes, *Forgive and Forget*, p. 97. Francamente, não consigo entender o porquê; eu gostaria que ele tivesse nos contado. Ele se torna arrebatador quando trata de auto perdão. “Perdoar a si mesmo — quase o milagre supremo da cura” (p. 100).

[30] Certamente, em harmonia com o sentido geral das Escrituras sobre a questão, Provérbios 16.2, 19.12 dão suporte à ideia de que todos estamos sempre prontos a nos justificar por estarmos tão bem-dispostos em relação a nós mesmos.

[31] J. M. Brandsma, *Forgiveness*. In: *Baker Encyclopedia of Psychology* (Grand Rapids: Baker Books, 1985), p. 426.

[32] Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*. Vol. 7 (Dallas: Dallas Theological Seminary, 1948), p. 161.

[33] *Ibid.*, p. 45.

[34] Richard P. Walters, *Forgive and Be Free* (Grand Rapids: Zondervan, 1983), p. 7. Noutra parte, ele escreve: “Portanto, perdoar deve ser bom para nós; e é!” (p.

23).

[35] Karl Menninger, *Whatever Became of Sin?* (New York: E.P. Dutton, 1973), p. 13.

[36] Augsburg, *Freedom of Forgiveness*, pp. 26-27.

[37] Carroll A. Wise, *Psychiatry and the Bible* (New York: Harper and Row, 1956), p. 88.

[38] Carroll A. Wise, *Psychiatry and the Bible*, p. 88.

[39] Carroll A. Wise, *Psychiatry and the Bible*, p. 87.

[40] John Murray, *Collected Writings*. Vol. 3. (Edinburgh: Banner of Truth, 1982), p. 191.

[41] Antes de Pentecostes, a igreja se considerou já organizada. Compare a linguagem e as preocupações do corpo (o qual olhava para si mesmo como um corpo) em Atos 1.15-17, 22-26. Claramente, a igreja fala de si mesma como uma organização.

[42] Ao contrário do bobo da corte, condenado à morte, mas tendo concedido pelo rei o direito de escolher a maneira de morrer, você pode não ser capaz de dizer: “Eu escolho morrer de velhice!”.

[43] Veja Adolphe Monod, *A Dying Man's Regrets* [*Arrependimentos de um homem morrendo*] (Calvary Press, 1992), para alguns no leito de morte.

[44] A palavra inglesa *forgive* [*perdoar*] é um composto das palavras *give* [*dar*] e *for* [*para*], partícula que significa “falha ou recusa” em fazer algo. Portanto, *perdoar* veio a significar recusa em dar a punição que é (de outra forma) devida. A culpa, que significa culpabilidade ou responsabilidade para punição é, portanto, removida pela promessa de não se lembrar (isto é, de não punir).

[45] Stephen Brown, *No More Mr. Nice Guy* (Nelson: Nashville, 1986), pp. 90-91.

[46] Thomas Oden, *Guilt Free* (Nashville: Abingdon, 1980), p. 63. Na verdade, Oden deveria ter dito: “... qualquer lembrança desagradável...”.

[47] Stephen Brown, *No More Mr. Nice Guy*, pp. 140-141.